



STEPHANIE MARTINS DE SOUSA

GUERRA E AUTORIDADE EM PROCÓPIO DE CESAREIA: UM ESTUDO  
COMPARADO DOS LÍDERES POLÍTICO-MILITARES NA *HISTÓRIA DAS  
GUERRAS*

MARIANA

2017

STEPHANIE MARTINS DE SOUSA

GUERRA E AUTORIDADE EM PROCÓPIO DE CESAREIA: UM ESTUDO  
COMPARADO DOS LÍDERES POLÍTICO-MILITARES NA *HISTÓRIA DAS  
GUERRAS*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da  
Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial  
à obtenção do grau de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Ideias, Linguagens e Historiografia.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Duarte Joly

MEMBROS DA BANCA:

FÁBIO DUARTE JOLY

FÁBIO FAVERSANI

RENATO VIANA BOY

MARIANA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

2017

S725g

Sousa, Stephanie Martins de.

Guerra e autoridade em Procópio de Cesareia [manuscrito]: um estudo comparados dos líderes político-militares na obra História das Guerras / Stephanie Martins de Sousa. - 2017.

94f.:

Orientador: Prof. Dr. Fábio Duarte Joly.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.

Área de Concentração: História.

1. Justiniano I, Imperador Bizantino, 483?-565. 2. Procopio. 3. Império Bizantino. 4. Imagem. I. Duarte Joly, Fábio. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 94(3)(043.3)



Stephanie Martins de Sousa

“Guerra e autoridade em Procópio de Cesareia: um estudo comparado dos líderes político-militares na *História das Guerras*”

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.



**Prof. Dr. Fábio Duarte Joly**

Departamento de História/UFOP



**Prof. Dr. Fábio Faversani**

Departamento de História/UFOP



**Prof. Dr. Renato Viana Boy**

Departamento de História/UFS

---

## AGRADECIMENTOS

Para a realização desta pesquisa foram fundamentais as contribuições de diversas pessoas e instituições. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha mãe, pelo amor, carinho e apoio incondicional. Por ser mais que minha mãe, mas também minha amiga, companheira e pai. À minha irmã Karolinne e minha madrinha Odete, que, apesar da distância, sempre estiveram ao meu lado, sem o qual o esforço enorme que resultou no presente trabalho não seria possível.

Ao meu orientador Fábio Duarte Joly por me acompanhar durante todo o percurso desse projeto. Sua paciência, sabedoria, exemplo e respeito foram essenciais para mim em todos os momentos deste mestrado. Ao Professor Fábio Faversoni, que me orientou no início desta pesquisa, pela atenção e por contribuir com o meu enriquecimento pessoal e profissional. Ao Professor Celso Taveira, pela amizade, exemplo e por me apresentar ao fascinante universo da história bizantina. Ao Professor Renato Viana Boy, por aceitar participar da minha banca de qualificação e de defesa. Sua ajuda bibliográfica e os apontamentos na qualificação foram cruciais para a finalização desta pesquisa.

Agradeço também ao Professor Marcelo Rangel, por ter me dado oportunidade de trabalhar como bolsista na Pós-Graduação. Pela paciência, exemplo, amizade e atenção. A Rita e Janaina pela amizade e carinho.

Às minhas grandes amigas, que sempre estiveram ao meu lado, me proporcionando os melhores momentos e sorrisos, em especial: Jumara, Baiano, Vanessa, Juliana, Aninha, Nayara, Lula, Leonardo, Vinícius, Mayra, Pato, Caroles, Deborah, Mamede, Caroline Morato e Jéssica.

Presto minha gratidão a Jumara, Mamede, Vanessa e Lula pela leitura e ajuda com a redação da dissertação e no projeto de doutorado. Aos amigos da Oficina de Paleografia UFOP, Caroles, Tércio Veloso, Verônica e Luiz Gustavo, pelo companheirismo e amizade. Aos colegas do LEIR-UFOP, sou profundamente grata pelos debates, colóquios e risadas.

Por fim, obrigada a todos que de uma forma ou de outra estiveram presentes em algum momento desta minha jornada, que riram comigo, que se preocuparam com as minhas inquietações, que estiveram ao meu lado nos momentos mais diversos possíveis.

## RESUMO

Procópio de Cesareia (490-562) foi um historiador bizantino que escreveu a coleção de livros intitulada *História das Guerras*, publicada entre 551 e 554. Nessa obra são narradas as campanhas militares promovidas pelo imperador Justiniano no século VI, com o objetivo reestabelecer o controle político nos antigos os territórios do Império Romano perdidos para os povos germânicos (godos, vândalos, lombardos e francos) nas fronteiras da Europa Ocidental, do norte da África e contra os persas no Oriente. Essas campanhas militares trouxeram consequências de ordem política e cultural na medida em que almejavam um império cujas fronteiras agregavam diversos povos e territórios. Tal marca do governo de Justiniano não envolveu apenas uma política de restauração territorial, mas incluiu também, no plano ideológico, determinadas concepções do poder imperial para legitimar sua posição em Bizâncio.

A hipótese desta dissertação é que, nessas elaborações acerca da autoridade política, o contraste com os povos bárbaros enfrentados no momento teve um papel fundamental. Procópio constrói, em sua narrativa das guerras, uma série de imagens das lideranças políticas envolvidas nas lides bélicas com o intuito de compor exemplos positivos e negativos a serem considerados por Bizâncio. O projeto historiográfico de Procópio teria assim uma forte vinculação como uma discussão mais ampla sobre o poder imperial no Império Bizantino.

**Palavras-chave:** Justiniano, Procópio de Cesareia, Imagem, Império Bizantino

## ABSTRACT

Procopius of Caesarea (490-562) was a Byzantine historian who wrote the collection of books entitled *History of the Wars*, published between 551 and 554. In this work are narrated the military campaigns promoted by the emperor Justinian in the sixth century, with the objective of reestablishing political control in the former territories of the Roman Empire lost to the Germanic peoples (Goths, Vandals, Lombards and Franks) on the borders of Western Europe, North Africa and against the Persians in the East. These military campaigns brought political and cultural consequences as they aimed at an empire whose borders covered various peoples and territories. Such a mark of Justinian's government did not only involve a policy of territorial restoration, but also included, on the ideological plane, certain conceptions of imperial power to legitimize his position in Byzantium.

The hypothesis of this dissertation is that, in these elaborations about political authority, the contrast with the barbarian peoples faced at the time played a fundamental role. Procopius elaborates, in his narrative of wars, a series of images of the political leaders involved in the war effort with the intention of composing positive and negative examples to be considered in Byzantium. The historiographical project of Procopius had a strong connection as a broader discussion of imperial power in the Byzantine Empire.

**Keywords:** Justinian, Procopius of Caesarea, Portrait, Byzantine Empire

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1- PROCÓPIO DE CESAREIA: PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS SOBRE O AUTOR E SUAS OBRAS .....	5
1.1 - Apresentação do <i>corpus</i> procopiano .....	6
1.1.1 - A <i>História das Guerras</i> .....	6
1.1.2 - <i>Sobre os Edifícios</i> .....	13
1.1.3 - A <i>História Secreta</i> .....	15
1.2 – O debate historiográfico sobre a <i>História das Guerras</i> e Procópio de Cesareia 17	
1.3 – O estilo clássico na <i>História das Guerras</i> .....	22
1.4 – A construção das imagens das Lideranças .....	28
CAPÍTULO 2 – A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DOS LÍDERES POLÍTICO-MILITARES NA <i>HISTÓRIA DAS GUERRAS</i> .....	34
2.1 – Análise dos conceitos de “bárbaro” e “romano” .....	34
2.2 – O retrato dos monarcas bárbaros segundo Procópio de Cesareia .....	42
2.2.1 – Reis Persas .....	42
2.2.2 – Reis Vândalos .....	51
2.2.3 – Reis Godos.....	58
CAPÍTULO 3 – PROCÓPIO E JUSTINIANO: UMA AVALIAÇÃO DAS AÇÕES IMPERIAIS .....	66
3.1 – A construção da imagem do imperador Justiniano na <i>História da Guerras</i> .....	70
3.2 – Os generais bizantinos Belisário e Narses: uma avaliação das ações imperiais 77	
CONCLUSÃO.....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	86



## INTRODUÇÃO

*Então apareceu o imperador Justiniano, confiado por Deus com esta comissão, para vigiar todo o Império Romano e, na medida do possível, refazê-lo. (PROCOPIUS. Aed. 2.6.6)*

A presente dissertação tem como tema o historiador bizantino Procópio de Cesareia e a sua obra *História das Guerras*, que relata as campanhas militares empreendidas pelo imperador Justiniano no Norte da África, na Península Itálica e na Pérsia, que tinham como objetivo recuperar o controle político-militar nestas regiões. De acordo com Charles Diehl, o imperador bizantino considerava-se sucessor legítimo e continuador dos Césares, e pretendia ser o único a ostentar este posto. Seu governo tinha dois grandes ideais: a restauração das antigas fronteiras do Império, que estavam sob o controle dos povos bárbaros, e a unificação religiosa. Apesar de seus sucessos militares e da sua intensa atividade evangelizadora, ele não conseguiu a unificação religiosa que tanto desejava e os seus sucessores falharam em manter o controle sobre as regiões que haviam retornado ao domínio do Império. Porém, as lembranças desses grandes empreendimentos continuaram vivas em Bizâncio. No século X, os romanos se referiam ao imperador como Justiniano o Grande e no XII, Manoel Comneno se orgulhava de ser chamado de o “novo Justiniano”.<sup>1</sup>

Além da *História das Guerras*, Procópio é autor de mais dois trabalhos, a coleção intitulada *Sobre os Edifícios* e a *História Secreta*. No primeiro, publicado em 558, o historiador exalta o imperador e suas obras públicas. Por isso é repleto de elogios a Justiniano, de listas imprecisas sobre trabalhos de restauração e construção realizados em Constantinopla e nas regiões mais afastadas da capital do Império. Na *História Secreta*, o autor se propôs a relatar os acontecimentos que não pôde escrever em suas narrativas das guerras e não poupa críticas ao casal imperial, Justiniano e Teodora, assim como a Belisario, principal general que esteve à frente dos combates, e a sua esposa Antonina. Segundo Edward Gibbon, Procópio “sucessivamente compôs a história, o panegírico e a sátira de seu próprio tempo”<sup>2</sup>. Averil Cameron destaca

---

<sup>1</sup> DIEHL, Charles. *Os grandes problemas da história bizantina*. São Paulo: Editora das Américas, 1961, p.37-38.

<sup>2</sup> GIBBON, Edward. *The history of the decline and fall of the Roman Empire*. Boston: Phillips, Sampson, and Company, 1985, p. 46.

que as obras do historiador são o filtro pelo qual os estudiosos veem o governo de Justiniano e, apesar da sua importância, ainda há poucos estudos sobre Procópio.<sup>3</sup>

O objetivo desta pesquisa é analisar a construção da imagem dos líderes político-militares na obra *História das Guerras*, para isso vamos examinar como o autor descreveu o governo do imperador Justiniano e os reis bárbaros envolvidos nas lides bélicas, assim como a suas relações com Bizâncio, com o intuito de demonstrar o que seria um bom ou mau governante. Seguindo uma tradição que remonta à historiografia greco-romana, Procópio utiliza-se das figuras dos líderes bárbaros para advogar modelos aceitáveis ou recusáveis de conduta frente a seus governos. Veremos, que ao contrário de Justiniano que vai sendo descrito de forma mais crítica ao longo da narrativa, alguns reis bárbaros passaram a serem vistos de uma maneira mais positiva, como resultado de uma transformação na forma pela qual Procópio compreendia o poder imperial e o governo do imperador.

Ao longo da antiguidade as imagens constituíram importantes recursos de comunicação e persuasão nos âmbitos político e cultural em processos que se vinculavam tanto à sustentação quanto à conquista do poder. Justiniano adotou diversas medidas para legitimar e promover a sua autoridade, utilizando-se de diversos recursos imagéticos e retóricos para enfatizar suas conquistas político-militares, associar a sua imagem a uma devoção divina e para ser reconhecido como um grande governante. A divulgação dos vícios e virtudes do imperador poderia não somente eterniza-lo, mas também legitimar seu poder e suas ações. Por isso, a noção de *exemplum* foi de extrema importância para a nossa análise. Compreendemos os *exempla* como arquétipos morais, sendo o seu principal objetivo estimular a emulação ou, em contrapartida, condenar o comportamento vicioso. Além de serem modelos de conduta também serviam de base para avaliações dos eventos do presente. Um *exemplum*, mais que um simples exemplo de um personagem que compõe a narrativa, é, antes de tudo, um modelo moral de conduta a ser emulado, caso positivo, ou rejeitado, caso negativo. Portanto, a utilização dos *exempla* foi extremamente importante no processo de persuasão e verossimilhança da narrativa antiga, pois a caracterização dos vícios e virtudes dos personagens ligavam-se diretamente às ações e aos feitos históricos<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> CAMERON, Averil. *Procopius and the Sixth Century*. London: Duckworth, 1996, p. x.

<sup>4</sup> Cf: DAITZ, 1960; MARINCOLA, 1997; WIEDEMANN, 2008.

Dessa forma, com o objetivo de compreender a descrição de Justiniano e dos líderes bárbaros na narrativa de Procópio e analisar a relação entre eles, dividimos este estudo em três capítulos. No primeiro, vamos apresentar as características gerais da obra do historiador e as principais discussões historiográficas que envolvem o autor, seus trabalhos e a sua relação com o governo de Justiniano. Refletimos sobre alguns fatores que influenciaram as narrativas de Procópio e que foram determinantes para a composição de sua obra, antes de iniciarmos os nossos estudos sobre a construção dos retratos das lideranças na obra *História das Guerras*. Escrevemos brevemente sobre os outros trabalhos do autor, *História Secreta* e *Sobre os Edifícios*, que pretendemos utilizar de forma secundária nesta pesquisa. Também vamos analisar o estilo de escrita escolhido por Procópio, que optou por escrever a *História das Guerras* no modelo clássico antigo e, por fim, iniciamos as discussões sobre a construção das imagens.

No segundo capítulo, vamos examinar as descrições dos líderes bárbaros feitas por Procópio em sua narrativa. Para isso, vamos tratar da dicotomia entre os termos “bárbaro” e “romano” e como a historiografia sobre o período analisa as questões sobre os contatos e as associações dos povos que estavam situados além das fronteiras com o Império Romano. Além disso, tentaremos demonstrar como se dava o uso de estereótipos retóricos na constituição dos retratos desses personagens na historiografia bizantina. O propósito desse estudo é verificar como através das descrições dos reis bárbaros, seus costumes, administração e relações com o Império Romano, o autor conseguiu expor aspectos do governo imperial, assim como construir uma imagem do próprio imperador Justiniano. Percebemos que, para além das características individuais dos personagens envolvidos na narrativa, Procópio também faz descrições por associação ou dissociação entre eles, demonstrando assim comportamentos considerados virtuosos ou viciosos em seus escritos.

O terceiro capítulo é dedicado ao imperador Justiniano e ao seu governo. Procuramos compreender o processo pelo qual as virtudes tradicionais romanas foram absorvidas e incorporadas pelo imperador e a dinâmica por trás do discurso do poder, autoridade e legitimação na Bizâncio do século VI. Veremos que, apesar de o historiador aparentemente ser a favor dos empreendimentos militares de Justiniano, uma leitura mais atenta da obra revela várias críticas ao imperador e a seu governo. Porém, essas críticas são feitas de forma indireta e na maioria das vezes colocadas nas falas e ações de outros indivíduos, mas esses questionamentos poderiam ser as próprias críticas e opiniões pessoais de Procópio em relação a Justiniano. Também vou examinar como os

personagens que possuem grande destaque na *História das Guerras*, e que são próximos ao imperador, contribuíram para a construção da sua imagem; para tanto vamos analisar os casos dos generais Belisário e Narses, do prefeito pretoriano João da Capadócia e do jurista Triboniano. Buscando demonstrar que, ao caracterizar determinado personagem, Procópio procurou enfatizar algum aspecto positivo ou negativo de Justiniano.

O modo como foram dispostos os capítulos obedece a uma opção metodológica em que partimos do geral para entender o particular, isto é, do contexto de produção e as obras do autor para depois analisarmos como foram feitas as descrições da imagem dos líderes político-militares em na narrativa de Procópio. Para realizarmos esse trabalho utilizamos a edição crítica da Loeb Classical Library, com o texto grego seguido da tradução inglesa por H. B. Dewing e G. Downey. As traduções foram feitas a partir da tradução inglesa.

## CAPÍTULO 1

### PROCÓPIO DE CESAREIA: PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS SOBRE O AUTOR E SUAS OBRAS

Procópio de Cesareia é um dos principais historiadores da Antiguidade Tardia, suas obras são consideradas as maiores fontes sobre o século VI e o imperador Justiniano. Seus trabalhos são bastante heterogêneos e trazem valiosas informações sobre governo do imperador, desde as guerras empreendidas contra os povos além das fronteiras de Bizâncio, reformas arquitetônicas e a crítica dos mesmos eventos na *História Secreta*.

O historiador nasceu por volta de 490-507 d.C. em Cesareia<sup>5</sup>, na Palestina, cidade conhecida por ser um grande centro intelectual no século IV e por sua atividade portuária e comercial. Era uma cidade cosmopolita, com uma população de cristãos, judeus e samaritanos, e, por isso, foi palco de grandes tensões religiosas. Nela o autor teve acesso a uma rica tradição intelectual baseada nos autores clássicos, o que influenciou e moldou seus trabalhos. Sobre a sua família temos poucas informações, provavelmente era oriundo de uma família aristocrata de proprietários de terras.<sup>6</sup>

Em 527 foi nomeado conselheiro<sup>7</sup> de Belisário, comandante militar do Oriente<sup>8</sup>, durante as campanhas militares promovidas pelo imperador Justiniano (527-565) na Pérsia, norte da África e na Península Itálica, que tinham como objetivo recuperar o domínio político nesses territórios. Por ter acompanhado o general durante as guerras, foi testemunha ocular dos acontecimentos que descreveu. Segundo Procópio:

Além disso, ele não tinha dúvidas de que era especialmente competente para escrever a história daqueles eventos, se não por outra razão, porque lhe coube, quando foi apontado como conselheiro do general Belisário, estar próximo de praticamente todos os eventos a serem descritos.<sup>9</sup>

Neste primeiro capítulo vamos apresentar as características gerais do *corpus* procopiano e as principais discussões historiográficas contemporâneas sobre o autor. Antes de iniciarmos os nossos estudos sobre a construção das imagens das lideranças na obra *História das Guerras*, foi necessário refletirmos sobre alguns fatores que exerceram grande influência nas narrativas de Procópio de Cesareia e que foram determinantes para

---

<sup>5</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 1.1.1

<sup>6</sup> GREATREX. Geoffrey. Perceptions of Procopius in Recent Scholarship. *Histos* 8, 2014, p.79-81.

<sup>7</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 1.7.23-24

<sup>8</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 1.13.9

<sup>9</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 1.1.3:

“καί οἰαυτῶ ζυνηπίστατο πάντων μάλιστα δυνατὸς ὦν τάδεξυγγράψαι κατ’ ἄλλο μὲν οὐδέν, ὅτι δὲ αὐτῷ ξυμβούλωφῆρημένῳ Βελισαρίῳ τῷ στρατηγῷ σχεδόν τι ἄπασυπαραγενέσθαι τοῖς πεπραγμένοις ζυνέπεσε.”

a composição de sua obra. Primeiramente vamos analisar a vida do autor e a sua experiência nos campos de batalha ao lado do general Belisário, de quem era conselheiro particular. Em seguida, discutimos brevemente as outras obras do historiador, *História Secreta* e *Sobre os Edifícios*, que utilizaremos de forma secundária na pesquisa. Também vamos analisar o estilo de escrita escolhido por Procópio, que optou por escrever a *História das Guerras* no estilo clássico, e, por fim, vamos dar início às discussões sobre a construção das imagens dos líderes bárbaros e de Justiniano na dita obra.

## 1.1 - Apresentação do *corpus* procopiano

Procópio escreveu três obras: *História das Guerras*, *História Secreta* e *Sobre os Edifícios*, que possuem características muito diferentes e, devido à abrangência dos temas abordados pelo historiador, seus trabalhos são considerados as principais e mais completas fontes sobre o governo de Justiniano.<sup>10</sup>

### 1.1.1 - A *História das Guerras*

Durante o governo de Justiniano foi realizado um grande empreendimento militar nos antigos territórios do Império Romano<sup>11</sup>, perdidos ao longo dos séculos III e V para os povos ditos “bárbaros” (godos, vândalos, francos, lombardos), nas fronteiras da Europa Ocidental, do norte da África e contra os persas no Oriente.<sup>12</sup> Além dos empreendimentos político-militares, seu reinado ficou conhecido pelas obras arquitetônicas de restauração e fortificação, como a construção da Igreja de Santa Sofia, considerada um dos maiores

---

<sup>10</sup> Além de Procópio, outros autores contemporâneos ao imperador escreveram sobre o seu governo, trazendo mais informações e possibilidades interpretativas sobre o período em questão. Dentre estes autores podemos citar Agatias de Mirina, João Malalas, João Lídio, Paulo Silenciário, Eválgrio Escolástico e Agapito.

<sup>11</sup> Quando falamos do Império Romano ou dos próprios romanos nessa dissertação nos referimos ao império historiograficamente conhecido como Bizantino. Os bizantinos se autodenominavam como romanos e se consideravam herdeiros diretos da antiga Roma. As referências a Bizâncio na obra *História das Guerras* tratam exclusivamente da capital Constantinopla e não de toda a extensão do Império.

<sup>12</sup> BOY, Renato Viana. *Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica*: da “Queda de Roma” ao período de Justiniano. Tese de doutorado, USP: São Paulo, 2013, p. 14-15.

símbolos do Império Bizantino, bem como pela compilação e organização das leis romanas.<sup>13</sup>

Intitulada *História das Guerras* (em grego Ὑπερ τῶν Πολεμῶν e traduzida para o latim como *De Bellis*) e publicada entre 551 e 554, a obra traz os registros feitos por Procópio como conselheiro do general Belisário durante os empreendimentos militares no Ocidente e na Pérsia. Dividida em oito volumes, dois foram dedicados à Guerra Persa, outros dois à Guerra Vândala, três à Guerra Gótica e o último livro, adicionado posteriormente, traz informações tardias sobre essas campanhas militares nestes territórios.

No prólogo do primeiro livro o autor se apresenta e expõe o objetivo da obra. Nota-se que Procópio tenta demonstrar que possui uma proximidade com o poder imperial, pois além de escrever mais adiante que possuía um cargo oficial<sup>14</sup>, ele narra as guerras empreendidas pelo imperador:

Procópio de Cesareia escreveu as guerras que Justiniano, o imperador dos romanos, empreendeu contra os bárbaros do Oriente e do Ocidente, relatando separadamente os eventos, a fim de que o longo curso do tempo não possa oprimir os feitos de singular importância por falta de um registro e, assim abandoná-los ao esquecimento totalmente.<sup>15</sup>

Segundo Claudia Rapp, Procópio escreveu suas narrativas em uma época em que a elaboração de uma obra literária poderia atrair um cargo importante ou possibilitar a inserção dentro da corte imperial. Desse modo, a composição de obras literárias era um meio de mobilidade social, visto que não sabemos se o autor teve acesso direto ao

---

<sup>13</sup> No início de seu reinado Justiniano nomeou uma comissão com a tarefa de produzir um novo código de direito que iria reunir e rever as leis já existentes de todas as constituições imperiais, promulgadas desde Adriano até o seu governo, finalizando em 529 d. C., que foi denominado de *Codex Iustinianus*. Animado por este sucesso, o imperador foi mais longe e criou uma comissão, liderados por Triboniano, que ocupava o cargo de jurista, questor e conselheiro do imperador para codificar mais de dois mil escritos dos juristas romanos e, em apenas três anos após a publicação do *Codex*, o *Digesta* ou *Pandectae* também foi publicado. No mesmo período foi elaborado um manual para os estudantes de direito chamado de *Institutas*. A partir de então, as obras legislativas de Justiniano se ampliaram e constituíram o *Corpus iuris civilis* ou “Corpo de direito civil”. A obra jurídica do imperador se fortaleceu ainda mais devido às reformas das chamadas “Escolas de Direito” e a sua concentração nas principais cidades do império. Cf. HUMFRESS, Caroline. Law and Legal Practice in the Age of Justinian. In.: MAAS, Michael (ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 162-170.

<sup>14</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 1. 1. 3

<sup>15</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 1.1.1:

“Προκόπιος Καισαρεὺς τοὺς πολέμους ξυνέγραψεν οὕς Ἰουστινιανὸς ὁ Ῥωμαίων βασιλεὺς πρὸς βαρβάρους διήνεγκε τοὺς τε ἐφόους καὶ ἐσπερίους, ὥς πη αὐτῶν ἐκάστῳ ξυνηνέχθη γενέσθαι, ὡς μὴ ἔργα ὑπερμεγέθη ὁ μέγας αἰὼν λόγου ἔρημα χειρωσάμενος τῇ τε λήθῃ αὐτὰ καταπρόηται καὶ παντάπασιν ἐξίτηλα θῆται, [...]”.

patronato imperial, mas conseguiu um cargo de confiança junto ao principal general do imperador, acompanhando-o nas guerras no Ocidente e na Pérsia, sendo nomeado pelo próprio Justiniano para exercer tal função.<sup>16</sup> Sendo assim, para o objetivo desta pesquisa, a proximidade de Procópio junto a Belisário nos combates, possibilita a análise de como foram descritas as lideranças durante as guerras e como era a relação do imperador com as pessoas que trabalhavam para ele na administração imperial.

O autor separou os livros de acordo com as regiões em que aconteceram as guerras, e em cada parte somos informados sobre o conteúdo geral do livro e quais os motivos que levaram Justiniano a organizar uma expedição militar contra essas populações. A obra também é repleta de digressões sobre os imperadores anteriores; discursos de Justiniano, dos generais romanos e dos reis bárbaros; de táticas de guerra e informações sobre os combates. Segundo Procópio, o oitavo livro não seguiu a mesma divisão dos anteriores, devido ao fato deles já terem sido publicados e divulgados pelo império:

Na narrativa que compus até agora, na medida do possível, separei o material em partes, que relatam separadamente as regiões em que as guerras ocorreram, e essas partes já foram publicadas e apareceram em todo o Império Romano. Mas deste ponto em diante eu não vou seguir esse princípio de organização. Como os meus escritos já apareceram para o público, eu não sou mais capaz de adicionar em cada um os eventos que ocorreram depois. [...] agora eu vou escrever na íntegra esses acontecimentos, assim os registros que farei sobre esses eventos necessariamente serão compósitos.<sup>17</sup>

Os livros I e II são referentes às guerras contra os persas que ocorreram entre os anos 502 e 549. A narrativa começa com Procópio escrevendo sobre o imperador Arcádio (377-408) e como ele pretendia deixar o império para Teodósio II (408-450). Os confrontos são descritos cronologicamente e durante toda a narração temos informações sobre os campos de batalha, as estratégias de guerras e os discursos dos generais. O historiador também escreve sobre os costumes e a religião dos persas, sempre ressaltando as diferenças entre essa população e os romanos.

<sup>16</sup> RAPP, Claudia. Literary culture under Justinian. In.: MAAS, Michael (ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 380-385.

<sup>17</sup> PROCOPIUS. *Goth.* 8.1.1:

“Ὅσα μὲν ἄχρι τοῦδὲ μοι δεδιήγηται, τῆδε συγγέγραπται ἥπερ δυνατὰ ἐγγεγόνει ἐπὶ χωρίων ἐφ’ ὧν δι᾽ ἔργα τὰ ἀπολέμια ξυνηγέθη γενέσθαι διελόντι τε καὶ ἀρμυοσαμένῳ τοὺς λόγους, οἵπερ ἤδη ἐξενεχθέντες πανταχόθι δεδῆλονται τῆς Ῥωμαίων ἀρχῆς. τὸ δὲ ἐνθένδε οὐκέτι μοι τρόπῳ τῶν εἰρημένων συγκείσεται.”



A Pérsia foi um dos maiores desafios do reinado de Justiniano e de seus sucessores, pois desde o século III os dois impérios entravam em constantes conflitos<sup>18</sup>. As guerras contra o Império Sassânida mostraram as dificuldades enfrentadas por Bizâncio em manter uma campanha militar que necessitasse de muitos recursos para assegurar a paz e resistir aos ataques inimigos. Procópio nos informa ao longo da obra que foram assinados quatro acordos de paz<sup>19</sup>; o último deles em 561 sancionou uma trégua de cinquenta anos entre os dois impérios, a Pérsia abriu mão da região da Lázica e Bizâncio teve que pagar um tributo anual em ouro para o adversário.

Estes livros trazem também os relatos sobre a Revolta de Nika<sup>20</sup> e a Peste<sup>21</sup> que atingiu Constantinopla em 541. Nesta sessão a narrativa se concentra em Constantinopla, e o autor expõe os motivos que levaram à insurreição de Nika, além de como Justiniano e seus generais conseguiram conter os revoltosos. Na descrição sobre a peste, somos informados sobre como essa epidemia se espalhou pelo Império, os sintomas e as consequências para a população.

A *Guerra Vândala* é retratada nos livros III e IV, que trazem os eventos que ocorreram entre 533 e 550 contra os vândalos e os mouros no norte da África. Segundo Procópio, Justiniano decide mandar suas tropas contra essa população depois que Gelimer usurpa o poder do rei vândalo Ilderico<sup>22</sup>. Da mesma forma que nos primeiros livros, os relatos são repletos de digressões, descrições dos combates e das características culturais

---

<sup>18</sup> CAMERON, Averil. *The Mediterranean World in Late Antiquity*. London/New York: Routledge, 1996, p. 109.

<sup>19</sup> O primeiro acordo foi assinado em 553, onde Bizâncio deveria pagar o tributo para os persas de 11.000 libras de ouro, o segundo foi sancionado em 545 e custou ao Império Romano 2000 libras de ouro, o terceiro assinado em 551, onde foi acordado uma trégua de cinco anos e Roma deveria pagar o tributo de 2600 libras de ouro para o Chosroes I. CAMERON, Averil, *op. cit.*, p. 110-112.

<sup>20</sup> A revolta de Nika foi uma sedição popular entre as facções “azuis” e “verdes”, que quase conseguiu tirar Justiniano do poder e causou várias destruições em Bizâncio. Essas facções ganharam conotações essencialmente sociais, políticas e religiosas, os azuis (ortodoxos) representavam a aristocracia detentora de terras e os camponeses; os verdes (monofisistas) a camada social ligada às atividades comerciais. Cf. BAPTISTA, Lyvia de Vasconcelos. *Procópio e a apropriação do modelo Tucídideana: a representação da peste na narrativa histórica (VI século d.C.)*. Dissertação de mestrado, UFG: Goiás, 2008. p. 46.

<sup>21</sup> A epidemia que atingiu Constantinopla e as províncias orientais em 542 dizimou grande parte da população que gerou efeitos imediatos na produção de grãos, no arrecadamento dos impostos e no exército. As fontes do período fazem uma descrição detalhada do efeito da epidemia na população. Cf. PROCOPIUS. *Pers.* II.22; EVAGRIUS. *Hist. Eccl.* 4.29; JOHN MALALAS. *Chronographia*. 18.92.

<sup>22</sup> PROCOPIUS. *Vand.* 3.9.10-19: “Mas quando Justiniano ouviu essas palavras, já havia recebido o poder imperial, enviou os embaixadores a Líbia na presença de Gelimer, com a seguinte mensagem: “Não está agindo de acordo com os conselhos deixados por Gelimer, mantendo na prisão um ancião, seu parente e rei dos vândalos e tirando sua autoridade pela força, que você iria receber em pouco tempo pela lei. No entanto você não faça mais nada de errado e não mude o título de rei para tirano, que vem em pouco tempo. Mas para esse homem, que a morte o espera a qualquer momento, o permita pensar que possui o poder real, enquanto você faz as funções do rei, e espere até você receber no tempo certo e pela lei de Genserico, é somente dele, este título. Se você fizer isso o Todo Poderoso estará ao seu lado e você poderá contar com a nossa amizade”.

e religiosas dessa população. A narrativa começa com a morte do imperador Teodósio, em 395, e a divisão do império entre os seus dois filhos, Honório e Arcádio. O primeiro ficou responsável pela parte Oriental do Império e seu irmão pela Ocidental.

Procópio destaca as diferenças religiosas entre os romanos e os vândalos que eram considerados heréticos por Bizâncio, pois professavam o arianismo<sup>23</sup>, que foi condenado pelo Concílio de Nicéia em 325. O historiador utiliza em grande parte da obra o argumento de defesa do cristianismo ortodoxo para justificar as campanhas imperiais no Norte da África e na Itália com o intuito de libertar as populações submetidas a esse domínio bárbaro e herético<sup>24</sup>. Nesta sessão também são descritas duas grandes batalhas entre os romanos e os vândalos: *Ad Décimo*<sup>25</sup> e a de *Tricamarum*<sup>26</sup>. Os exércitos imperiais conseguem a vitória sobre esse território e Belisário leva Gelimer para Constantinopla, onde celebra o triunfo<sup>27</sup> e entrega o rei vândalo para Justiniano.

Os últimos livros V, VI, VII e VIII são referentes aos eventos na Itália contra os godos de 535 a 550. O historiador disserta sobre a deposição de Rômulo Augusto, o último imperador do Ocidente, em 476, e o governo do imperador Zenão. Em seguida, escreve sobre o rei dos ostrogodos Teodorico, o Grande, e a ascensão de sua filha Amalásunta ao trono. O assassinato de Amalásunta, por seu marido Teotado, é utilizado como uma das justificativas para o envio das tropas romanas para a Península Itálica.

Belisário conquistou a Sicília, Nápoles, Roma e a capital dos ostrogodos, Ravena. Em 540 o general levou o rei ostrogodo Vitiges como prisioneiro para Constantinopla. No ano de 552, Narses, general romano que foi enviado por Justiniano para substituir Belisário nos campos de batalha, conquistou definitivamente Roma e enviou as chaves da cidade para o imperador.<sup>28</sup> Entretanto, o historiador não acompanhou todos os eventos que descreveu na *Guerra Gótica*, e por isso alguns trabalhos sobre o autor mostram que

---

<sup>23</sup> Segundo Steven Ruciman, “desde o século V, o Império considerava a heresia como crime contra o Estado. Consequentemente eram as autoridades estatais e não a Igreja que tomavam medidas contra ela. [...]. O cristianismo triunfara sobre o paganismo em meio a uma dissensão interna, quando os arianos negando a divindade integral de Cristo, tentavam estabelecer uma concepção mais unitária da Divindade. O Primeiro Concílio Ecumênico, o de Nicéia, lançou sobre eles o anátema, mas durante todo o século IV o arianismo gozou de popularidade nos círculos refinados de Constantinopla. Somente após o Segundo Concílio Ecumênico de 381 desapareceu ele do Oriente, sobrevivendo, porém como a religião dos godos, durante séculos”. Cf. RUNCIMAN, Steven. *A civilização bizantina*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p. 92.

<sup>24</sup> A heresia consistia, oficialmente, na rejeição de qualquer um dos cânones dos Concílios Ecumênicos. O concílio Ecumênico era uma assembleia presidida pelo imperador, e na qual se faziam representar todas as Igrejas Intercomunicantes, suas decisões eram consideradas leis pela cristandade. *Ibidem*, p. 92.

<sup>25</sup> PROCOPIUS. *Vand.* 4.17.1-3

<sup>26</sup> PROCOPIUS. *Vand.* 4.8.11

<sup>27</sup> PROCOPIUS. *Vand.* 4.9.1

<sup>28</sup> PROCOPIUS. *Goth.* 8.33.27

há algumas variações na forma de como ele abordou as campanhas na Itália em comparação com as outras expedições na Pérsia e no Norte da África.

Nos primeiros livros, Justiniano e Belisário são caracterizados positivamente em contraste com os reis bárbaros e seus generais, que são notáveis pela maldade, falta de caráter e pela má administração de seus governos. Inicialmente, o autor parece ser favorável aos empreendimentos militares do período, mas com o desenrolar de sua narrativa notamos que as descrições do imperador e de seus generais, assim como os relatos dos fatos que ocorreram nos embates, vão se tornando cada vez menos otimistas e mais críticos, principalmente nos últimos livros. Segundo Averil Cameron, há uma mudança de entusiasmo do historiador ao longo de sua narrativa, que possuía um excitamento jovial nos primeiros anos das guerras, passando para um estado de desapontamento com o imperador, Belisário e os rumos de sua política imperialista.<sup>29</sup>

Anthony Kaldellis não compartilha da mesma opinião que Cameron. Segundo o autor, não é possível encontrar esse excitamento jovial nos primeiros livros da obra, pois há um considerável número de críticas negativas ao imperador desde o início. Para Kaldellis, Procópio pode ter sido favorável à política imperialista de Justiniano, mas com o passar do tempo tornou-se contra as guerras devido aos resultados e aos altos custos desses combates, bem como à incompetência das tropas e de seus generais. Dessa forma, a *História das Guerras* seria um documento contrário às guerras, talvez simpático à sua política imperialista, mas contra a maneira que foi empreendida.<sup>30</sup>

Segundo Georg Ostrogosky, a política “restauradora” de Justiniano foi motivada pela “eterna nostalgia dos bizantinos” e pelo passado glorioso do Império Romano<sup>31</sup>. Para Paul Lemerle, em seu livro *História de Bizâncio*, a política imperialista empreendida por Justiniano buscava o restabelecimento dos territórios do Ocidente em sua antiga extensão e esplendor.<sup>32</sup> As ambições políticas e militares do imperador encontravam, assim, a sua base ideológica na recuperação do passado grandioso do Império. Mas, além dessas pretensões, Andrew Louth ressalta que Justiniano também acreditava ter uma missão

---

<sup>29</sup> CAMERON, Averil, *Procopius and the Sixth Century...op. cit.*, p. 7.

<sup>30</sup> KALDELLIS, Antony. *Procopius' Persian War: a thematic and literary analysis*. In: MACRIDES, Ruth (ed.). *History as literature in Byzantium: papers from the Fortieth Springs Symposium of Byzantine Studies*, University of Birmingham, April 2007. Aurrey: Ashgate, 2010, p. 156-157.

<sup>31</sup> Cf. OSTROGORSKY, Georg. *História del Estado Bizantino*. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984, p. 83-84.

<sup>32</sup> LEMERLE, Paul. *História de Bizâncio*. São Paul: Martins Fontes, 1991, p.44.

divina de reconstituir o Império em uma nova configuração cristã ortodoxa, livrando a população romana do domínio herético dos bárbaros.<sup>33</sup>

Renato Viana Boy, em sua tese de doutorado, discute o uso da ideia de “reconquista” pela historiografia para tratar as guerras de Justiniano. Para o autor, o imperador não desejava “reconquistar” esses territórios, mas reorganizar as relações de poder que haviam sido temporariamente estremecidas. Além disso, Procópio não faz uso dos termos “reconquista”, “restauração” ou “recuperação” em suas narrativas<sup>34</sup>. Tais definições:

[...] seriam frutos de uma construção historiográfica que se utiliza das *Guerras* embora não estejam presentes nos textos procopianos. Mas há um fator complicador em nossa análise: se, por um lado, o historiador não fala das guerras nos termos que encontramos na historiografia, por outro não encontramos em seus escritos nenhuma nomenclatura que classifique a natureza das guerras promovidas por Justiniano contra os godos na Itália. Analisando a *História das Guerras*, é possível perceber que a ideia de uma “Reconquista” seria mesmo inconcebível para seu autor. Isso porque, na *Guerra Gótica*, Procópio fala dos territórios do Mediterrâneo (e, entre eles, a Itália e o norte da África) como domínios ainda subordinado ao poder imperial central no século VI. [...], se para Procópio, os acontecimentos de 476 não representaram o “Fim do Império”, não haveria motivos para que então, durante o governo de Justiniano, ele fosse “Reconquistado”.<sup>35</sup>

Dessa forma, as ideias de Boy sobre as guerras de Justiniano como uma tentativa de reorganização das estruturas de poder encontram ampla influência no escopo desta dissertação, assim como de Kaldellis sobre Procópio ser inicialmente simpático à política imperialista do governo de Justiniano, mas ter se tornado contrário a ela devido à forma como foi empreendida. Portanto, podemos perceber que houve uma mudança da perspectiva de Procópio com relação as guerras e aos personagens envolvidos nesses confrontos ao longo de sua narrativa. Devido a *História das Guerras* ter sido publicada enquanto esses personagens ainda estavam vivos, o autor não pode criticar abertamente o Justiniano e seus empreendimentos militares, por isso o fez de forma velada e de uma maneira que leve ao leitor a deduzir que tipo de governante era o imperador. Portanto, nossa proposta é analisar a construção da imagem dos líderes político-militares na obra *História das Guerras*, para isso vamos

<sup>33</sup> LOUGHT, Andrew. Justinian and his legacy (500-600). In: SHEPARD, Jonathan (org). *The Cambridge history of the Byzantine Empire*. United States of America: Cambridge University Press, 2008, p.109.

<sup>34</sup> BOY, Renato Viana. *op. cit.*, p. 129.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 129.

examinar como o autor descreveu o governo do imperador Justiniano e os reis bárbaros envolvidos nas lides bélicas, assim como a suas relações com Bizâncio, com o intuito de demonstrar o que seria um bom ou mau governante. Veremos, que ao contrário de Justiniano que vai sendo descrito de forma mais crítica ao longo da narrativa, alguns reis bárbaros passaram a serem vistos de uma maneira mais positiva, como resultado de uma transformação na forma pela qual Procópio compreendia o poder imperial e o governo de Justiniano.

### 1.1.2 - Sobre os Edifícios

A coleção de livros intitulada *Sobre os Edifícios* (em grego Περι Κτιοματων e traduzida para o latim como *De Aedificiis*), publicada em 558, é um panegírico que exalta o imperador e suas obras públicas, repleto de elogios a Justiniano e de listas imprecisas dos trabalhos de restauração e construção realizados em Constantinopla e nas regiões mais afastadas da capital do Império. Dos trabalhos do historiador este é o mais estudado pela arqueologia, sendo a principal fonte sobre o programa de construções e de fortificações de Justiniano.<sup>36</sup> As informações contidas neste trabalho são difíceis de serem comprovadas, pois os registros estão incompletos ou faltam informações, como Procópio apontou no final do último livro:

[...] o imperador Justiniano, desde os limites do Oriente até onde o sol se põe (que constitui os limites do Império Romano), consolidou o seu Império não só com fortificações, mas também com soldados. Entretanto, de tudo o que pude aprender sobre as construções de Justiniano, como testemunha ocular ou por ter ouvido de quem viu as obras, com os meios que pude, escrevi o meu trabalho. Mas sei que muitas delas eu não mencionei ou passaram despercebidas, devido à grande quantidade, ou por que eram completamente desconhecidas por mim.<sup>37</sup>

Os escritos do autor mostram que foram realizadas várias obras públicas que necessitaram de enormes investimentos, principalmente nas cidades que foram palco das guerras. Segundo Averil Cameron, foram construídas igrejas e fortificações nessas

<sup>36</sup> CAMERON, Averil. *The Mediterranean World...*, op. cit., p. 118.

<sup>37</sup> PROCÓPIO. *Aed.* VI.7.18.

regiões que, além do propósito de garantir a segurança, poderiam servir também como forma de demonstração do poder imperial.<sup>38</sup>

No norte da África, após a vitória de Belisário em 536, Procópio escreve que Justiniano começou um programa de construções que incluía a restauração das fortificações já existentes, construções de banheiros públicos e várias igrejas:

Mas o imperador Justiniano [...] enviou Belisário e seu exército para a Líbia e venceu Gelimer e os vândalos, como expliquei nos meus livros sobre as Guerras. Reconstruiu todas as partes destruídas das fortificações da Líbia, [...]. Ergueu também lugares sagrados para a Mãe de Deus, na região perto do palácio, e fora esse, ergueu um para a Santa Prima, uma santa local. Nos dois lados do Fórum Marítimo construiu pórticos e um banheiro público, que foi chamado de Teodorianas, em honra da imperatriz.<sup>39</sup>

Também foram realizadas reformas para deixar as cidades mais bonitas e confortáveis para os seus habitantes. O autor escreveu sobre a construção de vários pórticos, ruas, mercados, teatros, aquedutos e banheiros públicos. Segundo Kenneth G. Holum, um dos fatores que fizeram as cidades prosperarem na época de Justiniano foram os investimentos nessas obras públicas.<sup>40</sup>

Diferentemente do retrato construído por Procópio na *História Secreta*, nos livros *Sobre os Edifícios*, Justiniano é apresentado como um governante preocupado com a segurança e o bem-estar de seus súditos, fazendo obras para fortificar e proteger as cidades. Além disso, nestes livros somos informados sobre o que aconteceu com as regiões onde ocorreram as campanhas militares do imperador e quais trabalhos de reconstrução e fortificação foram realizados nesses territórios após os combates.

O imperador é elogiado pelos seus ganhos territoriais, sua política religiosa e sua codificação das leis romanas. A construção de igrejas, fortificações, pontes e aquedutos são tratados como símbolos do cuidado paterno e benevolente do imperador e como um sinal de sua generosidade com os habitantes de seu império. Segundo Claudia Rapp, não está claro se Procópio escreveu este trabalho na esperança de receber uma recompensa ou se foi motivado pela necessidade de limpar seu nome de qualquer associação com Belisario, que havia sido alvo de suspeitas de traição nas *Guerras*, ou ainda se o escreveu

<sup>38</sup> CAMERON, Averil. *The Mediterranean World...*, op. cit., p. 118.

<sup>39</sup> PROCÓPIO. *Aed.* VI. 5. 8-11.

<sup>40</sup> HOLUM, Kenneth G. *The Classical City in the Sixth Century. Survival and Transformation*. In: MASS, Michael. *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 91

por gratidão devido a algum favor já recebido. Este último é devido à seguinte passagem da obra: "a história mostra que os súditos que receberam benefícios se mostraram gratos a seus benfeitores e que os pagam generosamente com generosas ofertas de gratidão".<sup>41</sup> Esta passagem seria a única indicação de qualquer interação direta de Procópio com o imperador.<sup>42</sup>

### 1.1.3 - A História Secreta

A obra mais contraditória do autor é, sem dúvida, a *História Secreta* (Anekdotia), escrita provavelmente em 551, mas nunca publicada por Procópio, sendo encontrada somente no século XVII na biblioteca do Vaticano. Nesta obra o historiador ataca abertamente Justiniano e seu governo, assim como a Imperatriz Teodora, o general Belisário e sua esposa Antonina. Segundo Procópio, o propósito do livro é escrever a realidade dos fatos que ocorreram ao longo do governo do imperador, o que ele não pôde fazer nas obras anteriores devido ao fato dos personagens ainda estarem vivos e por medo as possíveis repressões que poderia sofrer:

A razão de não escrever e publicar as declarações feitas neste livro é por que os personagens descritos estavam vivos. Foi, de fato, impossível passar despercebido ao grande número de espíões, nem ser descoberto sem sofrer uma morte miserável, pois não podia nem mesmo confiar na minha família, fui obrigado a esconder as causas de muitos desses eventos mencionados nos livros precedentes.<sup>43</sup>

Por causa das declarações contidas nesta obra, o historiador tinha receio de ganhar a reputação de mitógrafo ou de ser inserido entre os poetas trágicos. Além disso, também desejava que as gerações seguintes não cometessem as mesmas ações de Justiniano:

O que escreverei agora parece incrível ou inverossímil para as gerações futuras; quando no longo curso do tempo a história parece pertencer a

<sup>41</sup> PROCOPIUS. *Aed* 1.1.4.

<sup>42</sup> RAPP, Claudia, *op. cit.*, p. 385.

<sup>43</sup> PROCOPIUS. *Arc.* 1.1-3:

Ὅσα μὲν οὖν Ῥωμαίων τῷ γένει ἐν τοῖς πολέμοις ἄκριδεῦρο ζυνηνέχθη γενέσθαι, τῆδέ μοι δεδιήγηται, ἧπ ἐρδυνατὸν ἐγεγόνει τῶν πράξεων τὰς δηλώσεις ἀπάσας ἐπικαιρῶν τε καὶ χωρίων τῶν ἐπιτηδείων ἄρμωσα μένω: τὰ δὲ ἐνθένδε οὐκέτι μοι τρόπῳ τῷ εἰρημένῳ ζυγκείσεται, ἐπειὲν ταῦθα γεγράφεται πάντα, ὅποσα δὴ τετύχηκε γενέσθαι πανταχόθι τῆς Ῥωμαίων ἀρχῆς. αἴτιον δὲ, ὅτι δὴ οὐχοῖόν τε ἦν περιόντων ἔτι τῶν αὐτὰ εἰργασμένων ὅτῳ δεῖ ἀναγράφεσθαι τρόπῳ. οὔτε γὰρ διαλαθεῖν πλήθη κατασκόπων οἷόν τε ἦν οὔτε φοραθέντα μὴ ἀπολωλέναι θανάτῳ οἰκτίστῳ: οὐδὲ γὰρ ἐπὶ τῶν συγγενῶν τοῖς γεοικειοτάτοις τὸ θαρρεῖν εἶχον.

um passado muito distante, temo ganhar a reputação de um mitógrafo e ser incluído entre os poetas trágicos.<sup>44</sup>

Da mesma forma que a *História das Guerras*, essa obra também foi escrita no estilo clássico, tendo Heródoto e Tucídides como os principais modelos do historiador, por descreverem grandes acontecimentos contemporâneos com o intuito de que estes fossem lembrados na posteridade. A *História Secreta* pode ser dividida em três sessões, a primeira é dedicada a Belisário e Antonina, a segunda a Justiniano e Teodora e a última à administração e legislação do império. A narrativa não é linear e apesar do autor declarar que se trata de um complemento da *História das Guerras*, e mesmo o leitor sendo remetido em vários momentos aos eventos descritos na obra anterior, quanto mais a narrativa avança mais ela se torna uma crítica ampla e geral do reinado de Justiniano. Procópio se esforça em apresentar uma imagem negativa do governo em questão, que segundo o autor produziu um clima de insatisfação geral, devido às medidas perversas, corruptas e aos propósitos gananciosos do imperador, mencionando, por exemplo, os impactos das guerras na capital do império e nas regiões que sofreram com os combates<sup>45</sup>, ou que mesmo quando a peste atingiu Constantinopla os impostos não deixaram de ser recolhidos<sup>46</sup>. Justiniano e Teodora são descritos como demônios (*δαίμονες*)<sup>47</sup> na forma humana, e o imperador é também chamado de rei dos demônios (*δαμόνων τὸν ἄρχοντα*)<sup>48</sup> e tirano (*τυραννίδα*)<sup>49</sup>.

---

<sup>44</sup> PROCOPIUS. *Arc.* 1.4-5:

“ἐκεῖνο διαριθμουμένῳ ξυμβαίνει, ὅτι δὴ μοι ταῦτα ἐν τῷ παρόντι γεγράφεται τὰ μήτε πιστὰ μήτε εικότα φανησόμενα τοῖς ὀπισθεν γενησομένοις, ἄλλως τε ὀπηνίκα ἐπὶ μέγα ρεύσας ὁ χρόνος παλαιότεραν τὴν ἀκοὴν ἀπεργάζεται, δέδοικα μὴ καὶ μυθολογίας ἀπίσομαι δόξαν κὰν τοῖς τραγωδοδιδασκάλοις τετάξομαι.”

<sup>45</sup> PROCOPIUS. *Arc.* 13. 1-2.

<sup>46</sup> PROCOPIUS. *Arc.* 23.20.

<sup>47</sup> PROCOPIUS. *Arc.* 18.1.

<sup>48</sup> PROCOPIUS. *Arc.* 12.26.

<sup>49</sup> PROCOPIUS. *Arc.* 10.23.



## 1.2 – O debate historiográfico sobre a História das Guerras e Procópio de Cesareia

Existe um grande debate historiográfico em torno das obras de Procópio de Cesareia e a sua relação com o governo de Justiniano. Nessa sessão vamos fazer uma breve análise sobre as principais discussões sobre os trabalhos do historiador, demonstrando como a historiografia sobre Procópio pensa suas obras e os principais temas discutidos. Nos recentes trabalhos produzidos sobre o período há uma forte tendência em considerarem o governo de Justiniano como extremamente opressivo, podendo ser comparado à União Soviética de Stalin.<sup>50</sup> Essa analogia foi proposta inicialmente por Tony Honoré em 1997 e retomada por Peter Bell em 2013, sendo o governo em questão descrito por Anthony Kaldellis como "o mais intolerante e mortal da história"<sup>51</sup>. Segundo Geoffrey Greatrex, o problema dessa abordagem é que ela considera somente os anos finais e os aspectos decadentes do governo do imperador, como as disputas dentro da aristocracia, confrontos em Constantinopla e nas outras regiões do império, disputas doutrinárias e o exílio de membros da aristocracia. Ainda segundo o autor, não há dúvidas que seu reinado teve aspectos repressivos, mas outros governos<sup>52</sup> também adotaram políticas religiosas e administrativas similares e não foram tão criticados pela historiografia.<sup>53</sup>

As guerras promovidas pelo imperador, assim como todas as suas ações políticas e administrativas, foram contraditórias. Justiniano é descrito frequentemente como patrono das letras e como incentivador do renascimento do classicismo. Mas, ao mesmo tempo, foi um ávido teólogo que escreveu seus próprios tratados teológicos, criou leis extremamente severas contra os pagãos e fechou a Academia de Atenas, que havia sido fundada por Platão no século IV a.C. Para Averil Cameron, em certo sentido, seu reinado foi um esplêndido anacronismo, pois reafirmou o poder militar romano e as tradições imperiais antes do final da Antiguidade clássica, mas, em outro sentido, precipitou a sua queda.<sup>54</sup>

---

<sup>50</sup> GREATREX, Geoffrey, *op. cit.*, p. 82-83.

<sup>51</sup> KALDELLIS, Antony, *op. cit.*, p. 258.

<sup>52</sup> O autor cita o exemplo dos imperadores Anastácio, Leo e Zenão que adotaram rígidas políticas administrativas e religiosas como, por exemplo, a expulsão de patriarcas e perseguição de pagãos. Cf. GREATREX, Geoffrey, *op. cit.*, p. 84

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 84.

<sup>54</sup> CAMERON, Averil, *The Mediterranean World...*, *op. cit.*, p. 106-108.

Da mesma forma, Procópio construiu um retrato ambíguo de Justiniano, como podemos perceber quando comparamos as declarações feitas na *História das Guerras* e na *História secreta*. Na *História das Guerras* o historiador faz críticas a Justiniano e a suas políticas imperialistas, administrativas e religiosas, sendo a maior parte no último livro, quando o historiador já estava em Constantinopla. Porém, esses questionamentos aparecem de forma sutil e indireta, e, na maioria das vezes, nas falas e ações de outros personagens, cujas opiniões em relação ao governo imperial poderiam ter sido compartilhadas pelo historiador.<sup>55</sup>

Atualmente está sendo muito discutido nos trabalhos sobre Procópio se ele era a favor ou contra a política imperialista de Justiniano. Autores como Anthony Kaldellis, J. A. S. Evans, Charles Pasdernik e James M. Gilmer defendem que o historiador tinha uma postura anti-imperialista e era um crítico ferrenho do governo do imperador. Segundo Anthony Kaldellis, como já pontuamos acima, a *História das Guerras* mostra que o historiador inicialmente era simpático à política imperialista, mas foi contrário à maneira que foi empreendida.<sup>56</sup> Quando o historiador escreveu sua narrativa sobre as guerras, os personagens ainda estavam vivos, por isso ele não poderia criticar abertamente Justiniano. Dessa forma, o autor escreve seus questionamentos de uma maneira que leve o leitor a deduzir que tipo de governante era o imperador. Para James M. Gilmer, Procópio considerava Justiniano um tirano, porém ele não poderia escrever essa crítica na *História das Guerras*, que iria ser publicada e lida por todo o império. Por isso, segundo Gilmer, o historiador faz uso de alusões e silogismos que convidam o leitor a fazer suas conclusões, visto que não poderia deixar claro em seus escritos por medo das repressões que poderia sofrer.<sup>57</sup>

James Allan Stewart Evans também defende a hipótese que Procópio considerava Justiniano um tirano. Para o autor, o historiador nunca foi a favor das guerras, pois o imperador era muito ambicioso e estava sempre em busca de inovações, e, além disso, suas ações e políticas eram muito severas com os grandes proprietários de terras. Por isso, é notável em suas obras um otimismo inicial que foi se transformando em um pessimismo e uma crítica velada, em que o historiador “chega à conclusão de que Justiniano não era um rei, mas um tirano e que não representava Deus, como haviam feito os imperadores

---

<sup>55</sup> CAMERON, Averil, *The Mediterranean World...*, op. cit., p. 136.

<sup>56</sup> KALDELLIS, Anthony, op. cit., p. 256-157.

<sup>57</sup> GILMER, James M. Procopius of Caesarea: A Case Study in Imperial Criticism. *ByzantinaΣymmikta*, n.23, 2013, p.53-54.

desde a época de Constantino”.<sup>58</sup> Charles Pazdernik (2006) também faz parte dessa linha historiográfica. Segundo o autor, o historiador considerava Justiniano um grande inovador e, ao mesmo tempo, um imperador que não respeitava o que já estava estabelecido.<sup>59</sup> Essa mesma crítica aparece quando Procópio escreve sobre o rei persa Chosroes, que é descrito como um homem de mente incontrolável, que gostava de inovações.<sup>60</sup>

Outro ponto bastante discutido dentro da historiografia sobre o autor é como conciliar as diferentes declarações feitas na *História das Guerras* e na *História Secreta*. Para Averil Cameron, uma das maiores dificuldades encontradas pelos historiadores que estudam suas obras é pensar uma ligação entre os seus três trabalhos e a sua relação com a sociedade e cultura do século VI:

A primeira prioridade, então, é encontrar uma maneira de contornar esse dilema, para explicar a relação entre as obras, sem recorrer a uma visão evolutiva ou psicológica (pois não sabemos quase nada sobre Procópio, exceto o que pode ser obtido a partir de suas próprias obras). [...]. A *História Secreta* não é tão indisciplinada, o *Das Construções* não é tão insincera e, acima de tudo, as *Guerras* não são tão esplendidamente objetivas e racionais como aparecem nos livros modernos.<sup>61</sup>

Para tentar explicar as diferenças de estilo entre obras de Procópio, alguns autores argumentam que o historiador, que era de uma família abastada de Cesareia e, portanto, de um grupo social que sofreu com as políticas fiscais impostas pelo imperador, estava insatisfeito com o governo. Além disso, Cesareia era uma região de grandes tensões religiosas entre os cristãos ortodoxos, samaritanos, judeus e outras minorias, e sofreu também com a política religiosa do Imperador<sup>62</sup>. Entre 528-529 e 546, durante a escrita das *Guerras*, ele também se sentiu ameaçado devido às perseguições contra os pagãos,

---

<sup>58</sup> EVANS, James Allan Stewart. Justinian and the historian Procopius. *Greece & Rome*. 2nd Ser., Vol. 17, n.2 (Oct., 1970), p. 219.

<sup>59</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 2.2.6:

“Para Justiniano, que era por natureza inovador e cobiçava tudo que não pertencia a ele, era incapaz de cumprir o que estava estabelecido, desejava tomar toda a terra, e tem se esforçado para trazer todos os reinos para seu poder.”

<sup>60</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 1.23.1-4:

“Chosroes, filho de Cabades, era um homem de incontrolável mente e estranhamente gostava de inovações. Por essa razão estava sempre cheio de inquietudes e era infalível em causar sentimentos similares nos outros.”

<sup>61</sup> CAMERON, Averil, *Procopius and the Sixth...*, *op. cit.*, p. ix.

<sup>62</sup> GREATREX. Geoffrey, *op. cit.*, p. 78-79.

intelectuais heréticos, doutores e advogados em Constantinopla, justamente a classe que o historiador representava.<sup>63</sup>

Também há discussões referentes à sua religião, a maior parte dos estudiosos defendem que Procópio era cristão ortodoxo; porém, são poucas as vezes que temos declarações diretas do autor sobre as suas crenças em suas narrativas. Segundo Averil Cameron, é quase inegável a influência religiosa em suas obras, pois Procópio escreve sobre a providência divina, a relação de Justiniano com o sobrenatural, sobre a polaridade entre o bem e o mal e a possibilidade do milagroso.<sup>64</sup> Para a autora não há dúvidas de que ele era cristão, mas utilizou conceitos pagãos como *tykhe*<sup>65</sup> nas suas narrativas, como também criticou as perseguições contra pagãos empreendidas por Justiniano e as controvérsias doutrinárias que estavam sendo discutidas na época. No livro V da *História das Guerras* Procópio escreve:

Quanto aos pontos em disputa, apesar de eu conhecê-los bem, eu não vou fazer qualquer menção, pois considero que investigar a natureza de Deus, tentando descobrir que tipo pode ser, é uma espécie de loucura. Um homem não pode, penso eu, apreender os assuntos humanos com precisão, muito menos as coisas que dizem a respeito à natureza de Deus. Quando a mim, portanto, devo manter um discreto silêncio sobre esses assuntos, com o único objetivo de que as crenças antigas e veneráveis não podem ser desacreditadas. Bem, de minha parte, tudo o que eu poderia dizer sobre Deus é que Ele é perfeitamente bom e tem em seu poder todas as coisas.<sup>66</sup>

Lyvia de Vasconcelos Baptista, em seu artigo intitulado *O elemento religioso na interpretação dos acontecimentos da Guerra pérsica*, analisa as relações que o historiador faz sobre *tykhe* e *Theos*. Segundo a autora, a fortuna aparece menos condicionada a fundamentos morais, diferentemente de Deus, que espera sempre um comportamento justo dos homens para realizar seus propósitos. Procópio não tinha bem definido<sup>67</sup> o papel

<sup>63</sup> CAMERON, Averil, *Procopius and the Sixth...*, *op. cit.*, p. 5.

<sup>64</sup> *Ibidem*, p. 113.

<sup>65</sup> Termo que pode ser entendido como fortuna, causalidade, sorte, providência e destino. Cf. BAPTISTA, Lyvia de Vasconcelos. O elemento religioso na interpretação dos acontecimentos da Guerra pérsica. *Revista Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 5, 2015, p. 239.

<sup>66</sup> PROCOPIUS. *Goth.* 5.3. 6-8:

“τὰ δὲ ἀντιλεγόμενα ἐγὼ ἐξεπιστάμενος ὡς ἥκιστα ἐπιμνήσομαι: ἀπονοίας γὰρ μανιώδους τινὸς ἠγοῦμαι εἰ  
ἴνα ιδιερυνᾶσθαι τὴν τοῦ θεοῦ φύσιν, ὅποια ποτέ ἐστίν. ἀνθρώπων γὰρ οὐδὲ τὰ ἀνθρώπεια ἐς τὸ ἀκριβὲς οἱ  
μαικαταληπτά, μὴ τί γε δὴ τὰ εἰς θεοῦ φύσιν ἦκοντα. ἐμοὶ μένουσιν ταῦτα ἀκινδύνως σεσιωπήσθω μόνῳ τῷ  
μὴ ἀπιστεῖσθαι τὰ τετιμημένα”.

<sup>67</sup> Não é uma exclusividade de Procópio. Procópio é um indivíduo e escritor de seu próprio tempo, onde elementos clássicos e cristãos se interpolam, não se eliminam. O cristianismo usa de parâmetros pagãos já existentes para se expandir e, ao que parece, com o cristianismo seguido/vivido por Procópio não é

da *tykhe* e de *Theos* nos acontecimentos, mas através de seus escritos parece que ele responsabiliza a fortuna pelos males e infortúnios, enquanto Deus parece desempenhar um papel de benfeitor.<sup>68</sup>

Para G. Downey, nos trabalhos do historiador aparecem referências à fé cristã e reflexões pagãs. Como era comum na época, Procópio escreve sobre presságios, superstições, magia e astrologia, mas apesar desses elementos pagãos, o historiador era cristão.<sup>69</sup> Juan Signes Codoñer enfatiza que:

Há ademais muitas passagens que ligam Procópio a superstições, presságios e prodígios próprios da mentalidade da época e que transcendem qualquer credo em concreto. Se não entendemos esse crisol de cultos que era o mundo mediterrâneo por estas datas e a grande dívida que o cristianismo tem com respeito às outras religiões ou tradições no nível das crenças populares, seremos incapazes de entender porque o cristão Procópio presta crédito em uma determinada passagem aos oráculos sibilinos sem perder por nenhum momento sua condição de Cristão.<sup>70</sup>

Como podemos perceber, os debates em torno dos trabalhos de Procópio são bastante amplos e abrangem diversos assuntos e temáticas devido à variedade de temas tratados pelo autor<sup>71</sup>. Concordamos com Anthony Kaldellis que afirma que Procópio era a favor da política imperialista de Justiniano, mas não da maneira que foi empreendida. Da mesma forma, acreditamos que o historiador era um cristão, apesar das influências helênicas e pagãs em suas narrativas, que iremos examinar na próxima sessão.

---

diferente. Essa diferenciação historiográfica não parece estar presente na fonte, como Downey e Codoñer mencionam.

<sup>68</sup> Lyvia de Vasconcelos, *O elemento religioso...*, *op. cit.*, p.237-238.

<sup>69</sup> DOWNEY, G. Paganism and Christianity in Procopius. *Church History*, Vol. 18, n. 2 (Jun., 1949), p. 90.

<sup>70</sup> SIGNES CODOÑER, *apud* BAPTISTA, 2008, p. 39.

<sup>71</sup> Optamos por não tratar nesta primeira parte da dissertação sobre o debate historiográfico acerca da relação de Procópio com as populações bárbaras que o autor descreve em suas obras. No segundo capítulo, quando analisarmos a questão da construção dos retratos dos líderes bárbaros vamos discorrer sobre esse debate.

### 1.3 – O estilo clássico na *História das Guerras*

Segundo Michael Mass, a época de Justiniano foi um período de transição entre o passado clássico e as tradições cristãs, pois testemunhou a intensificação do cristianismo em todos os aspectos da vida intelectual, muitas vezes através da intervenção do imperador, que não poupou esforços para unir todo o Império em torno de uma única religião.<sup>72</sup> A política religiosa do período acabou influenciando a produção intelectual da época, assim como o sistema educacional, especialmente a filosofia, a arte e a escrita da história.

Podemos perceber essas mudanças e a influência do cristianismo na historiografia bizantina. Neste período, predominavam dois tipos de escrita da história: as crônicas cristãs e a história secular. A primeira interpretava a história dentro de uma estrutura cristã, começando com a criação ou com o nascimento de Cristo, trazendo os eventos bíblicos e a crucificação de Jesus, continuando até a época do autor que escrevia a obra. No século VI estas crônicas cristãs forneciam uma explicação da história humana para todos os cristãos, rompendo com o passado clássico greco-romano ao estabelecer uma conexão com o passado bíblico.<sup>73</sup> Os trabalhos de João Malalas<sup>74</sup>, Conde Marcelino<sup>75</sup> e de Evágrio Escolástico<sup>76</sup> são bons exemplos desse tipo de historiografia. Segundo Warren

---

<sup>72</sup> MASS, Michael. Roman Questions, Byzantine Answers contours of the Age of Justinian. In: MASS, Michael (Ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 3

<sup>73</sup> *Ibidem*, p. 18.

<sup>74</sup> As *Crônicas de João Malalas* é o primeiro exemplo de crônica bizantina. Este gênero combina história bíblica e secular, trazendo os eventos desde a criação até o reinado de Justiniano. O autor nasceu provavelmente, por volta de 490, durante o reinado do imperador Zenão em Antioquia, exerceu o cargo de *Comes Orientis*, que foi extinto por Justiniano em 535, mudou-se para Constantinopla e continuou sua carreira burocrática até a sua morte em 570. Sua obra é composta por dezoito livros e, segundo o autor em seu prefácio, podem ser divididos em duas partes de acordo com as fontes por ele utilizadas: para os livros até o reinado de Zenão ele fez uso de vários autores antigos, gregos e latinos, para o período do governo de Zenão em diante fez uso de fontes orais. Segundo o autor o objetivo da obra é definir o curso da história sagrada, tal como era interpretado pela tradição das crônicas cristãs e fornecer um resumo sobre a vida dos imperadores romanos até a sua época. MALALAS, John. *The Chronicle of John Malalas*. English translation by Elizabeth Jeffreys; Michael Jeffreys; Roger Scott. Melbourne: Australian Association for Byzantine Studies. 1986, p. xxi.

<sup>75</sup> Conde Marcelino foi um oficial da corte de Justiniano que escreveu vários trabalhos historiográficos e topográficos durante o governo do imperador, porém, somente um de seus textos sobreviveu, uma crônica que foi escrita para ser a continuação da *Crônica de Jerônimo de Estridão*, portanto começa a partir de 379 d.C até a morte do Imperador Anastácio em 518, depois foi atualizada e cobriu os eventos até 534 d.C. CROKE, Brian. *Count Marcellinus and his Chronicle*. New York: Oxford University Press, 2001, p. 1.

<sup>76</sup> Evágrio Escolástico foi historiador e trabalhou como advogado e conselheiro do Patriarca de Constantinopla Gregório de Antioquia. Nasceu em 535 na Síria, escreveu a obra *História Eclesiástica* em seis livros, onde narrou os eventos desde o 1º concílio de Éfeso, em 431, até o reinado do imperador Maurício. Suas principais fontes foram documentos eclesiásticos, utilizou as atas dos concílios de Éfeso, Calcedônia, Constantinopla e os sínodos de Roma de 484, que marcam o começo do cisma acaciano.

Treadgold, as crônicas cristãs foram mais populares que a história secular por serem escritas em uma linguagem mais acessível, enquanto a secular era escrita visando o público letrado.<sup>77</sup>

A história secular produzida no período pode ser inserida dentro de uma tradição historiográfica que teve os escritos gregos da época clássica como seus modelos de apresentação e conteúdo. Historiadores cristãos bizantinos escreveram seus textos em grego, emulando historiadores como Tucídides, Heródoto, Diodoro Sículo, Políbio e Plutarco, que foram os modelos linguísticos e conceituais para esses autores. Há uma longa lista de escritores que optaram por esse tipo de narrativa: Procópio de Cesareia, Menandro Protetor<sup>78</sup>, Prisco<sup>79</sup>, entre outros.

Segundo Diether Roderich, estes historiadores escolheram esse estilo de narrativa devido à educação clássica a que tiveram acesso e para ampliar o efeito artístico do texto. Para o autor, um dos grandes desafios para esses escritores era enriquecer a descrição de seus eventos contemporâneos com o material linguístico retirado das obras dos grandes historiadores e adaptá-los para os seus próprios fins. Por isso vemos frequentemente a *imitation* de certas passagens de Tucídides nestas obras.<sup>80</sup>

Outro ponto destacado pelos estudiosos, que pode ter influenciado a escolha desse tipo de escrita, foi a mudança no sistema educacional durante o governo de Justiniano. O sistema educacional romano que existia antes do cristianismo representava uma cultura e uma época que não estavam de acordo com as políticas impostas pelo imperador e com as crenças cristãs vigentes no período. Ao mesmo tempo que a educação ficou a cargo da Igreja, a propaganda imperial enfatizava o legado e o passado romano. Como destacou Lyvia de Vasconcelos:

Nesse momento, encontramos a coexistência do modelo de educação grega, a *Paidéia*, e o regime imperial romano. Apesar da influência helênica, os bizantinos do século de Procópio e dos precedentes se autodenominavam romanos (*rhomaíoi*). Embora o Império Bizantino

---

Também contém pronunciamentos imperiais e fontes literárias, como Procópio e João Malalas. Cf. EVAGRIUS SCHOLASTICUS. *The Ecclesiastical History of Evagrius Scholasticus*. English translation by Michael Whitby. Liverpool: Liverpool University Press. 2000.

<sup>77</sup> TREADGOLD, Warren. The Byzantine word histories of John Malalas and Eustathius of Epiphania. *The International History Review*, vol. 29, n.4 (Dec., 2007), p. 710.

<sup>78</sup> Historiador da época do Imperador Justino II, que nasceu em Constantinopla, escreveu uma obra narra os eventos de 558 a 582 que é considerada a continuação do trabalho de Agathias. KAZHDAN, Alexander P. (Ed.). *The Oxford Dictionary of Byzantium*. Oxford: Oxford University Press. vol. 2, 1992, p. 1338.

<sup>79</sup> Retórico e escritor de Constantinopla, que foi embaixador do rei Huno Átila, escreveu a obra *História de Bizâncio*. KAZHDAN, Alexander P. *op. cit.*, p. 1721.

<sup>80</sup> REINSCH, Diether Roderich. Byzantine Adaptations of Thucydides. In: RENGAKOS, Antonios; TSAKMAKIS, Antonis (Ed.). *Brill's Companion to Thucydides*. Boston: Brill, 2006, p. 762.

rechaçasse um considerável número de elementos do helenismo, como por exemplo, o modelo de religião dos gregos helênicos, a arquitetura retilínea usada nos templos, a representação naturalista da forma humana e a filosofia desenvolvida nos séculos V a.C. e IV a. C., ainda assim houve o nascimento ou eclosão de um importante movimento estético particularmente literário, cujas bases exigiam um apego às formas empregadas pelos autores gregos da época clássica. Este movimento inicial foi chamado de “aticismo” e contava com autores cujo objetivo era atingir uma língua grande, pura e sublime, e que desembocaria no chamado classicismo.<sup>81</sup>

Ainda segundo a autora, uma das características que posicionam as três obras de Procópio dentro dessa estrutura classicista é a existência de um próêmio cuidadosamente elaborado. O próêmio é o elemento que inicia o discurso e tem como função despertar o interesse da audiência. No caso de Procópio, o público ao qual se destinavam suas obras era restrito àqueles que chegavam a uma educação mediana ou erudita.<sup>82</sup> De acordo com Claudia Rapp, pouquíssimas pessoas no Império tiveram meios para alcançar esse elevado nível de erudição para serem chamadas de *literati*, devido ao custo e ao tempo que deveria ser empreendido. Depois de entrar na escola primária aos sete ou oito anos de idade e adquirir as habilidades básicas de leitura e escrita a partir de um *grammaticus*, aos treze anos os alunos estudavam os clássicos com ênfase nas expressões estilísticas utilizadas por esses autores, aprendendo a escrever com eloquência e graça. Obviamente, este tipo de escrita só poderia ser plenamente apreciado por aqueles que tinham acesso ao mesmo tipo de educação.<sup>83</sup> Dessa forma, esse tipo de escrita oferecia um material de alto nível intelectual que fundamentalmente só era lido por uma elite com instrução escolar acima da média.

A emulação feita por Procópio das obras de Tucídides é bastante discutida pela historiografia sobre o autor e suas obras. O primeiro estudioso dessa temática foi Hermann Braun em 1885, que demonstrou como a obra de Tucídides era conhecida no século VI e determinou as partes da *História da Guerra do Peloponeso* que contribuíram para as narrativas do historiador bizantino. Para isso, Braun dividiu seu estudo em sete partes: *Proemium, Tempus et Loca, Vitae ac mores, Orationes et epistulae, Morbi, Bellum et pax, Pugnae, Obsidiones*. Em seguida Duwe, no mesmo ano, apresentou um estudo

---

<sup>81</sup> BAPTISTA, Lyvia de Vasconcelos, *Procópio e a apropriação...*, *op. cit.*, p. 51-52.

<sup>82</sup> BAPTISTA, Lyvia de Vasconcelos. *História e retórica na análise do próêmio da obra Guerra Persa. CODEX: Revista Discente de Estudos Clássicos*, vol. 3, 2009, p. 42.

<sup>83</sup> RAPP, Claudia, *op. cit.*, p. 380.



similar sobre os trabalhos de Procópio, dividindo a sua análise em cinco categorias: *sententiae, locutiones, singula vocabula, syntactica e structurae*.<sup>84</sup>

Para a historiografia contemporânea sobre Procópio a emulação realizada pelo autor das obras de Tucídides vai muito além da simples adoção do vocabulário. Segundo Anthony Kaldellis, o historiador escolheu escrever no estilo clássico por acreditar que esse fosse um tipo de escrita que resistiria ao tempo e seria compreensível para os futuros leitores. No início da sua narrativa sobre as guerras contra os Persas, Procópio deixa claro que seu objetivo era preservar a memória e escrever a verdade dos acontecimentos que descreveu, para que com o passar do tempo esses eventos tão importantes não fossem esquecidos, desenvolvendo uma história válida, legítima e acima de qualquer suspeita:

Procópio de Cesareia escreveu as guerras que Justiniano, o imperador dos romanos, empreendeu contra os bárbaros do Oriente e do Ocidente, relatando separadamente os eventos, a fim de que o longo curso do tempo não possa oprimir os feitos de singular importância por falta de um registro e, assim abandoná-los ao esquecimento totalmente. A memória destes eventos será de grande importância para os homens de hoje, e para as gerações futuras, caso o tempo os coloque em situações semelhantes.<sup>85</sup>

Para Renato Viana Boy, Procópio utilizou os textos clássicos em suas obras devido às referências helênicas a que teve acesso em Cesareia e pelo fato de Heródoto e Tucídides terem as guerras como o principal objeto de suas narrativas. Além disso, os dois autores tiveram um comprometimento de escrever a “verdade” sobre os eventos que testemunharam em suas obras, e, por isso, Procópio escolheu esse gênero de narrativa para conseguir alcançar o mesmo grau de confiabilidade, que não poderia ser obtido através de outros gêneros, como a retórica e a poesia.<sup>86</sup> Nesse período a história era associada à verdade, sendo a honestidade e a imparcialidade as características mais adequadas no relato dos acontecimentos. Segundo Warren Treadgold, para a maioria dos autores bizantinos a verdade não residia apenas na descrição correta dos fatos, mas

<sup>84</sup> REINSCH, Diether Roderich, *op. cit.*, p. 762.

<sup>85</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 1.1.1:

“Προκόπιος Καισαρεύς τοὺς πολέμους ξυνέγραψεν οὕς Ἰουστινιανὸς ὁ Ῥωμαίων βασιλεὺς πρὸς βαρβάρους διήνεγκε τοὺς τε ἐφ’ ὧν καὶ ἐσπερίους, ὥς πη αὐτῶν ἐκάστῳ ξυνηνέχθη γενέσθαι, ὡς μὴ ἔργα ὑπερμεγέθη ὁ μέγας αἰὼν λόγου ἔρημα χειρωσάμενος τῇ τε λήθῃ αὐτὰ καταπρόηται καὶ παντάπασιν ἐξίτηλα θῆται, ὥνπερ τὴν μνήμην αὐτὸς ἔπειτα μέγα τι ἔσεσθαι καὶ ξυνοῖσον ἐς τὰ μάλιστα τοῖς τε νῦν οὖσι καὶ τοῖς ἐς τὸ ἔπειτα γενησομένοις, εἴ ποτε καὶ αὐθις ὁ χρόνος ἐς ὁμοίαν τινὰ τοὺς ἀνθρώπους ἀνάγκην διάθοιτο”.

<sup>86</sup> BOY, Renato Viana, *op. cit.*, p. 64-66.

também em um julgamento justo e imparcial das atividades dos personagens que foram descritos.<sup>87</sup>

Para Roger Scott, a *imitation* dos textos clássicos era um instrumento utilizado pelos historiadores bizantinos para a ornamentação de sua escrita, o que não interferiu em sua maneira própria de escrever a história e na forma que interpretavam o passado. Para o autor, uma característica marcante da escrita dos historiadores bizantinos, além do apego excessivo à verdade, era a escolha de temas que de alguma forma possuíssem algum envolvimento com o escritor, como é o caso da obra *A Alexiada* de Anna Kommena, que descreve o reinado de seu pai, Aleixo I. Na historiografia clássica, os autores gregos não aparecem como figuras centrais nos relatos dos acontecimentos, mas somente quando sua experiência no que está sendo descrito complementa uma informação que está em falta. Dessa forma, os historiadores gregos davam ênfase ao período e os bizantinos ao indivíduo. Porém, essa característica é mais clara após o século VII, pois as obras de autores como Procópio e Agathias tinham como foco os eventos e não os indivíduos. Segundo Scott, Procópio fez uso das duas tradições em suas obras, a clássica e a bizantina. Na *História das Guerras* utilizou do classicismo como modelo estilístico e para disfarçar suas críticas a Justiniano; já em *História Secreta*, apesar de também ser escrita no mesmo estilo das *Guerras*, tem como foco o indivíduo, estando mais próxima da escrita bizantina.<sup>88</sup>

Charles Pazdernik, em seu artigo *Procopius and Thucydides in the Labors of War: Belisarius and Brasidas in the Field*, afirma que o estilo clássico de Procópio foi uma escolha acadêmica, política e artística. Segundo o autor, devemos analisar como esses historiadores antigos se tornaram referência para Procópio e como o ajudaram a formular respostas para os problemas sobre os quais estava escrevendo no século VI. Pazdernik fez um estudo comparando os personagens descritos por Tucídides com os do historiador bizantino e conseguiu traçar vários paralelos entre Brasidas, general espartano que se destacou nos primeiros anos da Guerra do Peloponeso, com Belisário, general bizantino que foi enviado por Justiniano nas campanhas militares contra os persas, vândalos e godos. Ambos lutavam em guerras que propunham a libertação de uma população que

---

<sup>87</sup> TREADGOLD, Warren. *The early Byzantine historians*. London: Palgrave Macmillan, 2010, p. 213.

<sup>88</sup> SCOTT, Roger. The Classical Tradition in Byzantine Historiography. In: MULLET, Margareth and SCOTT, Roger (eds.), *Byzantium and the Classical Tradition*. Birmingham: University of Birmingham, 1981, p. 61-74.

estava sob o domínio de seus adversários e exerciam um governo que foi caracterizado como despótico e ilegal.<sup>89</sup>

Diether Roderich também escreveu um artigo analisando os possíveis paralelos entre as obras de Tucídides e Procópio, comparando as descrições feitas pelo historiador bizantino sobre a peste que atingiu Constantinopla em 541 d. C. com a realizada por Tucídides, que atingiu Atenas em 430 a.C. Segundo o autor, em Procópio há uma apropriação linguística, embora também existam grandes diferenças entre as duas narrativas.<sup>90</sup> Para Lyvia de Vasconcelos, a reapropriação das obras de Tucídides em Procópio pode ser analisada em três níveis: o linguístico, na elaboração do conteúdo e como forma de registro. De acordo com ela, a *História das Guerras* não é uma simples cópia da *História da Guerra do Peloponeso*. Procópio utiliza como modelo a obra de Tucídides e faz uma *mimesis* linguística, mas esse registro deve ser entendido como um produto de sua própria época e deve ser analisado dentro de seu contexto de produção.<sup>91</sup>

Portanto, a historiografia classicista bizantina produzida durante a Antiguidade Tardia compartilhava várias características com as obras elaboradas pelos autores clássicos. Esses escritores bizantinos acreditavam que havia um modelo de escrita mais elevado e tentaram reproduzi-lo, escrevendo sobre os mesmos temas, como as guerras e a política, e fazendo grandes digressões etnográficas com os trabalhos de Tucídides e de Heródoto. Porém, apesar da clara influência desses textos na obra de Procópio, seus trabalhos possuem características próprias e trazem questões relativas à época do autor. Além disso, como foram escritos em um Império cristão, possuíam vários elementos religiosos que distinguiam ainda mais a escrita do historiador bizantino dos modelos seguidos por ele.

---

<sup>89</sup> PAZDERNIK, Charles F. Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field. *Transactions of the American Philological Association*. vol. 130. Emory University, 2000, p. 150-153.

<sup>90</sup> RODERICH, Diether, *op. cit.*, p.170.

<sup>91</sup> BAPTISTA, Lyvia de Vasconcelos, *Procópio e a apropriação...*, *op. cit.*, p. 131-138.

#### 1.4 – A construção das imagens das Lideranças

Dentro da produção historiográfica de Procópio escolhemos a *História das Guerras* como documento central de análise. Buscamos compreender as concepções de poder imperial presentes nesse período, como expressas na literatura do historiador. Seguindo uma tradição que remonta à historiografia greco-romana, Procópio serve-se das figuras dos líderes bárbaros e do imperador Justiniano para advogar modelos aceitáveis ou recusáveis de conduta frente a seus governos. Logo, tendo em vista que o Império Bizantino lutava contra reinos já estabelecidos e com sistemas políticos, econômicos, religiosos e sociais próprios, trata-se de entender, em suma, como essa política imperialista estava também pautada por concepções do poder político na Bizâncio do século VI.

Segundo Lyvia de Vasconcelos, Justiniano teve que adotar diversas medidas para legitimar e promover a sua autoridade, e utilizou vários recursos imagéticos e retóricos para enfatizar seus empreendimentos militares, associar a sua imagem a uma devoção divina e para ser reconhecido como um grande governante.<sup>92</sup> A literatura foi um dos suportes escolhidos para tanto. A divulgação das virtudes ou dos vícios do governante poderia não somente eternizá-lo, mas também legitimar seu poder e suas ações. Ao longo da Antiguidade as imagens constituíram importantes recursos de comunicação e persuasão nos âmbitos político e cultural em processos que se vinculavam tanto à sustentação quanto à conquista do poder.

George Balandier define a imagem enquanto uma figuração do real. Sua eficácia está no seu caráter constante e por ser dotada de poder, principalmente o de fazer acreditar<sup>93</sup>. Segundo François Laplatine e Liane Trindade:

[...], a imagem que fazemos de uma pessoa que conhecemos na atualidade ou no passado de nossa existência, não corresponde ao que ela é para si, ou para outrem que também a tenha conhecido, pois sempre é uma imagem marcada pelos sentimentos e experiências que tivemos em relação a ela. Atribuímos a essa pessoa qualidades físicas ou morais que, embora ela possa em parte possuir, são aumentadas ou denegridas, mutáveis, transformadas e plenas de significados que lhe

---

<sup>92</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>93</sup> BALANDIER, Georges. *O Dédalo para finalizar o século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1999, p. 130.

fornecemos no percurso de nossas experiências e lembranças vividas e concebidas nos encontros e desencontros que com ela estabelecemos.<sup>94</sup>

Neste trabalho, a imagem criada através dos mecanismos retóricos de caracterização de personagens será tratada como retrato, do qual o autor retira argumentos que podem ser úteis sobre a pessoa ou situação que será apresentada, por colocarem algo em evidência. Além disso, utilizamos a imagem como um processo de caracterização com o objetivo de expor as principais características que determinam o caráter do personagem.<sup>95</sup> Sendo assim, entendemos o processo de construção das *imagines* como fruto de certa cultura literária que não foi imposta, mas sim assimilada por uma elite intelectual que compôs a maior parte das fontes escritas das quais temos acesso.

O processo de composição de personagens na narrativa histórica está fundamentado em práticas retóricas, uma vez que o uso de discursos persuasivos tinha como objetivo formular um juízo<sup>96</sup>. Segundo Aristóteles, há três gêneros de discurso: o judiciário, o deliberativo (ou político) e o epidítico. Cada um deles é direcionado a um tipo de audiência e corresponde a um tempo. O gênero historiográfico na Antiguidade apresenta características dos três, principalmente do epidítico, que é associado ao presente, tendo como público os espectadores<sup>97</sup>. Seu objetivo é a amplificação do discurso e se baseia em fatos que são conhecidos por sua audiência, demonstrando os acontecimentos, discernindo virtudes e vícios, e orientando escolhas futuras. Este é um ponto comum desse gênero retórico com a história, na medida em que o historiador deve fornecer fatos e exemplos que serão julgados e, se considerados nobres e virtuosos, serão dignos de serem imitados.

Sarlota A. Takacs destaca que para sustentar o Império Romano o líder deveria ser portador de *virtus*, um conjunto de virtudes (independência, virilidade, coragem, clemência e outras qualidades) para garantir a lealdade dos súditos e sua autoridade. Os discursos retóricos fundados nas virtudes tradicionais foram estabelecidos e empregados pelos antigos romanos. Os líderes mais virtuosos recebiam o título honorífico de pai da

---

<sup>94</sup> LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. *O Que é Imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 2010, p. 2.

<sup>95</sup> AZEVEDO, Sarah Fernandes Lino de. *História, Retórica e Mulheres no Império Romano - Um estudo sobre as personagens femininas e a construção da imagem de Nero na narrativa de Tácito*. Ouro Preto: EDUFOP/ PPGHIS, 2012, p. 17.

<sup>96</sup> Compreendemos retórica como a “arte de persuadir pelo discurso, sendo discurso toda a produção verbal, escrita ou oral, constituída por uma frase ou sequência de frases que tenham começo e fim e apresente certa unidade de sentido”. Cf. REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. xiv-xxii.

<sup>97</sup> O judiciário tem como auditório o tribunal, sendo associado ao passado, o deliberativo a Assembleia que visa o futuro. *Ibidem*, p. 47.

pátria (*pater patriae*) e poderiam reivindicar o favor divino. “Apesar de o cristianismo ter introduzido um novo “Pai”, a educação clássica (*paideia*) garantiu a continuidade do discurso retórico estabelecido”.<sup>98</sup>

Dessa forma, caso o líder rompesse com alguma dessas virtudes, poderia contribuir de forma negativa em sua imagem, pois:

[...] os autores de todo o Império distinguem e opunham *rex* e *tyrannus*. O primeiro termo simbolizava o soberano que tinha um poder único e pessoal, mas que era justo, sábio e mestre de suas paixões; o segundo indicava o governante injusto e escravo de suas paixões.<sup>99</sup>

O cristianismo trouxe novos valores morais e dogmas próprios que foram acrescentados a estas virtudes, pois o governante agora era submetido à autoridade e às leis de Deus. Desde Leão I (457-474) o imperador recebia o poder imperial do patriarca de Constantinopla. Assim, foi a Igreja, e não o exército, o povo ou o Senado, como ocorria tradicionalmente, que investia o imperador com o poder.<sup>100</sup> Segundo Averil Cameron, o governo de Justiniano foi um período de contradições culturais e religiosas, visto que o discurso cristão ainda não havia acabado com as tradições pagãs. Para a autora, essas contradições refletiam nas políticas e ações do imperador que, ao mesmo tempo, aspirava ser o restaurador da glória romana dentro de um império cristão e era um ávido defensor do cristianismo ortodoxo.<sup>101</sup>

Sarah Fernandes Lino de Azevedo ressalta a importância da retórica para a construção das características de um governante ideal. Segundo a autora, ela sempre fez parte da educação dos homens letrados durante todo o período clássico, o que demonstrava haver uma aspiração pela continuidade da “tradição clássica”. Tão importante quanto relatar os acontecimentos memoráveis, o historiador deveria também fornecer exemplos de conduta a serem seguidos.<sup>102</sup> Para Fábio Duarte Joly:

Ao historiador cabe fornecer a seus leitores ações de personagens históricos que primam tanto pela grandeza positiva quanto pela negativa, a fim de que tenham referenciais para suas próprias ações. Ao

<sup>98</sup> TAKACS, Sarlota A. *The Construction of Authority in Ancient Rome and Byzantium*. New York: Cambridge University Press, 2009, p. xix.

<sup>99</sup> BERANGER, *apud*, ALENCAR, 2007, p. 47

<sup>100</sup> *Ibidem*, p.120.

<sup>101</sup> Cameron, Averil. *Christianity and the Rhetoric of Empire: The Development of Christian Discourse*. London: University of California Press, 1994, p. 190.

<sup>102</sup> AZEVEDO, Sarah Fernandes Lino de., *op. cit.*, p. 34-38.

elencar exemplos de conduta que sejam malignos e prejudiciais, espera que o leitor adote a postura contrária, o caminho do bom e do honesto.<sup>103</sup>

O soberano, de acordo com Ana Tereza Marques Gonçalves, teria a obrigação de governar de uma maneira exemplar. Se não conseguisse fazer isso na prática, ao menos deveria se aproximar da exemplaridade que foi passada aos súditos<sup>104</sup>. Dessa forma, a noção de *exemplum* será de extrema importância para a nossa análise. Compreendemos os *exempla* como arquétipos morais, sendo o seu principal objetivo estimular a emulação ou, em contrapartida, condenar o comportamento vicioso. Além de serem modelos de conduta, também serviam de base para avaliações dos eventos do presente. Um *exemplum*, mais que um simples exemplo de um personagem que compõe a narrativa, é, antes de tudo, um modelo moral de conduta a ser emulado, caso positivo, ou rejeitado, caso negativo. Portanto, a utilização dos *exempla* foi extremamente importante no processo de persuasão e verossimilhança da narrativa antiga, pois a caracterização dos vícios e virtudes dos personagens ligava-se diretamente às ações e aos feitos históricos.<sup>105</sup>

Para Matthew Roller a exemplaridade é um discurso, um coerente sistema de símbolos que organiza e representa o passado de uma maneira única, e que por consequência, facilita o conhecimento deste. Este discurso é produzido da seguinte maneira: primeiro alguém realiza um ato em público perante alguns membros ou representantes da comunidade – estes membros partilham de um conjunto de normas e valores – em seguida, a audiência que testemunhou essa ação avalia a sua consequência para a comunidade, que julga entre o “bom” e o “mau” de acordo com os valores que compartilham. Após a avaliação da audiência, o ator e o fato são comemorados, não só no sentido de celebrar, mas também no sentido de recordar a ação para os seus contemporâneos e para as próximas gerações. Esse processo é realizado através dos “monumentos” que Roller classifica como elementos que fazem referência a determinado *exemplum* e que tem por objetivo comemorar determinada ação, como por exemplo, estátuas, títulos, templos, rituais, narrativas historiográficas, etc. Na última etapa, as

---

<sup>103</sup> JOLY, F. D. Teleologia e Metodologia Históricas em Tácito. *História revista*. Goiânia, vol. 6, n. 2, 2001, p. 39.

<sup>104</sup> GONÇALVES, Ana Tereza Marques. Construção e inserção de imagens na memória política romana: o caso dos severos. *História Revista* (UFG), Goiânia/GO, vol. 9, n.1, 2010, p. 113.

<sup>105</sup> Cf. DAITZ, Stephen G. “Tacitus’ Technique of Character Portrayal.” In: *The American Journal of Philology*, vol. 81, 1960; MARINCOLA, John. *Authority and Tradition in Ancient Historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997; WIEDEMANN, Thomas. Reflections of Roman political thought in Latin historical writing. In: ROWE, Christopher (Ed.) *The Cambridge history of Greek and Roman Political Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 517-531.

pessoas que tiveram acesso a essa ação devem aprender com ela e aceitá-la como uma norma ou um princípio, que poderá ser utilizado como um modelo para avaliar as próprias ações e as das outras pessoas. Se a ação for positiva, poderá ser imitada, em caso negativo, deverá ser evitada. Dessa forma, o discurso exemplar constrói figuras que são usadas como modelos apropriados e remodelados por várias gerações, moldando o passado para possibilitar avaliações no presente. O exemplo pode ser modificado ao longo do tempo, diferindo-se da sua ideia original<sup>106</sup>.

Entendemos que os líderes bárbaros descritos na obra de Procópio também contribuíram para a formação da imagem de Justiniano na medida em que, ao relatar as políticas imperiais empreendidas contra essas populações, assim como, suas condutas e costumes, o autor evidenciou aspectos do governo e sobre o próprio imperador. Sendo assim, procuramos analisar qual o papel desempenhado por essas descrições dos reis bárbaros e de suas comunidades na construção da imagem de Justiniano e como através desses retratos, Procópio demonstrou o que é ser um bom ou um mau governante.

Procópio faz uso de diversos mecanismos retóricos para construir seus retratos na *História das Guerras*, e nos próximos capítulos deste trabalho vamos analisar como o autor fez essas construções. Começaremos com os persas, expondo como Procópio descreve essa população e, principalmente, como o rei persa Chosroes é visto pelo autor. A *Guerra Persa* ainda traz grandes possibilidades interpretativas sobre a temática proposta neste estudo, pois contém a descrição de João da Capadócia, prefeito pretoriano, e Triboniano, questor e conselheiro do imperador. Devido à proximidade de João e Triboniano com Justiniano, é interessante analisar como o autor descreveu o papel dos dois juntos ao imperador, além da revolta de Nika e a peste que atingiu Constantinopla em 541.

Em seguida, trataremos do caso dos vândalos e de como Procópio descreveu Gelimer, o rei vândalo que estava no comando dessa população neste período. O autor também narra o triunfo recebido por Belisário no final da guerra vandálica e quando o general leva Gelimer a Bizâncio. Para a *Guerra Gótica* escolhemos analisar Teodorico, Amalasantha, Totila e Teia. Os confrontos na Península Itálica duraram dezoito anos e, por isso, temos uma sucessão de governantes godos durante as ações militares de Justiniano

---

<sup>106</sup> ROLLER, Matthew. The exemplary past in Roman historiography and culture. In: FELDHERR, Andrew (ed.) *The Cambridge Companion to the Roman Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 216-217.



nesta região. Além disso, os reis godos são caracterizados de forma mais positiva se compararmos com os relatos dos líderes anteriores.

Por fim, será feita a análise de Justiniano e de seus generais. À primeira vista, parece que o autor tenta criar um retrato de um bom governante, preocupado com seus súditos, restaurador da glória de Roma e defensor do cristianismo, mas uma leitura atenta da obra mostra que Procópio tece várias críticas ao imperador e à sua política expansionista.

## **CAPÍTULO 2 – A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DOS LÍDERES POLÍTICO-MILITARES NA *HISTÓRIA DAS GUERRAS***

Neste capítulo, vamos examinar as descrições dos líderes bárbaros feitas por Procópio de Cesareia na obra *História das Guerras*. No primeiro tópico vamos tratar sobre a dicotomia entre os termos “bárbaro” e “romano”, pois o relato de Procópio reflete conceitos tradicionais da historiografia greco-romana, e, neste sentido, vamos examinar como se dava o uso de estereótipos retóricos na constituição dos retratos desses personagens na historiografia bizantina. Em seguida vamos analisar, de forma separada, os líderes descritos na obra, elencamos os principais e com maior destaque nas narrativas. Primeiro, vamos nos dedicar ao caso dos reis persas, depois aos vândalos e por último aos godos. O propósito desse estudo é verificar como através das descrições dos reis bárbaros, seus costumes, administração e relações com o Império Romano, o autor conseguiu expor aspectos do governo imperial, assim como construir uma imagem do próprio imperador Justiniano. Percebemos que, para além das características individuais dos personagens envolvidos na narrativa, Procópio também faz descrições por associação ou dissociação entre eles, demonstrando assim comportamentos considerados virtuosos ou viciosos em seus escritos.

### **2.1 – Análise dos conceitos de “bárbaro” e “romano”**

Dentro da historiografia sobre a Antiguidade Tardia, há um grande debate envolvendo os conceitos de “bárbaro” e “romano” e como essas diferenciações funcionavam como forma de distinção social, cultural e econômica dentro deste período. Nesta sessão, vamos analisar brevemente as principais discussões sobre esses conceitos, e também vamos examinar como Procópio fez as suas descrições sobre as populações classificadas como bárbaras em suas narrativas, com o objetivo de demonstrar as diferenças entre a população romana e os povos situados além das fronteiras de Bizâncio para justificar os empreendimentos imperialistas de Justiniano na Itália e no Norte da África.

Segundo Patrick J. Geary em *O mito das nações*, o conceito de “bárbaro” era uma “categoria inventada, projetada numa variedade de povos, que continha todos os

preconceitos e suposições de séculos de etnografia e imperialismo”.<sup>107</sup> Exceto para os persas, que eram reconhecidos pelos romanos como uma grande civilização, os outros povos, que estavam situados além das fronteiras imperiais, foram classificados em categorias generalizantes e estereotipadas herdadas de uma longa tradição etnográfica e discursiva do mundo clássico.<sup>108</sup> Para Geary, a identidade romana era uma categoria constitucional, que foi criada de uma forma interna, baseando-se em uma cultura e tradição intelectual comuns, em uma inclinação para fazer parte de uma mesma tradição política e econômica e de um sistema legal. Por mais que houvesse características comuns, não existia uma etnia romana. Desse modo, mesmo que os escritores romanos enfatizassem as diferenças entre esses dois conceitos, um não excluía o outro, um indivíduo poderia ser romano e bárbaro ao mesmo tempo.<sup>109</sup>

Dentro da mesma linha de pensamento de Patrick J. Geary, o historiador austríaco Walter Pohl destaca que os grupos étnicos não poderiam ser delimitados e distinguidos de forma clara, visto que a etnicidade não era uma característica inata, uma condição natural e sim resultado de uma prática social que foi reproduzida, promovida e preservada, fortalecendo os laços que mantinham unidos esses grupos<sup>110</sup>. Na Antiguidade Tardia, a etnicidade tinha uma dupla função: de integração e distinção. Para o autor, etnia refere-se a ser diferente: ser um godo ou um franco era ser distinto dos outros povos e se orgulhar disso. Desse modo, as fontes romanas e gregas não tratavam as identidades étnicas bárbaras com precisão; os autores classificavam e catalogavam esses costumes e as diferenças entre os povos, mas o modo pelo qual esses autores obtinham essas informações e a forma pela qual foram transmitidas não era adequada, ao menos não a ponto de podermos confiar totalmente em seus relatos.<sup>111</sup>

De acordo com Guy Halsall, “o único fator comum para definir etnia é a crença: na realidade de seu grupo e na diferença com os outros. Etnia é cognitiva um estado de espírito”.<sup>112</sup> O conceito de etnicidade é fluído e multifacetado. O autor destaca que o

<sup>107</sup> GEARY, Patrick J. *O mito das nações. A invenção do nacionalismo*. Tradução: Fábio Pinto. São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2005, p. 65.

<sup>108</sup> GEARY, Patrick J. Barbarians and Ethnicity. In: BOWERSOCK, G. W.; BROWN, Peter; GRABAR, Oleg (Ed). *Interpreting Late Antiquity: essays on the postclassical world*. Massachusetts: Harvard University Press, 2001, p. 107.

<sup>109</sup> GEARY, Patrick J. *O mito das nações. A invenção do nacionalismo...*, *op. cit.*, p. 81.

<sup>110</sup> POHL, Walter. "El concepto de etnia en los estudios de la Alta Edad Media". In: LITTLE, Lester K. y ROSENWEIN, H. *La Edad Media a debate*. Madrid: Ediciones Akal, 2003, p. 39.

<sup>111</sup> POHL, Walter. Strategies of Distinction. In: POHL, Walter; REIMITZ, Helmut (org.). *Strategies of Distinction: The Construction of the Ethnic Communities*, 300-800. Leiden: Brill, 1998, p. 4-11.

<sup>112</sup> HALSALL, Guy. *Barbarian Migrations and the Roman West, 376 -568*. New York: Cambridge University Press, 2007, p. 38.

conceito romano de “bárbaro” derivava dos gregos, os bárbaros eram aqueles que viviam fora dos limites do Império e se opunham ao domínio romano. Para Halsall é importante notar que uma das principais características dos bárbaros era a sua incapacidade de viver de acordo com a lei.<sup>113</sup>

Daniele Garlindo Gonçalves Silva e Maurício da Cunha Albuquerque ressaltam que as nomenclaturas utilizadas para denominar ou classificar um grupo social possuem um:

potencial estereotipador, tanto em seu tempo quanto, ao serem (re)interpretadas em tempos posteriores. Isso se deve a todas as construções históricas, ideológicas e sociais atreladas à determinada expressão em especial. Isso se torna claro ao examinar o caso dos germanos antigos.<sup>114</sup>

Em nossa pesquisa, concordamos com as análises sugeridas por Geary e Pohl, e entendemos o conceito de “bárbaro” como uma categoria inventada e projetada sobre os povos situados além das fronteiras. Para os romanos era mais fácil compreender e interagir com essas populações quando vistos como grupos étnicos homogêneos do que como grupos fluídos e complexos como a população romana.<sup>115</sup> Dentro da obra de Procópio, podemos perceber que o autor não se preocupou em distinguir esses povos bárbaros, não se atentando para as características e peculiaridades de cada cultura, demonstrando esses conceitos tradicionais e as categorias generalizantes e estereotipadas da historiografia greco-romana:

Agora, enquanto Honório estava à frente do poder imperial no Ocidente, bárbaros tomaram posse de sua terra; e eu te direi quem eram e de que maneira eles o fizeram. Havia muitas nações góticas em épocas anteriores, assim como também no presente, mas as maiores e mais importantes de todas são os godos, vândalos, visigodos e Gépadas. Nos tempos antigos, no entanto, eles foram nomeados Sauromatae e Melanchlaeni; e houveram alguns que chamavam estas nações Géticas. Todos estes, ao mesmo tempo que se distinguem umas das outras pelos seus nomes, como já foi dito, não diferem em mais nada. Pois todos eles têm corpos brancos e cabelos claros, e são altos e bonitos de se ver, e eles usam as mesmas leis e praticam uma religião comum. Todos eles são da fé ariana, e têm uma linguagem chamada gótica; e, parece-me, todos eles vieram originalmente de uma tribo, e foram distinguidos mais tarde pelos nomes daqueles que lideraram cada grupo.<sup>116</sup>

<sup>113</sup> *Ibidem*, p. 45-55.

<sup>114</sup> SILVA, Daniele Galindo Gonçalves; ALBUQUERQUE, Maurício da Cunha. Bárbaros ou/vs romanos? Sobre identidades e categorias discursivas. *Mirabilia* (Vitória. Online), vol. 21, 2015, p. 354.

<sup>115</sup> GEARY, Patrick, *O mito das nações. A invenção do nacionalismo...*, op. cit., p. 75.

<sup>116</sup> PROCÓPIUS. *Vand.* 3.2.1-6:

Como podemos notar na citação acima, esses grupos étnicos para Procópio, eram todos iguais e só se distinguiam através dos nomes. Porém, é importante destacarmos que essas populações não possuíam características culturais, políticas, físicas, linguísticas e religiosas homogêneas como sugere o historiador bizantino. Há séculos romanos e bárbaros estavam em contato, ocasionando um intenso intercâmbio cultural e econômico, de forma que, as diferenças entre eles, não eram tão profundas. Contudo, essas interações não acabaram com as identidades regionais e étnicas. Por exemplo, os nomes germânicos ainda eram utilizados, assim como os títulos étnicos, como *rex Vandalorum* para o caso dos vândalos. Teodorico, o Grande, optou por se intitular somente de *rex*, pois alguma definição étnica poderia ter distanciado os súditos italianos, sendo eles romanos ou não. O rei ostrogodo, durante seu governo na Itália, também optou por uma política matrimonial entre as realezas bárbaras, visando estreitar e fortalecer os laços entre os godos e as outras populações assentadas nas fronteiras imperiais.<sup>117</sup>

Da mesma forma que o cristianismo era um dos elementos primordiais da identidade romana<sup>118</sup>, o arianismo também foi utilizado para fundar uma identidade comum entre os bárbaros. Segundo Patrick Geary, os godos, assim como os vândalos, burgúndios e outros povos, foram arianos, sendo que essa fé se tornou intimamente identificada com o rei e seu povo.<sup>119</sup> Para Danilo Medeiros Gazzotti, o arianismo tinha uma dupla função dentro destes reinos bárbaros: o primeiro “de aproximar a sua identidade a *ciuilitas* romana, devido ao abandono de seus antigos cultos e a sua aproximação com o Cristianismo; depois de estabelecer uma identidade própria com a formação de uma religião romano-bárbara”.<sup>120</sup>

---

“Ὀνωρίου δὲ τὴν πρὸς ἡλίου δυσμαῖς ἔχοντος βασιλείαν βάρβαροι ἦν ἐκείνουκατέλαβον χώραν: οἵτινες δὲ καὶ ὅτω τρόπῳ, λελέξεται. Γοθικὰ ἔθνη πολλὰ μὲν καὶ ἄλλα πρότερόν τε ἦν καὶ τανῦν ἔστι, τὰδὲ δὴ πάντων μέγιστα τε καὶ ἀξιολογώτατα Γότθοι τέ εἰσι καὶ Βανδίλοι καὶ Οὐισίγοιθοι καὶ Γήπαιδες, πάλαι μὲν τοῖς Σαυρομάται καὶ Μελάγγλαινοῖνομάζοντο: εἰσὶ δὲ οἱ καὶ Γετικὰ ἔθνη ταῦτ' ἐκάλουν. οὗτοι ἅπαντες ὀνόμασι μὲν ἀλλήλων διαφέρουσιν, ὥσπερ εἴρηται, ἄλλω δὲ τῶν πάντων οὐδενὶ διαλλάσσουσι. λευκοὶ τε γὰρ ἅπαντες τὰ σώματά εἰσι καὶ τὰς κόμας ξανθοί, εὐμήκεις τε καὶ ἀγαθοὶ τὰς ὄψεις, καὶ νόμοις μὲν τοῖς αὐτοῖς χρῶνται, ὁμοίως δὲ τὰ ἐς τὸν θεὸν αὐτοῖς ἤσκῃται. τῆς γὰρ Ἀρείου δόξης εἰσὶν ἅπαντες, φωνὴ τε αὐτοῖς ἔστι μία, Γοθικὴ λεγομένη: καὶ μοι δοκοῦν ἐξ ἐνόησεν εἶναι ἅπαντες τὸ παλαιὸν ἔθνος, ὀνόμασι δὲ ὕστερον τῶν ἐκάστοις ἡγησασμένων διακεκρίσθαι.”

<sup>117</sup> POHL, Walter. Justinian and the Barbarian Kingdoms. In: MASS, Michael. *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p.455.

<sup>118</sup> Cf. BOY, Renato Viana, *Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica: da “Queda de Roma” ao período de Justiniano...* op. cit., p. 152.

<sup>119</sup> GEARY, Patrick J, *Barbarians and Ethnicity...* op. cit., p. 147-148.

<sup>120</sup> GAZZOTTI, D. M. Em busca de uma identidade romano-bárbara: a emulação das instituições romanas pelas monarquias goda e sueva na primeira metade do século V. *Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos*, vol. 7, 2016, p. 242.

No período de Justiniano, muitas dessas populações já haviam aderido a algumas das estruturas administrativas e econômicas romanas e tentavam manter boas relações com Bizâncio. Segundo Robert Browning, durante o governo de Teodorico na Itália, o rei ostrogodo não governou somente os godos, mas era considerado um vice-rei do imperador e comandante das forças imperiais no Ocidente. Esta relação foi confirmada pelos imperadores Zenão e Anastácio, nunca sendo repudiada por nenhuma das partes. Devido a essa aproximação entre o poder imperial e o governo ostrogodo, Teodorico conseguiu conciliar os interesses de seu povo com a população romana que vivia na Itália, além de conseguir o apoio do tradicional e conservador Senado romano.<sup>121</sup> O rei ostrogodo mostrou-se um grande admirador da cultura romana e desejava ser reconhecido como herdeiro legítimo da *ciuitas* romana.

Porém, como destacou Geary, devido a romanização dos ostrogodos, algumas das tradições góticas foram se perdendo, o que gerou uma reação “anti-romana” após a morte de Teodorico.<sup>122</sup> Na *Guerra Gótica* há uma passagem na qual o historiador mostra que a nobreza goda, criticava a educação dada por Amalásunta, filha de Teodorico, ao seu filho Atalarico futuro herdeiro do trono godo, que não era criado nos costumes godos e sim nos romanos:

Agora Amalásunta desejava fazer seu filho se assemelhar aos príncipes romanos em seu modo de vida, e já o obrigava a frequentar a escola de um professor de letras. (...). Os notáveis godos se reuniram e chegaram a presença de Amalásunta, criticando que seu rei não estava sendo educado corretamente no ponto de vista deles e nem para sua própria vantagem.<sup>123</sup>

Na seguinte passagem da *Guerra Vândala*, Procópio retrata o estilo de vida e alguns costumes dos vândalos durante o reinado de Gelimer, apesar do autor fazer uma crítica ao excesso de luxúria, podemos notar algumas semelhanças com as práticas culturais romanas. É interessante notar que a descrição sobre o estilo de vida dos vândalos no norte da África é muito semelhante aos da elite romana em Constantinopla, descrito por Procópio na *História Secreta*<sup>124</sup>:

<sup>121</sup> BROWNING, Robert. *Justinian and Theodora*. London: Thames and Hudson, 1987, p. 101.

<sup>122</sup> GEARY, Patrick J, *Barbarians and Ethnicity...*, *op. cit.*, p. 122-123.

<sup>123</sup> PROCOPIUS. *Goth*. 5.2.6-12:

“ἢ μὲν οὖν Ἀμαλασοῦνθα τὸν παῖδα ἐβούλετο τοῖς Ῥωμαίων ἄρχουσι τὰ ἐστὴν δίαίταν ὁμότροπον καταστῆσαι καὶ φοιτᾶν ἐς γραμματιστοῦ ἡδηγνάκαζε.(...).ξυλλεγέντες τε, ὅσοι δὴ ἐν αὐτοῖς λόγιμοι ἦσαν, καὶ παρὰ τὴν Ἀμαλασοῦνθαν ἐλθόντες ἠτιῶντο οὐκ ὀρθῶς σφίσι οὐδὲ ἢ συμφέροι τὸν βασιλεῖα παιδεύεσθαι

<sup>124</sup> Cf. PROCOPIUS. *Arc*. 9.10; 9.15-19; 3.16; 7.5-13.

De todas as nações que conhecemos os vândalos eram os mais luxuriosos, e os Mouros os mais resistentes. Para os vândalos, desde o tempo em que eles tiveram a posse da Líbia, tomavam banhos todos os dias, todos eles, e gostavam da mesa cheia de todas as coisas, o mais doce e o melhor que a terra e o oceano produziam. Eles usavam muito ouro e se vestiam com essas roupas que chamavam de “séricas”, e passavam o tempo livre, vestidos dessa forma, nos teatros e hipódromos e em outras coisas prazerosas e também caçavam. E eles tinham dançarinos e mímicos e todas as outras coisas de ouvir e ver, de natureza musical ou que mereciam atenção dos homens. E a maioria deles morava em parques, que eram bem abastecidos com água e árvores; e eles tinham um grande número de banquetes, e todos os tipos de prazeres sexuais eram bastante popular entre eles.<sup>125</sup>

Desse modo, de acordo com Walter Pohl, os bárbaros poderiam ser germânicos, pagãos clássicos, arianos ou mesmo católicos; e muito provavelmente eles não se importavam em se distinguir perfeitamente entre todos esses credos. Alguns enterravam os mortos com os seus bens na sepultura, outros à maneira romana, e seus costumes e trajes eram frequentemente uma mistura do gosto romano e do bárbaro. “Na cultura material do século VI, portanto, dificilmente se poderia distinguir entre germânico e não germânico”.<sup>126</sup>

Portanto, como destacou Renato Vianna Boy, na obra *História das Guerras*, as descrições das populações bárbaras, poderiam oferecer argumentos para justificar e legitimar os empreendimentos militares de Justiniano.<sup>127</sup> Por isso, na maioria das vezes, esses povos são descritos negativamente, sendo associados à crueldade, má administração e por não compartilharem da mesma religião oficial do império. Desse modo, Justiniano através de sua política imperialista libertaria a população romana de governos tirânicos e heréticos, como podemos verificar na seguinte passagem retirada da *Guerra Vândala*:

Mas um dos sacerdotes que eles chamam de bispos, que tinha vindo do Oriente, disse que queria ter uma palavra com o imperador. E quando ele conheceu Justiniano, ele disse que Deus o tinha visitado em um

<sup>125</sup> PROCOPIUS. *Vand.* 4.6.5-9:

“ἐθνῶν γὰρ ἀπάντων ὧν ἡμεῖς ἴσμεν ἀβρότατον μὲν τὸ τῶν Βανδύλων, ταλαιπωρότατον δὲ τὸ Μαυρουσίων τετύχηκεν εἶναι. οἱ μὲν γάρ, ἐξ ὅτου Λιβύην ἔσχον, βαλανεῖοις τε οἱ ξύμπαντες ἐπεχρῶντο ἐς ἡμέραν ἐκαστήν καὶ τραπέζῃ ἅπασιν εὐθηνούσῃ ὅσα δὴ γῆ τε καὶ θάλασσα ἡδιστά τε καὶ ἄριστα φέρει. ἐχρυσόφορον δὲ ὡς ἐπὶ πλεῖστον, καὶ Μηδικὴν ἐσθῆτα, ἦν νῦν Σηρικὴν καλοῦσιν, ἀμπεχόμενοι, ἐν τε θεάτροις καὶ ἰπποδρομίῳ καὶ τῇ ἄλλῃ εὐπαθείᾳ, καὶ πάντων μάλιστα κνηγεσίῳ τὰς διατριβὰς ἐποιῶντο. καὶ σφίσις ὄρχησταὶ καὶ μῖμοι ἀκούσματά τε συχνὰ καὶ θεάματα ἦν, ὁσαμουσικά τε καὶ ἄλλως ἀξιοθέατα ξυμβαίνεῖ ἐν ἀνθρώποις εἶναι. καὶ ᾤκητο μὲν αὐτῶν ὁ πολλοὶ ἐν παραδείσοις, ὑδάτων καὶ δένδρων εὐῆχουσι: ξυμπόσια δὲ ὅτι πλεῖστα ἐποίουν, καὶ ἔργα τὰ ἀφροδίσια πάντα αὐτοῖς ἐν μελέτῃ πολλῇ ἤσκητο”.

<sup>126</sup> POHL, Walter, *Justinian and the Barbarian Kingdoms...op.cit.*, p. 452.

<sup>127</sup> BOY, Renato Viana, *op. cit.*, p. 181-182.

sonho, e mandado ir ao imperador e repreendê-lo, porque, depois de realizar a tarefa de proteger os cristãos na Líbia dos tiranos, ele não tinha nenhuma razão para temer. E ainda, ele [Deus] disse: Eu mesmo irei me juntar a ele em fazer a guerra e vou torná-lo senhor da Líbia. Quando o imperador ouviu isso, ele não era mais capaz de conter o seu propósito, e ele começou a juntar o exército e os navios, e providenciar armas e alimentos, e anunciou a Belisário que ele deveria estar pronto, o mais cedo possível, para atuar como general na Líbia.<sup>128</sup>

Segundo Georg Ostrogorsky, para Justiniano a vitória da religião cristã sobre o paganismo e as heresias era seu dever sagrado, assim como a restauração de seu poder nos antigos territórios do Império no Ocidente. Para o autor, o governo do imperador marcou o apogeu da influência imperial na vida eclesiástica, pois nenhum governante havia exercido um poder tão ilimitado junto à Igreja.<sup>129</sup> Apesar de todos os esforços de Justiniano, as heresias continuavam sendo um grande obstáculo para a Igreja e para as pretensões políticas do imperador, que desejava unificar todo o território em torno de uma única religião, o cristianismo ortodoxo. No exemplo abaixo, retirado da *Guerra Vândala*, vemos as intervenções de Justiniano nas práticas religiosas dos soldados de culto ariano que faziam parte do exército romano:

No exército romano não havia menos de mil soldados de fé ariana; e a maioria deles eram bárbaros, alguns eram da nação Euruliana. Agora esses homens foram incitados pelos padres dos vândalos com grande ardor. Pois não era permitido a eles adorar Deus da maneira que estavam acostumados, e eles foram excluídos dos sacramentos e dos ritos sagrados. E o imperador Justiniano não permitia que nenhum cristão que não aderisse à fé ortodoxa recebesse o batismo e qualquer outro sacramento. Mas durante a festa da Páscoa, quando eles não puderam batizar os seus próprios filhos com a água sagrada e nem fazer nenhum ritual desta festa.<sup>130</sup>

<sup>128</sup> PROCOPIUS. *Vand.* 3.10.18-21:

“τῶν δέ τις ἱερέων οὐς δὴ ἐπισκόπουςκαλοῦσιν, ἐκ τῆς ἐφ᾽ αὐτῶν ἦκων ἔφη ἐς λόγους τῷ βασιλεῖ ἐλθεῖν βούλεσθαι.καὶ ἐπειδὴ αὐτῷ ξυνέμιξεν, ἔλεγεν οἱ τὸν θεὸν ἐπισκῆψαι ὄναρ γενέσθαι τεὸς βασιλέα καὶ αὐτὸν αἰτιάσασθαι ὅτι δὴ Χριστιανὸς τοὺς ἐν Λιβύῃ ῥύεσθαιἐκ τυράννων ὑποδεξάμενος εἶτα λόγῳ οὐδενὶ κατωρρώδησε:Καίτοι αὐτός, ἔφη, ‘οἱ πολεμοῦντι ξυλλήψομαι Λιβύης τε κύριον θήσομαι”

<sup>129</sup> Cf. OSTROGORSKY, Georg. *op.cit.*, p. 90.

<sup>130</sup> PROCOPIUS. *Vand.* 4.14.12-16:

“ἐν τῷ Ῥωμαίων στρατοπέδῳ τῇ Ἀρείου δόξης οὐχ ἦσσαν ἢ χιλίους στρατιωτᾶίναι ξυνέπεσεν: ὧν δὴ οἱ πολλοὶ βάρβαροι ἦσαν καὶ αὐτῶν τινες ἐκ τοῦ Ερουλῶν ἔθνους.τούτου δὴ οἱ τῶν Βανδῶν ἱερεῖς ἐς τὴν στήλην τὸ μάλιστα ὄρων. οὐ γὰρ σφίσιτι ἦν δυνατὰ τὴν θεῶν ἐξοσιῶσθαι τὰ εἰωθότα, ἀλλὰ ἀπεκείκλειντι καὶ μυστηρίων καὶ ἱερῶν ἀπάντων.οὐ γὰρ εἰ βασιλεὺς Ἰουστινιανὸς ἄνδρα Χριστιανὸν ὃ μεταλαχόντα δόξηςὄρθῃς ἢ βαπτίσματι ἢ ἄλλῳ τῶ μυστηρίῳ χρῆσθαι.μάλιστα δὲ αὐτοὺς:” Πασχαλία ἐορτὴ ξυνετάραξε, καθ’ ἣν οὐχ οἱξ τεέγινοντο τὰ σφέτερα αὐτῶν παιδία τῷ θεῷ βαπτίζεῖν λουτρῷ, ἢ ἄλλο τιεργάζεσθαι ἐ ταύτην δὴ τὴν ἐορτὴν ἄγον.”



De acordo com Renato Vianna Boy, Procópio, em suas narrativas, ao associar barbárie a heresia, concebia as guerras contra as populações arianas como uma luta pela defesa de uma fé cristã “justa”.<sup>131</sup> Fornecendo um argumento fundamental a favor da intervenção de Justiniano nas regiões do Mediterrâneo: “o combate a um inimigo não-romano e não-cristão”.<sup>132</sup> Segundo Charles Pazdernik, o general Belisário estava à frente de uma campanha que buscava libertar a população romana que estava sob o domínio de um governo ilegítimo e déspota.<sup>133</sup>

Dessa forma, assim como Boy e Pazdernik, compreendemos o Cristianismo como um dos principais pilares da política imperialista de Justiniano, sendo utilizado para legitimar suas ações nos territórios do Ocidente, que estavam sobre o domínio de governos tirânicos e heréticos. Também concordamos com as análises de Geary e Danilo Medeiros Gazzotti, sobre o arianismo ser um elemento utilizado para fundar uma identidade comum entre os bárbaros, da mesma forma que o Cristianismo foi para os romanos.

Nas próximas sessões vamos começar a analisar como o historiador construiu os retratos dos líderes bárbaros. Como já foi dito acima, veremos que os bárbaros, na maioria das vezes, aparecem de forma depreciativa, sendo associados a características negativas. Porém, também teremos casos nos quais esses reis, quando mantinham boas relações com Bizâncio e cooperam com os propósitos de Justiniano aparecem descritos de maneira positiva. Também retomaremos, ao longo do texto, os conceitos de *exempla*, retrato e imagem apresentados no primeiro capítulo.

---

<sup>131</sup> BOY, Renato Viana, *op. cit.*, p. 150.

<sup>132</sup> *Ibidem*, p. 149.

<sup>133</sup> PAZDERNIK, Charles F. *Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field...* *op. cit.*, p. 152-153.

## 2.2 – O retrato dos reis bárbaros segundo Procópio de Cesareia

### 2.2.1 – Reis Persas

Os dois primeiros volumes da *História das Guerras* são dedicados à *Guerra Persa*, em que são narrados os confrontos entre romanos e persas entre os anos 502 e 549. Ao contrário da *Guerra Vândala* e da *Gótica*, que trazem as ações militares de Justiniano no Ocidente, com o objetivo de libertar os antigos territórios do império que estavam sobre o domínio de povos bárbaros e heréticos, os confrontos com os persas envolviam questões de limites territoriais e disputas de poder.

Ao longo da narrativa, podemos perceber que romanos e persas se consideravam como iguais, pelo menos nos assuntos diplomáticos. Em várias passagens vemos os monarcas e seus embaixadores se intitulando como amigos e até mesmo como irmãos<sup>134</sup>. De acordo com Patrick Geary, o Império Persa era reconhecido como uma grande civilização, que estava em um nível de igualdade com o mundo romano.<sup>135</sup> Para Averil Cameron, as lutas contra os persas eram completamente diferentes das empreendidas na Itália e no norte da África, além de ser um território conhecido pelo autor. As guerras contra os persas, não eram travadas contra bárbaros, mas contra o único poder que bizâncio reconhecia como quase igual. Porém, apesar da ênfase dada por Procópio nos assuntos diplomáticos, ele não descreve com detalhes as relações entre os dois impérios, além de tratar os persas como se diferissem das outras populações bárbaras apenas em escala de importância.<sup>136</sup>

Dessa forma, apesar dessa aparente cordialidade entre os dois impérios, os persas eram considerados bárbaros por Procópio, porém divergiam dos outros povos classificados nessa categoria. Apesar do historiador não se referir aos persas como bárbaros diretamente, eles possuíam características que os associavam a barbárie.<sup>137</sup> Segundo Jan Willem Drjvers, romanos e gregos compreendiam o Império Sassânida através de categorias herdadas da etnografia clássica, por isso eram vistos de forma negativa e considerados inferiores em comparação ao Império Romano. Como resultado,

<sup>134</sup> Cf. PROCOPÍUS. *Pers.* 1. 11.6-10; 1.14.5-7; 2.4.16-18; 2. 10.10-16.

<sup>135</sup> GEARY, Patrick J, *Barbarians and Ethnicity... op. cit.*, p. 107.

<sup>136</sup> CAMERON, Averil, *Procopius and the Sixth Century... op.cit.*, p. 152-169.

<sup>137</sup> DRIJVERS, Jan Willem. A Roman Image of the “Barbarian” Sasanians. In: MATHISEN, Ralph W.; SHANZER, Danuta (Ed.). *Romans, barbarians, and the transformation of the Roman world: cultural interaction and the creation of identity in late antiquity.* London: Ashgate, 1988, p. 67-68.

os persas foram caracterizados como a encarnação negativa dos valores greco-romanos. Apesar do constante contato entre eles, as fontes romanas e gregas<sup>138</sup> apresentam uma imagem estereotipada e não muito favorável dos sassânidas.<sup>139</sup> Como veremos, as descrições de Procópio sobre os persas repetiram em geral o que outros autores escreveram anteriormente<sup>140</sup>, e seus escritos mostram que ele considerava a cultura e a civilização persa como inferiores à dos romanos.

Para o caso dos persas, escolhemos analisar os retratos construídos por Procópio dos reis persas Cabades I (488-496 e 499-531) e Chosroes I (531-579), por serem os personagens com maior destaque nas narrativas. O relato de Procópio começa com o imperador Arcádio (377-408) e a sua sucessão. Arcádio temia que seu filho e sucessor Teodósio II (408-450), fosse retirado do trono, por isso pede ao rei Isdigerdis para atuar como seu tutor. Logo no início, o historiador mostra a proximidade entre os dois impérios e devido as relações amistosas entre Isdigerdis e Arcádio, o rei persa é descrito favoravelmente, ressaltando as suas qualidades e seu caráter exemplar:

Assim, depois de escrever seu testamento, ele designou seu filho como sucessor do trono, mas apontou como guardião Isdigerdes, o rei persa, a quem encarregou o seu testamento com o grande interesse em preservar o Império para Teodósio fazendo uso de todo o seu poder e previsão. Então Arcádio morreu, deixando resolvido os seus assuntos privados e os do Império. Mas Isdigerdes, o rei persa, quando viu o que estava escrito, sendo alguém que possuía um nobre caráter, deu exemplo de ser um grande homem digno de admiração e recordação. Devido sua lealdade a Arcádio, ele adotou e continuou a manter a paz com os Romanos, e preservou o Império para Teodósio.<sup>141</sup>

<sup>138</sup> Além de Procópio, as narrativas de Agathias e Amiano Marcelino descrevem os persas e as suas relações com o Império Romano. Agathias de Mirina foi um poeta e historiador conhecido pela sua obra *Histórias*, onde narra os anos finais das campanhas militares de Justiniano na Itália e na Pérsia (552-559), sua obra tinha como objetivo continuar as narrativas de Procópio. O historiador descreve os costumes e a religião dos sassânidas, além de utilizar como fonte os Anais dos reis persas. Foi um grande crítico de Chosroes, sendo notável seu desprezo pela civilização persa, que ele descreve como bárbara, cruéis e desumanos. Apesar de ter acesso a vários tipos de fontes, ocidentais e orientais, seu trabalho também reflete estereótipos que estavam em uso desde a época de Heródoto. Cf. *Ibidem*, p. 73-75.

<sup>139</sup> DRIJVERS, Jan Willem. Rome and the Sasanid Empire: Confrontation and Coexistence. In: ROUSSEAU, Philip; RAITHEL, Jutta (Ed.). *A Companion to Late Antiquity*. London: Blackwell, 2009, p. 141-143.

<sup>140</sup> Como por exemplo, a obra de Amiano Marcelino, que assim como Procópio escreveu sobre as características bárbaras dos persas, porém não os nomeou de bárbaros. DRIJVERS, Jan Willem, *A Roman Image of the "Barbarian" Sasanians...op.cit.*, p. 73.

<sup>141</sup> PROCOPIUS. *Pers.* Lii.7-10:

“διαθήκης γὰρ διαθεῖς γράμματα, διάδοχον μὲν τῆς ἡγεμονίας ἀνεῖπε τὸν παῖδα, ἐπίτροπον δὲ αὐτῷ κατεστήσατο Ἰσδιγέρδην τὸν Περσῶν βασιλέα, ᾧ διηπολλὰ ἐν ταῖς διαθήκαις ἐπέσκηψε Θεοδοσίῳ τὴν βασιλείαν σθένει τε καί πρηνόα πάσῃ ξυνδιασώσασθαι. Ἀρκάδιος μὲν ὧδε τὴν τε ἀρχὴν καὶ τὰ οἰκεία διοικησάμενος ἐτελεύτησεν: Ἰσδιγέρδης δὲ ὁ Περσῶν βασιλεύς, ἐπεὶ τὸ γράμμα τοῦτο ἀπενεχθὲν εἶδεν, ὧν καὶ πρότερον ἐπὶ τρόπου μεγαλοφροσύνη διαβόητος ἐς τὰ μάλιστα, ἀρετὴν ἐπεδείξατο θαύματός τε πολλοῦ καὶ λόγ

De acordo com Henning Börm, a afirmação de Procópio sobre o rei Isdigerdis ter mantido a paz com os romanos até a sua morte não é correta. Segundo o autor, após alguns confrontos em 416/417, uma grande guerra começou em 420, antes da morte de Isdigerdis e continuou até 422, com Vararanes, o sucessor do trono persa. Para o autor, Procópio minimiza esses confrontos para que as relações entre os dois impérios parecessem ainda mais pacíficas, e nessas sessões os persas aparecem como iguais aos romanos e como parceiros do Império Romano. Porém, esse tom otimista, vai se transformando drasticamente ao longo da narrativa.<sup>142</sup>

Desse modo, no século V os dois impérios coexistiram de forma pacífica. Porém no VI, vários fatores estremeceram as relações entre eles, principalmente a falta de dinheiro e a fraqueza da coroa persa, que ocasionou diversas invasões nos territórios romanos.<sup>143</sup> Justino e Justiniano herdaram um império em guerra com a Pérsia, em que se intercalavam-se momentos de paz e conflitos. Ao longo da narrativa, Justiniano parece manter uma política consistente em relação à Pérsia e as embaixadas eram recebidas com cortesia e estava sempre disposto a realizar tratados de paz. Ao contrário dos governantes persas, que aparecem buscando razões para quebrarem os acordos e invadirem os territórios romanos. Em todo texto, o historiador faz diversas críticas e descreve de forma bastante negativa essa civilização.

Procópio descreve com detalhes a ascensão de Cabades e Chosroes ao trono e como foram as suas relações com Bizâncio. Cabades é eleito rei dos persas em 488 após a morte de seu pai Perozes, nos confrontos com os hunos heftalitas. O império sassânida é derrotado e foi obrigado a pagar tributos anuais aos hunos. Procópio descreve o conturbado governo de Cabades, que logo no início é derrubado pelo povo:

Mas com o tempo Cabades exerceu sua autoridade de forma mais firme, e introduziu inovações na constituição, entre as quais uma lei que promulgou que os persas deveriam ter relações comunitárias com suas mulheres, uma medida que de nenhuma maneira agradou as pessoas comuns. Por isso, eles se levantaram contra ele, tiraram-no do trono e o mantiveram preso. Eles escolheram então Blases, irmão de Perozes, para ser o rei, pois, como já foi dito, Perozes não havia deixado nenhum

---

ου ἄξιαν. τὰς γὰρ Ἀρκαδίου ἐντολὰς ἐν ἀλογίᾳ οὐδεμιᾷ ποιησάμενος εἰρήνην τε ἀφθόνῳ χρώμενος διατέγει  
 νεν ἐς Ῥωμαίους τὸν πάντα χρόνον καὶ Θεοδοσίωτην ἀρχὴν διεσώσατο.”

<sup>142</sup> BÖRM, Henning. *Procopius and the east*, p. 2.

<sup>143</sup> GREATREX, Geoffrey. *Byzantium and the East in the Sixth Century*. In: MASS. Michael (Ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 478-479.

descendente homem e entre os persas não é permitido que um cidadão comum seja rei, exceto no caso de toda a família real ser extinta.<sup>144</sup>

Cabades consegue escapar da prisão com a ajuda de sua esposa e de Séoses, um nobre persa. Após a fuga, buscou ajuda com os hunos heftalitas e reconquistou o trono persa. Blases, que esteve no governo durante dois anos, foi cego e preso. Em 502, o rei sassânida precisava de fundos para poder pagar os tributos aos hunos e pediu ajuda ao imperador Anastácio, que se recusou. Por isso, segundo Procópio, Cabades sem nenhum motivo decidiu enviar as suas tropas contra Bizâncio.<sup>145</sup> Os confrontos duraram anos, os persas conseguiram grandes vitórias e tomaram a importante cidade de Amida, porém devido aos novos confrontos com os heftalitas, os persas procuraram realizar um acordo de paz com os romanos, no qual devolveriam Amida e as outras cidades conquistadas e, em troca, receberiam uma alta quantia de ouro de Bizâncio. O acordo garantia um período de paz por sete anos, mas se prolongou por mais de vinte anos.<sup>146</sup>

A ascensão de Justino ao comando do Império Romano não ocasionou nenhuma mudança perceptível nas relações entre Bizâncio e a Pérsia. Os ataques persas esporádicos continuaram sendo a principal ameaça às províncias nas fronteiras entre os dois impérios.<sup>147</sup> Em sua velhice, o rei persa estava preocupado com a sucessão de seu trono, que desejava assegurar para Chosroes, seu filho favorito. Porém, Cabades tinha dois filhos mais velhos, Cáoses e Zames, e temia que os nobres persas os favorecessem e matassem Chosroes. Então Cabades decidiu colocar Chosroes sobre a proteção do imperador romano, da mesma forma que Arcádio havia feito anteriormente com Isdigerdis. Por isso, pede a Justino para adotar seu filho. Nesta passagem, Procópio faz vários paralelos com o caso de Teodósio, além de mais uma vez, demonstrar a proximidade entre os dois impérios:

Portanto, lhe parecia melhor planejar com os romanos um fim tanto à guerra como às causas da guerra, na condição de que Chosroes fosse

<sup>144</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 1.5.1-2:

“Μετὰ δὲ Καβάδης ἐπὶ τὸ βιαιότερον τῇ ἀρχῇ χρώμενος ἄλλα τε νεώτερα ἐς τὴν πολιτείαν εἰσηγε καὶ νόμον ἔγραψεν ἐπὶ κοινὰ ταῖς γυναῖξιν μίγνυσθαι Πέρσας: ὅπερ τὸ πλῆθος οὐδαμῆ ἤρεσκε. διὸ δὴ αὐτῷ ἔπανα στάντες παρέλυσάντε τῆς ἀρχῆς καὶ δῆσαντες ἐν φυλακῇ εἶχον. καὶ βασιλέα μὲν σφίσι Βλάσην τὸν Περόζου ἀδελφὸν εἶλοντο, ἐπειδὴ γόνος μὲν οὐδεὶς ἔτι ἄρρηγ Περόζη, ὥσπερ ἐρρήθη, ἐλέλειπτο, Πέρσαις δὲ οὐ θέμις ἄνδρα ἐς τὴν βασιλείαν καθίστασθαι ἰδιώτην γένος, ὅτι μὴ ἐξιτήλου παντάπασιν γένους τοῦ βασιλείου ὄντος.”

<sup>145</sup> Cf. PROCOPIUS. *Pers.* 1. 7.1-3.

<sup>146</sup> Cf. DIGNAS, Beate; WINTER, Engelbert. *Rome and Persia in Late Antiquity. Neighbours and Rivals.* New York: Cambridge University Press, 2007, p. 37.

<sup>147</sup> GREATREX, Geoffrey, *Byzantium and the East in the Sixth Century ... op. cit.*, p. 486.

feito filho adotivo do imperador Justino; pois só desta forma ele poderia preservar a estabilidade de seu governo. E mandou embaixadores para a negociação e também enviou uma carta a Justino em Bizâncio. E na carta estava escrito: “Injusto o que temos sofrido nas mãos dos romanos, como você sabe, mas eu penso em deixar de lado todas as acusações contra você, sendo assegurado isso, que os mais vitoriosos de todos os homens seriam aqueles que, com a justiça ao seu lado, ainda estão dispostos a vencer e serem vencidos por seus amigos. No entanto, eu lhe peço um certo favor em troca disso, que poderá unir não somente a gente mas todos os nossos súditos e nos daria a satisfação da benção da paz. Minha proposta é que você deve fazer meu filho Chosroes, que será o meu sucessor ao trono, seu filho adotivo.”<sup>148</sup>

De acordo com Procópio, Justino e Justiniano gostaram da proposta de Cabades e estavam prontos para aceitar, porém o acordo não foi realizado devido à influência do questor Proculus, que argumentou que os persas estavam tentando controlar o Império Romano, pois Chosroes teria direito, como filho de Justino, de herdar o poder sobre o Império. É importante destacarmos neste episódio que, mais uma vez, o historiador mostra que o governo imperial aparece sempre disposto a manter a paz com os persas, além de demonstrar que entre os dois impérios sempre houve tensões, mas ambos eram igualmente poderosos, a ponto de o rei persa pedir para que seu filho fosse adotado por Justino.

Com a ascensão de Chosroes, a narrativa vai se tornando cada vez mais crítica aos persas e aos seus costumes, principalmente após o saque e a destruição da cidade de Antioquia, em 540, que marca o fim do primeiro tratado de paz entre os impérios<sup>149</sup>. Ao longo da narrativa, o rei persa vai ganhando mais destaque, assim como, suas características negativas e as suas ações contra os romanos e até mesmo contra seus próprios familiares e súditos. Segundo Procópio:

<sup>148</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 1.11.6-10:

“ἔδοξεν οὖν αὐτῷ ἄριστον εἶναι τὸν τε πόλεμον καὶ τὰς τοῦ πολέμου αἰτίας διαλύσαι Ῥωμαίους, ἐφ’ ᾧ Χοσρόης παῖς ἐσποιητὸς Ἰουστίνῳ βασιλεῖ γένοιτο: οὕτω γάρ οἱ μόνως τὸ ὄχυρον ἐπὶ τῇ ἀρχῇ διασώσασθαι. διὸ δὴ πρέσβεις τεύπερ τούτων καὶ γράμματα ἐς Βυζάντιον Ἰουστίνῳ βασιλεῖ ἐπεμψεν. ἐδήλου δὲ ἡ γραφή τάδε: ‘Ὁὐ δίκαια μὲν πεπονθέναι πρὸς Ῥωμαίων ἡμᾶς καὶ αὐτὸς οἶσθα, ἐγὼ δὲ ὑμῖν τὰ ἐγκλήματα πάντα ἀφεῖναι παντελῶς ἔγνωκα, ἐκεῖνο εἰδώς, ὡς οὗτοι ἂν μάλιστα τῶν ἀνθρώπων νικῶεν, οἱ γε, προσόντος αὐτοῖς τοῦ δικαίου, εἴτα ἐλασσοῦμενοι ἐκόντες εἶναι τῶν φίλων ἡσσῶνται.’ χάριν μέντοι αἰτοῦμαι σε ὑπὲρ τούτων τινά, ἢ ἂν οὐχ ἡμᾶς αὐτοὺς μόνον, ἀλλὰ καὶ τὸ ἐκατέρου ὑπήκοον ἅπαν ἔς τε τὸ συγγενὲς συνδέουσα καὶ τὴν ἀπαύτου ὡς τὸ εἰκὸς εὖνοιαν, ἐς κόρον δὴ που τῶν τῆς εἰρήνης ἀγαθῶν καταστήσασθαι ἰκανὴ εἴη’ λέγω δὲ ὅπως ἂν Χοσρόην τὸν ἐμόν, ὅς μοι τῆς βασιλείας διάδοχος ἔσται, εἰσποιητὸν παῖδα ποιήσαι.”

<sup>149</sup> O primeiro tratado de paz foi assinado em 533. Cf. CAMERON, Averil. *The Mediterranean World in Late Antiquity... op. cit.*, p. 110-112.

Chosroes, filho de Cabades, era um homem de mente incontrolável e estranhamente apaixonado por inovações. Por essa razão, estava sempre cheio de inquietudes e era infalível em causar sentimentos similares nos outros. (...). Pois Chosroes matou o próprio irmão Zames e todos os seus outros irmãos e os de Zames, juntamente com todos os seus descendentes masculinos, e também todos os nobres persas que tinham começado ou participado de alguma forma na trama contra ele. Entre estes estava Aspebedes, o irmão da mãe de Chosroes.<sup>150</sup>

No trecho acima, percebemos que, assim como Cabades, Chosroes é criticado por ser um amante de inovações e por sua crueldade. O rei persa, mata seu irmão devido a um complô dos nobres persas que desejavam que Zames assumisse o trono. Porém ele havia perdido um olho e, de acordo com as leis persas, o soberano não poderia ter nenhum defeito físico<sup>151</sup>. Por isso, o plano era colocar seu filho, que também se chamava Cabades, no poder e Zames seria seu regente. Mas Chosroes, descobriu a trama e mandou assassinar seus irmãos e todos que estavam envolvidos.

Ao longo da narrativa, o historiador continuou descrevendo o rei persa e todas as suas características negativas. Para Procópio, Chosroes possuía intenções instáveis, era mentiroso e dissimulado<sup>152</sup>, não cumpria com suas promessas e acordos diplomáticos<sup>153</sup>, era traiçoeiro<sup>154</sup>, sanguinário e assassino por natureza<sup>155</sup>.

Pois ele era o mais inteligente de todos os homens a dizer o que não era e a ocultar a verdade e a atribuir a culpa pelos erros que cometeu aos que sofreram o mal; além disso, ele estava pronto para concordar com tudo e para fazer promessas com juramentos, e muito mais pronto para esquecer completamente as coisas que havia concordado e jurado, e por dinheiro rebaixou sua alma sem nenhuma relutância, e era esperto em aparentar piedade e dizer coisas para se absorver de suas próprias ações. (...) . Dotado de uma natureza tão singular, Chosroes tornou-se rei dos persas (pois a má sorte privara Zames de seus olhos, que era quem deveria ocupar o trono, pelo menos depois de Caoses, a quem Cabades odiava sem nenhuma razão), e sem dificuldade ele conquistou aqueles que se revoltaram contra ele, e conseguiu facilmente fazer todo o mal que ele se propôs a fazer aos romanos.<sup>156</sup>

<sup>150</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 1.1.1-6:

“Χοσρόης ὁ Καβάδου ἄτακτός τε ἦν τήνδιάνοιαν καὶ νεωτέρων πραγμάτων ἐραστής ἄτοπος. διὸ δὴ αὐτός τε αἰεὶ ἔμπλεως παραχῆς τε καὶ θορύβων ἐγένετο καὶ τῶννόμιον τοῖς ἄλλοις ἅπασιν αἰτιώτατος.(...) Ζάμην τε γὰρ αὐτὸν ὁ Χοσρόης καὶ τοὺς αὐτοῦ τε καὶ Ζάμου ἀδελφοὺς ἅπαντας ζῆν γόνω παντὶ ἄρσενι ἔκτεινε, καὶ Περσῶν τῶν δοκίμων ὅσους τῶν ἐπ’ αὐτῷ βεβουλευμένων ἢ ἄρξαι ἢ μεταλαχεῖν τρόπῳ δὴ ὅτῳ τετύχη κεν. ἐντοῖς καὶ Ασπεβέδης ἦν ὁ τῆς Χοσρόου μητρὸς ἀδελφός.”

<sup>151</sup> Cf. PROCOPIUS. *Pers.* 1.9.4.

<sup>152</sup> Cf. PROCOPIUS. *Pers.* 2. 10.16

<sup>153</sup> Cf. PROCOPIUS. *Pers.* 2.21.30

<sup>154</sup> Cf. PROCOPIUS. *Pers.* 2.28.15

<sup>155</sup> Cf. PROCOPIUS. *Pers.* 1. 1. 1-6

<sup>156</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 2. 9. 8-14:

Portanto, Chosroes constitui um interessante *exemplum* na narrativa do historiador, que o descreve como um tirano, pois usurpou o poder de seus irmãos, além de não possuir nenhum tipo de comportamento virtuoso, mas, ao contrário, era portador de todos os tipos de vícios. Outro ponto de destaque na obra é o saque e a destruição da cidade de Antioquia pelo exército persa em 540, pois mostrou a falta de um sistema adequado de defesa romana nos territórios imperiais e marcou o fim do primeiro acordo de paz entre os dois impérios. Segundo Averil Cameron, o historiador precisou explicar esse desastre em termos sobrenaturais, para não colocar em evidência as deficiências dos exércitos romanos.<sup>157</sup> De acordo com Procópio:

Mas eu fico atordoado quando eu escrevo sobre essa grande calamidade e transmitir isso ao futuro, e eu sou incapaz de compreender a vontade de Deus de enaltecer um homem ou um lugar para destruí-lo novamente sem nenhuma causa. Pois é errado dizer que com Ele todas as coisas não são sempre feitas com razão, embora Ele tenha suportado ver Antioquia destruída pelas mãos de um homem profano, uma cidade cuja beleza e grandeza em todos os aspectos não poderiam mesmo assim ser totalmente oculta.<sup>158</sup>

Para Cameron, o saque de Antioquia contribuiu de forma significativa para as mudanças nas narrativas de Procópio, do entusiasmo do início das campanhas para uma desilusão e ressentimento com Belisário e a política imperialista de Justiniano.<sup>159</sup> Devido as campanhas militares na Itália, o exército imperial não foi capaz de conter os ataques persas, e por isso o imperador buscou negociar uma trégua para pôr fim a esses confrontos. O novo tratado foi assinado em 545, decidindo-se que Chosroes deveria sair

---

“Ἦν γὰρ δεινότατος ἀνθρώπων ἀπάντων τὰ μὲν οὐκ ὄντα εἰπεῖν, τὰ δὲ ἀληθῆ ἀποκρύψασθαι, καὶ ὧν αὐτὸς ἐξημάρτανε τὰς αἰτίας τοῖς ἡδικομένοις ἐπενεγκεῖν: ἔτι δὲ ὁμολογῆσαι μὲν ἔτοιμος ἅπαντα καὶ ὄρκω τὴν ὁμολογίαν πιστώσασθαι, λίαν δὲ τῶν ἐναγχος αὐτῷ ξυγκειμένων τε καὶ ὀμωμοσμένων ἔτοιμότερος ἐς λήθην ἀφίχθαι, καὶ χρημάτων μὲν ἕνεκεν ἐπιπᾶν ἄγος καθεῖναι τὴν ψυχὴν ἄοκνος, τῷ δὲ προσώπῳ σχηματίζεσθαι τὴν ἐνυλάβειαν ἀτεχνῶς ἔμπειρος, ἀφοσιουῖσθαί τε τῷ λόγῳ τὴν πράξιν.(...). τοσαύτη χρώμενος φύσει ὡς ἀτοπία Χοσρόης βασιλεύς τε Περσῶν γέγονε Ἰάμου τὸν ὀφθαλμὸν τοῦ δαίμονιου πηρώσαντος, ὅσπερ τῷ χρόνῳ τὰ πρῶτα ἐς τὴν βασιλείαν ἐφέρετο μετὰ γε τὸν Καόσην, ὅνπερ οὐδενὶ λόγῳ ἐμίσει Καβάδης· καὶ αἰ πόνῳ οὐδενὶ τῶν οἱ ἐπαναστάντων ἐκράτησε, κακὰ τε Ῥωμαίους ὅσα ἐβούλευσεν εὐπετῶς ἔδρασε.

<sup>157</sup> CAMERON, Averil. *op. cit.*, p. 165.

<sup>158</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 2.10.4-6:

“Ἐγὼ δὲ ἰλιγγίῳ πάθος τοσοῦτον γράφων τε καὶ παραπέμπων ἐς μνήμην τῷ μέλλοντι χρόνῳ, καὶ οὐκ ἔχω εἰδέναι τί ποτε ἄρα βουλομένῳ τῷ θεῷ εἰηπράγματα μὲν ἀνδρὸς ἢ χωρίου του ἐπαίρειν εἰς ὕψος, αἰθῆς δὲ ῥίπτειν τε αὐτὰ καὶ ἀφανίζειν ἐξ οὐδεμιᾶς ἡμῖν φαινομένης αἰτίας. αὐτῷ γὰρ οὐ θέμις εἰπεῖν μὴ οὐχὶ ἅπαντα κατὰ λόγον αἰεὶ γίνεσθαι, ὅς δὴ καὶ Ἀντιόχειαν τότε ὑπέστη ἐς τὸ ἔδαφος πρὸς ἀνδρὸς ἀνοσιωτάτου κατὰ ἀφερομένην ἰδεῖν, ἧς τό τε κάλλος καὶ τὸ ἐς ἅπαντα μεγαλοπρεπὲς οὐδένῃ ἀποκρύπτεσθαι παντάπασιν ἔσχεν.”

<sup>159</sup> CAMERON, Averil. *Procopius and the Sixth Century...op. cit.*, p. 165-166.



da cidade e Justiniano pagaria 2000 libras de ouro, além de fazer pagamentos anuais para a coroa persa. Desse modo, o imperador conseguiu continuar com as guerras no Ocidente.<sup>160</sup>

Segundo Anthony Kaldellis, ao longo da narrativa, Chosroes se transforma em uma imagem reversa de Justiniano, principalmente após a destruição da cidade de Antioquia. Por exemplo, ao saber que o imperador favorecia os azuis, o rei persa escolheu os verdes, “para ir contra ele, nestes assuntos também”<sup>161</sup>, além de ser “movido pela inveja do imperador Justiniano”<sup>162</sup>. Além disso, o autor traça vários paralelos entre a descrição de Justiniano na *História Secreta* com a de Chosroes nas *Guerras*. Segundo Kaldellis, ao analisarmos cuidadosamente as duas obras vemos que as críticas aos dois vão além de questões moralizantes, mas se estende às concepções de Procópio sobre poder e a autoridade em Bizâncio e na Pérsia.<sup>163</sup> Averil Cameron também destacou essas possíveis aproximações entre as obras e as descrições dos dois governantes. Para a autora a *História das Guerras* e a *História Secreta* parecem inicialmente muito distantes, mas um olhar mais atento revela que elas são complementares e não opostas.<sup>164</sup> Para o objetivo desta pesquisa, vamos analisar as possíveis semelhanças entre Chosroes e Justiniano no próximo capítulo, pois examinaremos a construção da imagem do imperador e de seus oficiais. Ao nosso ver, o historiador era um crítico das ações imperiais e do próprio Justiniano, porém, devido ao fato das *Guerras* serem livros que foram escritos e publicados enquanto o imperador ainda estava vivo, ele teve que fazer esses questionamentos de forma velada e nas falas de outros personagens, além de usar a *História Secreta* para complementar seu posicionamento em relação ao poder imperial.

Mesmo com o tratado de paz, em 546 os dois impérios entraram novamente em guerra, desta vez pela região da Lázica, que estava sobre disputa desde o governo de Cabades. Belisário foi chamado de volta da Península Itálica onde combatia os ostrogodos, para conter os avanços persas, que já haviam conquistado Petra, uma fortaleza situada na costa oriental do Mar Negro. Durante os anos seguintes, as batalhas na Armênia e na Mesopotâmia não renderam os resultados esperados para ambas as partes, por isso

---

<sup>160</sup> DIGNAS, Beate; WINTER, Engelbert, *op. cit.*, p. 39.

<sup>161</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 2.11.31-32

<sup>162</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 2.2.12

<sup>163</sup> KALDELLIS, Anthony. *Procopius of Caesareia: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2004, p. 120-122.

<sup>164</sup> CAMERON, Averil, *Procopius and the Sixth Century...op. cit.*, p. 162.

decidiram em fazerem novos acordos em 549 e 551. Finalmente em 561, foi assinado o último tratado de paz entre os dois impérios.<sup>165</sup>

Como vimos na primeira parte deste capítulo, a questão religiosa ocupa um importante espaço nas narrativas de Procópio. Porém, o historiador não se preocupou em descrever em detalhes a religião persa, que é vagamente caracterizada como politeísta. Procópio escreve que o monarca possui deveres sacerdotais e faz vários sacrifícios para diferentes deuses, como podemos perceber na seguinte passagem:

Então Chosroes foi a Seleucia, uma cidade no mar, a cento e trinta estádios de distância de Antioquia e lá ele não encontrou e nem feriu nenhum romano, e banhou-se sozinho na água do oceano, e depois de fazer sacrifícios ao sol e para outras divindades como ele desejava, e chamando os deuses muitas vezes, ele voltou. (...). E depois de sacrificar às ninfas ele partiu, não fazendo mais nenhum dano do que queimar o santuário do Arcanjo Miguel, juntamente com alguns outros edifícios, pela seguinte razão.<sup>166</sup>

Da mesma forma, como foi feito com as outras populações que aparecem na obra, Procópio não detalhou os costumes persas, não se atentando para as características e peculiaridades dessa civilização. Apesar das constantes interação entre os dois impérios, as fontes romanas não refletiam interesse e simpatia pela cultura persa, como consequência das categorias herdadas da etnografia clássica. Segundo Jan Willem Drijvers, “a imagem que os romanos tinham do Império Sassânida era uma construção e um estereótipo que revela mais sobre os romanos do que os próprios persas”.<sup>167</sup>

Desse modo, ao analisarmos os retratos feitos por Procópio de Cabades e Chosroes, podemos perceber que são monarcas que se afastam de um ideal de governante, sendo apresentados como tiranos. Ambos são descritos como amantes de inovações, cruéis, possuem um caráter selvagem, não respeitam acordos e buscam sempre entrar em guerras com os romanos. É importante destacar, que nestes confrontos contra os persas, Império Romano não desejava livrar os romanos de povos bárbaros e heréticos e nem restabelecer o seu poder nesta região, como aconteceu nas guerras contra os vândalos e

<sup>165</sup> DIGNAS, Beate; WINTER, Engelber, *op. cit.*, p. 40-41.

<sup>166</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 2. 11.1-6:

Τότε ὁ Χοσρόης ἐς Σελεύκειαν, πόλιν ἐπιθαλασσίαν, Ἀντιοχείας τριάκοντα καίεκατὸν σταδίους διέχουσα ν ἦλθεν, ἐνταῦθά τε Ῥωμαίων οὐδένα οὔτε εὐρώνουτε λυμηνάμενος ἀπελούσατο μὲν ἐκ τῆς θαλάσσης τῶ ὕδατι μόνος, θύσας τετῶ ἡλίῳ καὶ οἷστισιν ἄλλοις ἐβούλετο, πολλὰ τε ἐπιθειάσας ὀπίσω ἀπήλανθεν(...). ἄμφο γὰρ ἀξιοθέατα ἐπιεικῶς ἐσσι. καὶ θύσας ταῖς νύμφαις ἀπιὼν ὄχρητο, ἄλλο μὲν οὐδὲν λυμηνάμενος, τ οὔ δὲ ἀρχαγγέλου Μιχαὴλ τὸ ἱερὸν καύσας ξυνέτεραις τισιν οἰκίαις ἐξ αἰτίας τοιαῶσδε.

<sup>167</sup> DRIJVERS, Jan Willem, *A Roman Image of the “Barbarian” Sasanians... op. cit.*, p. 75.

ostrogodos, mas foram as consequências de um estado permanente de confrontos que as duas potências enfrentavam há muito tempo. Apesar disso, guerras foram travadas e a diplomacia foi empregada para preservar um equilíbrio de poder entre os dois Impérios; mas ambas as autoridades também perceberam que se beneficiavam de trocas econômicas, culturais e intelectuais e que essas interações amigáveis eram benéficas para manter um equilíbrio entre elas. A coexistência pacífica, assim como os confrontos, caracterizou a relação multifacetada e complicada entre os Impérios Romano e Sassânida.

### 2.2.2 – Reis Vândalos

Nos livros III e IV são descritas as campanhas militares de Justiniano no Norte da África, entre 533 a 550, contra os vândalos e mouros. A *Guerra Vândala* narra as principais vitórias de Belisário como general das tropas romanas, na qual a derrota do reino vândalo, ele leva o rei Gelimer para Constantinopla onde celebra o triunfo em 534 e no ano seguinte consegue o consulado. A narrativa começa com a morte do imperador Teodósio, em 395, e a divisão do Império entre os seus dois filhos, Honório e Arcádio, o primeiro ficou responsável pela parte Oriental e seu irmão pela Ocidental. Em seguida, Procópio faz uma longa digressão sobre a história dos vândalos, antes de começar a descrever as expedições militares de Justiniano e os motivos dos confrontos contra essa população.

Os vândalos, vindos da Hispânia, chegaram ao norte da África em 429, sob o comando de Genserico (428-477), e neste período os confrontos com os romanos ficam mais intensos e ganham grandes proporções, pois o rei vândalo fez várias incursões na Sicília, na Itália e em parte da Grécia continental. Ao contrário dos ostrogodos na Península Itálica, os vândalos não reconheciam nenhuma forma de autoridade romana e não mantiveram boas relações com o Império.<sup>168</sup> No século IV, se converteram ao arianismo e durante seu domínio no norte da África, perseguiram os católicos e se apossaram das terras da Igreja. Nos livros referentes às guerras contra os vândalos e godos, a questão do cristianismo ganha especial atenção de Procópio, pois a luta contra as práticas heréticas e a defesa da religião oficial do Império aparecem como um dos argumentos fundamentais para justificar as campanhas contra essas populações. Ao longo

---

<sup>168</sup> BROWNING. Robert, *op. cit.*, p. 78.

de toda a narrativa Procópio, descreve a forma cruel e injusta que os governantes vândalos tratavam os cristãos que estavam sob o seu domínio. No trecho abaixo, Honório, filho de Genserico e seu sucessor, tenta obrigar os cristãos a se converterem ao arianismo:

E Honorico mostrou-se o mais cruel e injusto de todos os homens com os cristãos na Líbia. Pois ele os obrigou a mudar para a fé ariana, e os que não aceitavam ele os queimou, ou os destruiu através de outras formas de morte, [...].<sup>169</sup>

Nesta primeira parte da *Guerra Vândala*, Genserico aparece como personagem principal e mais uma vez, Procópio faz uso de descrições generalizadas e estereotipadas sobre os vândalos para construir os retratos de seus líderes. Genserico apesar das características negativas, como seu desejo por dinheiro e crueldade<sup>170</sup> com a população romana, é elogiado por sua inteligência e por ser um grande guerreiro<sup>171</sup>. Procópio escreve sobre o tratado de paz entre ele e o imperador Zenão, que terminou no governo de Justiniano<sup>172</sup>. Para o caso dos vândalos, escolhemos analisar os retratos dos reis Ilderico e de Gelimer, pois além serem os governantes com maior destaque nas narrativas, os confrontos entre eles, foram usados como justificativa para Justiniano enviar suas tropas ao norte da África.

Após a morte de Genserico, Procópio escreve sobre os governos de seus sucessores Honorico, Gundamundo e Trasamundo<sup>173</sup>, que são marcados pelos confrontos com os mouros, pela perseguição contra os católicos, que eram obrigados a se converterem ao arianismo e a destruição e apropriação dos bens da Igreja. Em 457, Hilderico, neto de Genserico e do imperado Valentiniano III, assume o governo dos vândalos. O novo rei se orgulhava de ter descendência romana e rejeitava as tradições e os costumes de seu povo. Durante o seu reinado, buscou estreitar as relações com o governo imperial, acabou com a perseguição aos católicos e se afastou do reino

<sup>169</sup> PROCOPIUS. *Vand.* 3.8.3-5:

“γέγονε δὲ Ὀνώριχος ἐς τοὺς ἐν Λιβύῃ Χριστιανούς ὀμότατός τε καὶ ἀδικώτατος ἀνθρώπων ἀπάντων. βιαζόμενος γὰρ αὐτοὺς ἐς τὴν Ἀρειανῶν μετατίθεσθαι δόξαν, ὅσους ἂν λάβοι οὐχ ἑτοίμως αὐτῷ εἰκοντάς, ἔκαίε τε καὶ ἄλλαις θανάτου ιδέαις διέφθειρε, (...)”

<sup>170</sup> PROCOPIUS. *Vand.* 3.5.22-23:

“Naquela época, após a morte de Valentiniano, Genserico ganhou o apoio dos mouros, e todos os anos no início da primavera, ele fazia invasões em Sicília e na Itália, escravizando algumas das cidades, arrasando os outras até chão, e saqueando tudo; e quando a terra tornou-se destituída de homens e de dinheiro, ele invadiu o domínio do imperador do Oriente.”

<sup>171</sup> PROCOPIUS. *Vand.* 3. 3.24:

“foi excelentemente treinado na guerra e foi o mais inteligente de todos os homens.”

<sup>172</sup> Cf. PROCOPIUS. *Vand.* 3.7.26-28

<sup>173</sup> Cf. PROCOPIUS. *Vand.* 3.8

ostrogodo<sup>174</sup>. Segundo Robert Browning, Justiniano via em Ilderico a possibilidade de restaurar a autoridade romana no norte da África.<sup>175</sup> Na obra de Procópio, o imperador e o rei vândalo aparecem como amigos e aliados:

E Ilderico, filho de Honorico, filho de Genserico, herdou o trono, um soberano que era facilmente abordado por seus súditos e muito gentil e não se mostrou duro nem com os cristãos nem com qualquer outra pessoa, mas, em relação aos assuntos da guerra, ele era um fraco e não queria que esses assuntos chegassem aos seus ouvidos. (...) . Eles colocaram Amalafriada na prisão e destruíram todos os godos, acusando-os de tramarem uma rebelião contra os vândalos e Ilderico. No entanto, nenhuma vingança veio de Teodorico, pois ele se considerava incapaz de reunir uma grande frota e fazer uma expedição para a Líbia, e Ilderico era muito amigo e convidado de Justiniano, que ainda não tinha chegado ao trono, mas já administrava o governo; para o seu tio Justino, que era imperador, mas estava muito velho e não possuía experiência para os assuntos do Estado. E Ilderico e Justiniano trocaram grandes presentes de dinheiro entre eles.<sup>176</sup>

Em 530, Gelimer, que era bisneto de Genserico, apoiado pela nobreza vândala, aprisiona e toma o poder de Ilderico. Gelimer, era considerado um grande guerreiro e defensor do arianismo e das tradições vândalas. Ao saber do ocorrido, Justiniano tenta intervir e envia seus embaixadores ao Norte da África pedindo que Gelimer, liberte Ilderico e seus dois sobrinhos que também estavam presos e que os enviassem em segurança para Constantinopla. Porém, o novo rei vândalo não atendeu aos pedidos de Justiniano e, segundo Procópio, por isso, o imperador decidiu então enviar suas tropas ao norte da África, para libertar a população de um governo tirano e vingar a memória de Genserico:

Mas quando Justiniano ouviu essas palavras, já havia recebido o poder imperial, enviou os embaixadores à Líbia na presença de Gelimer, com a seguinte mensagem: “Não está agindo de acordo com os conselhos deixados por Genserico, mantendo na prisão um ancião, seu parente e rei dos vândalos e tirando sua autoridade pela força, que você iria

<sup>174</sup> O rei anterior a Ilderico, Transmundo era casado com Amalafriada, irmã do rei godo Teodorico. Ilderico colocou Amalafriada na prisão e assassinou seus aliados godos. Cf. PROCOPIUS. *Vand.* 3.8.11-12.

<sup>175</sup> BROWNING. Robert, *op. cit.*, p. 78.

<sup>176</sup> PROCOPIUS. *Vand.* 3. 9.1-5:

“Ἰλδέριχος δὲ Ὀνωρίχου τοῦ Γιζερίχου παῖς τὴν βασιλείαν παρέλαβεν, ὃς τὰ μὲν ἐς τοὺς ὑπηκόους εὐπρόσοδος τε ἦν καὶ ὄλως πρᾶος, καὶ οὔτε Χριστιανοῖς οὔτε τῶν ἄλλων χαλεπὸς ἐγεγόνει, τὰ δὲ ἐς τὸν πόλεμον μάλθακος τε λίαν καὶ οὐδὲ ἄχρι ἐς τὰ ὅσα τὸ πρᾶγμα οἱ τοῦτο ἐθέλων ἰέναι.(...) τὴν τε γὰρ Ἀμαλαφρίδαν ἐν φυλακῇ ἔσχον καὶ τοὺς Γόθους διέφθειραν ἅπαντας, ἐπενεγκόντες αὐτοῖς νεωτερίζειν ἐς τὴν Βανδύλου καὶ Ἰλδέριχον. τίσις μὲντοι οὐδεμία πρὸς Θεουδερίχου ἐγένετο, ἐπεὶ ἀδύνατος ἐνόμισεν εἶναι στόλῳ μεγάλῳ ἐς Λιβύην στρατεῦσαι, Ἰλδέριχος δὲ φίλος ἐς τὰ μάλιστα Ἰουστινιανῶ καὶ ξένος ἐγένετο, οὐπω μὲν ἦκοντι ἐς βασιλείαν, διοικουμένη δὲ αὐτὴν κατ' ἐξουσίαν, ἐπεὶ οἱ ὁ θεῖος Ἰουστίνος ὑπὲρ γῆρας τε ὧν ἐβασίλευε καὶ τῶν κατὰ τὴν πολιτείαν πραγμάτων οὐ παντελῶς ἔμπειρος, χρήμασι τε μεγάλῳ ἀλλήλους ἐδώρουντο”

receber em pouco tempo pela lei. No entanto você não faça mais nada de errado e não mude o título de rei para tirano, que vem em pouco tempo. Mas para esse homem, que a morte o espera a qualquer momento, o permita pensar que possui o poder real, enquanto você faz as funções do rei e espere até você receber no tempo certo e pela lei de Genserico, é somente dele, este título. Se você fizer isso o Todo Poderoso estará ao seu lado e você poderá contar com a nossa amizade. (...). Nós, de fato, supomos que você não iria contra o nosso conselho quando escrevi a carta anterior. (...) . Mas você envie até a gente Ilderico e Hoamer, quem você cegou e também seu irmão, para que obtenham o consolo daqueles que foram privados da realeza ou da visão, porque não vamos ceder, caso você não nos obedeça, pois o que nos motiva é a esperança que tenho da nossa amizade. E sobre o tratado que havíamos feito com Genserico, não será um obstáculo para a gente, pois não vamos lutar contra quem sucedeu o trono, mas para vingar, com todas as nossas forças Genserico.<sup>177</sup>

Dessa forma, Procópio descreve as razões para o início das campanhas contra os vândalos. É importante destacar que ao longo de toda a narrativa o historiador utiliza o termo tirano (*τύραννος*) para se referir ao governo de Gelimer, assim como, nas obras posteriores, para outros líderes bárbaros que usurparam o poder de um rei legítimo. Portanto, os exércitos imperiais invadiram o norte da África, para libertar a população romana e os próprios vândalos da tirania de seu governante. Em várias passagens, vemos Justiniano<sup>178</sup>, Belisário<sup>179</sup> e os próprios bárbaros utilizando-se dessa justificativa para apoiar as incursões militares contra os vândalos. Como podemos ver no trecho seguinte, no qual um dos funcionários de Gelimer, de origem goda, escreveu uma carta ao imperador, pedindo que o auxilie a expulsar o rei vândalo do governo do norte da África, pois era preferível servir a um rei justo do que um tirano:

<sup>177</sup> PROCOPIUS. *Vand.* 3. 9. 10-24:

“Ἐπεὶ δὲ ταῦτα Ἰουστινιανὸς ἤκουσεν, ἤδη τὴν βασιλείαν παραλαβὼν, πρέσβεις εἰς Λιβύην ὡς Γελίμερα πέμψας ἔγραψε τάδε: Ὅχι ὅσα ποιεῖς οὐδέτων Γιζερίχου διαθηκῶν ἄξια, γέροντά τε καὶ ξυγγενῆ καὶ βασιλέα Βανδίλων, εἰ τι τῶν Γιζερίχου βεβουλευμένων ὄφελός ἐστιν, ἐν φυλακῇ ἔχων, καὶ βία τὴν ἀρχὴν ἀφαιρούμενος, ἐξὸν αὐτὴν ὀλίγω ὕστερον χρόνῳ κατὰ νόμον λαβεῖν. μήτε οὖν ἐργάση πειραιτέρω κακὸν μήτε τοῦ βασιλέως ὀνόματος ἀνταλλάξῃ τὴν τοῦ τυράννου προσηγορίαν, βραχεῖ προτερεύουσιν χρόνῳ. ἀλλὰ τοῦτον μὲν, ἄνδρα ὅσον οὐπω τεθνηξόμενον, εἶ φέρεσθαι τῷ λόγῳ τῆς βασιλείας εἰκόνα, σὺ δὲ ἅπαντα πράττει ὅσα βασιλέα πράττειν εἰκός: προσδέχου τε ἀπὸ τοῦ χρόνου καὶ τοῦ Γιζερίχου νόμου μόνον λαβεῖν τὸ τοῦ πράγματος ὄνομα. ταῦτα γὰρ σοὶ ποιοῦντι τά τε ἀπὸ τοῦ κρείττονος εὐμενῆ ἔσται καὶ τὰ παρήμων φίλια.” (...) ὡς δὲ καὶ ταῦτα βασιλεὺς Ἰουστινιανὸς ἤκουσε, πρέσβεις ἑτέρους πέμψας ἔγραψε τάδε “Ἡμεῖς μὲν οἰόμενοι σε οὐποτε τῆς ἡμετέρας συμβουλῆς ἀπεναντίας ἤξειν ἐγράψαμέν σοι τὴν ἐπιστολὴν τὴν προτέραν. ἐπεὶ δὲ ἀρέσκει σοὶ τὴν βασιλείαν οὕτω κεκτησθαι ὡς νῦν ἔχεις λαβὼν, ἀπόλαβε ὃ τι ἂν ἐξ αὐτῆς ὁ δαίμων διδῷ. σὺ δὲ Ἰλδέρικόν τε καὶ Ὀάμερα τὸν πηρὸν καὶ τούτου τὸν ἀδελφὸν ὡς ἡμᾶς πέμπε, παρανοχὴν ἦν ἔξοντας ἦν ἔχειν εἰσι δυνατοὶ ὅσοι τὴν βασιλείαν ἠτὴν ὄψιν ἀφήρηται: ὡς οὐκ ἐπιτρέψομέν γε, ἦν μὴ ταῦτα ποιῆς. ἐννάγει γὰρ ἡμᾶς ἡ ἐλπίς ἦν εἰς τὴν ἡμετέραν φιλίαν ἔσχον. αἱ τε σπονδαὶ ἡμῖν αἱ πρὸς Γιζερίχον ἐκποδὸν στήσονται. τῷ γὰρ ἐκδεξαμένῳ τὴν ἐκείνου βασιλείαν ἐρχόμεθα οὐ πολέμησοντες, ἀλλὰ τὰδὺ νατὰ τιμωρήσοντες.”

<sup>178</sup> Cf. PROCOPIUS. *Vand.* 3.16.13-15

<sup>179</sup> Cf. PROCOPIUS. *Vand.* 3.16.9

Não foi por ser insensato ou por sofrer algum ato desagradável por parte de meu senhor que virei a minha atenção para essa revolta, sendo que, ao perceber como foi grande a crueldade desse homem com a sua família e seus súditos, eu não poderia, voluntariamente, participar da sua falta de humanidade, pois é preferível servir a um rei justo do que um tirano que não dá ordens conforme a lei. Mas, junte-se a mim e me envie soldados para que eu seja capaz de expulsar meu agressor.<sup>180</sup>

Ao longo da obra, como já pontuamos, Procópio faz uso de categorias generalizantes e estereotipadas da historiografia greco-romana sobre os bárbaros para construir seus retratos dos líderes militares. Dessa forma, Gelimer aparece como um típico governante bárbaro, cheio de vícios e de características negativas. O historiador descreve-o como o melhor guerreiro de seu tempo, mas também como ganancioso, perverso e hábil em incitar revoltas:

Havia um certo homem na família de Genserico, Gelimer, filho de Genserico, que era o mais velho depois de Ilderico e por isso esperava que logo assumisse o trono. Este homem era considerado o melhor guerreiro de seu tempo, mas também era inflexível, maucaráter e esperto para incitar revoltas e de se apoderar do dinheiro dos outros. Agora este Gelimer, quando viu que não ia chegar ao poder, não conseguiu viver da maneira que estava acostumado, assumiu as tarefas de um rei, que ainda não pertenciam a ele; e desde que Ilderico cedeu a ele essas tarefas com um espírito de amizade, ele não foi mais capaz de frear seus pensamentos, mas aliou-se à nobreza vândala, e os persuadiu a prenderem Ilderico, dizendo que ele era um rei que havia sido derrotado pelos Mouros e que havia traído os vândalos ao tentar colocar o poder nas mãos do imperador Justino, para evitar que o reino fosse para ele, porque Gelimer pertencia a outro ramo da família, por isso afirmava falsamente que a sua embaixada a Bizâncio teria o seguinte propósito: entrega o império dos vândalos para Justino. Convencidos disso encarregaram-se do plano. Assim, Gelimer tomou o poder e prendeu Ilderico, após este governar sobre os vândalos por sete anos, e também prendeu Hoamer e seu irmão Euagees.<sup>181</sup>

<sup>180</sup> PROCOPIUS. *Vand.* 3.10.29-31:

“Οὔτε ἀγνωμοσύνη εἰκὼν οὔτε τι ἄχαρι πρὸς δεσπότην παθὼν τοῦ ἐμοῦ εἰς ἀπόστασιν εἶδον, ἀλλὰ τάνδρῳ ἰδὼν τὴν ὀμότητα ἰσχυρὰν οἷαν εἰς τε τὸ ξυγγενὲς καὶ ὑπήκοον μετέχειν τῆς ἀπανθρωπίας οὐκ ἂν δόξαιμι ἐκὼν γεεῖναι. ἄμεινον γὰρ βασιλεῖ δικαίῳ ὑπηρετεῖν ἢ τυράνῳ τὰ οὐκ ἔννομα ἐπαγγέλλοντι. ἀλλ’ ὅπως μὲν συλλήψῃ μοι ταῦτα σπουδάζοντι, ὅπως δὲ στρατιώτας πέμποις ὥστε με ἀμύνεσθαι τοὺς ἐπιόντας ἰκανῶς ἔχειν.”

<sup>181</sup> PROCOPIUS. *Vand.* 3.9.6-9:

“Ἦν δὲ τις ἐν τῷ Γιζερίχῳ γένει Γελίμερ ὁ Γειλάριδος τοῦ Γένζωνος τοῦ Γιζερίχου πόρρω που ἡλικίας ἦ κων μετὰ γε Ἰλδέριχον, καὶ διὰ τοῦτο ἐπίδοξος ἂν αὐτίκα μάλα ἐς τὴν βασιλείαν ἀφίξεσθαι· ὁ δὲ τὰ μὲν πολέμια ἐδόκει τῶν καθ’ αὐτὸν ἄριστος εἶναι, ἄλλως δὲ δεινὸς τετὴν καὶ κακοήθης καὶ πράγμασι τε νεωτέροις καὶ χρήμασιν ἐπιτίθεσθαι ἀλλοτρίοις ἐξεπιστάμενος. οὗτος ὁ Γελίμερ ἐπεὶ οἱ μέλλουσαν ἑώρα τὴν ἀρχήν, οὐκ ἐδύνατο ἐν τῷ καθεστῶτι τρόπῳ βιοτεύειν, ἀλλὰ τὰ βασιλέως ἔργα προσποιησάμενος ἐπεβάτευε τῆς τι

Em menos de um ano, os vândalos foram derrotados por Belisário, e, para isso, duas batalhas foram decisivas: *Ad Décimo* e a de *Tricamarum*. Na primeira, o general conseguiu conquistar Cartago e tomou posse do palácio de Gelimer. Em *Tricamarum*, as tropas romanas invadiram o acampamento vândalo, que ficava a cinquenta quilômetros de Cartago, e Gelimer fugiu e se refugiou com os mouros; após três meses vivendo em péssimas condições, ele se rendeu a Belisário. Antes de aceitar a proposta do general, Procópio escreve que Gelimer pediu a Pharas, um oficial de origem hérula que estava a serviço de Belisário, um pedaço de pão, que ele não via desde sua fuga, uma esponja para lavar os olhos, que estavam inchados e uma lira para acompanhar a ode que ele havia escrito sobre a sua desgraça.<sup>182</sup> Segundo Procópio, Gelimer ao chegar na presença do general romano, estava rindo descontroladamente, a ponto de pensarem que ele tinha ficado louco devido os infortúnios que havia sofrido:

Mas seus amigos garantiam que ele estava com sua mente sã, e que por ter nascido em uma família real, ascender ao trono e ter sido revestido de grande poder e imensa riqueza desde a infância até a velhice, e então, sendo levado a fugir e mergulhado em grande medo, havia passado por imensos sofrimentos em Papua, e agora vindo como um cativo, tendo deste modo experimentado todos os presentes da fortuna, bons e maus, [...].<sup>183</sup>

Em 534, Belisário leva Gelimer para Constantinopla onde celebra o triunfo, narrado com detalhes por Procópio, que marca o auge da carreira do general, tanto que no ano seguinte consegue o consulado. O rei vândalo é despojado de seu reino e se submete a Justiniano, que em um ato de clemência, oferece a Gelimer o título de patrício

---

μη̄ς, άώρου γε αῡτω̄ ο̄σης: καῑ Ιλδερῑχου δῑ επῑεῑκειαν̄ εν̄δῑδόντος κατέχειν οῡκέτι ο̄ίός τε η̄ν την̄ διάνοιαν, αλλά̄ Βανδ̄ίλων̄ εταῑρισάμενος ε̄ι τῑ άριστον̄ η̄ν, αναπεῑθεῑ αφ̄ελέσθαι μ̄εν̄ Ιλδ̄ερῑχον̄ την̄ βασιλεῑαν, ως̄ ά πόλεμόν τε καῑ η̄σσημένον̄ προς̄ Μαυροῡσίων, καῑ Ιουστῑνω̄ βασιλεῑ καταπρο̄ιδόντᾱ τὸ τῶν Βανδ̄ίλων̄ κράτος, ως̄ μη̄ ε̄ς αῡτὸν̄ εκ̄της̄ άλλης̄ οικίας̄ ο̄ντᾱ η̄ βασιλεῑᾱ η̄κοι: τοῦτο γάρ̄ οἱ̄ βούλεσθαῑ την̄ ε̄ς Βυζάντιον̄ πρεσβεῑαν̄ διεβαλλ̄εν, αῡτω̄ δ̄ε̄ παραδῑδόναῑ τὸ Βανδ̄ίλων̄ κράτος. οἰδ̄ε̄ αναπεῑσθέντες̄ κατὰ ταῦτᾱ ε̄ποίουν̄. οὔτω̄ δ̄η̄ Γελίμερ̄ της̄ η̄γεμονίας̄ επῑλαβόμενος̄ Ιλδ̄ερῑχόν τε, ε̄βδομον̄ ε̄τος̄ Βανδ̄ίλων̄ άρξαντα, καῑ Όάμερ̄ α καῑ τὸν̄ άδελφὸν̄ Εὐαγέην̄ εν̄ φυλακῇ̄ ε̄σχεν̄.”

<sup>182</sup> Cf. PROCOPIUS. *Vand.* 4.6.31.

<sup>183</sup> PROCOPIUS. *Vand.* 4.7:

“οἱ̄ μέντοι φίλοῑ άγγίνουν̄ τε τὸν̄ άνθρωπον̄ ε̄βούλοντο̄ ε̄ί̄ναῑ καῑ άτε̄ οικίας̄ μ̄εν̄ βασιλικῆς̄ γεγονότα, εἰς̄ βασιλεῑαν̄ δ̄ε̄ αναβεβηκότα, καῑ δύναμίν̄ τεῑσχυρὰν̄ χρη̄ματά̄ τε̄ μεγάλᾱ εκ̄ παιδ̄ος̄ άχρῑ καῑ ε̄ς̄ γῆρας̄ περιβαλόμενον̄, ε̄ί̄ταιεις̄ φυγήν τε καῑ δ̄εός̄ πολὺ̄ εμπ̄εσόντᾱ καῑ κακοπάθειαν̄ την̄ εν̄ Παπού̄αῡποστάντα, καῑ νῦν̄ εν̄ αῑχμαλώτων̄ λόγῳ̄ η̄κοντα, πάντων̄ τε̄ ταῦτη̄ τῶν̄ άπο̄της̄ τύχης̄ άγαθῶν̄ τε καῑ φλαύρων̄ εν̄ πείρᾱ γεγονότα, άλλοῡ οῡδενός̄ άξιᾱ τὰ̄ αν̄θρώπινᾱ η̄ γέλωτος̄ πολλοῦ̄ οἰ̄εσθαῑ ε̄ί̄ναῑ.”



e várias propriedades na região da Galácia. Seus antigos súditos foram enviados para as fronteiras orientais para auxiliar nas guerras contra os persas.<sup>184</sup>

Porém, após a vitória sobre os vândalos, os mouros continuavam sendo um obstáculo para a instauração definitiva do poder de Justiniano no norte da África e seus constantes ataques demonstraram a fragilidade e incapacidade das tropas romanas de proteger o território conquistado. Além disso, para conseguir custear as obras de restauração e de fortificação que foram realizadas após as guerras, foi preciso um investimento maciço de homens e recursos para a província, o que aumentou a dificuldade de continuar as guerras em outros lugares.

Desse modo, Procópio descreveu os reis vândalos de forma similar aos persas, ressaltando suas características negativas e demonstrando as diferenças entre eles e os romanos. Ao logo de toda obra, o historiador classifica de forma estereotipada os vândalos e mostra de uma forma depreciativa seus costumes e tradições. No caso da *Guerra Vândala*, o historiador se preocupa mais em escrever sobre as vitórias de Belisário e das tropas romanas do que fazer uma descrição detalhada sobre a população que estava em guerra contra o Império Romano. Da mesma forma, tenta justificar as razões que levaram Justiniano a empreender uma campanha militar contra os vândalos, pois o imperador estava lutando contra uma população bárbara e herética.

---

<sup>184</sup> MERRILES, Andy; MILES, Richard,...*op.cit.*, p. 333.

### 2.2.3 – Reis Godos

Na *História das Guerras*, os livros que compõem a *Guerra Gótica* (livros V, VI, VII e VIII) tratam das ações militares de Justiniano contra os godos na Península Itálica, entre 535 e 550. O relato se inicia com as disputas de poder na Itália que culminaram na ascensão de Odoacro, um patrício de origem hérula, e na queda do imperador Rômulo Augusto, em 476. Dessa forma, Procópio começa a desenvolver sua narrativa descrevendo as disputas e sucessões de governo nessa região, que desencadeariam nas guerras entre o Império Romano e os godos durante o governo de Justiniano.

Para a *Guerra Gótica* escolhemos analisar os retratos de Teodorico, Amalásunta e Totila, devido à importância desses personagens na narrativa e pelo fato de serem descritos de uma maneira mais positiva em comparação com os reis bárbaros dos livros anteriores e até mesmo com relação ao próprio imperador Justiniano. Os confrontos entre romanos e godos duraram dezoito anos e, por isso, temos uma sucessão de governantes durante as ações militares de Justiniano nesta região, a saber: Teodorico, Amalásunta, Atalarico, Teodato, Vitigis, Ildibado, Erarico, Totila e, por fim, Teia. Os reis bárbaros são personagens que apresentam diversos vícios, ainda que não sejam apenas eles os viciosos no relato de Procópio, como veremos no próximo capítulo. Há, contudo, também aqueles que são considerados virtuosos, por tentarem manter boas relações com o poder imperial ou por possuírem características que os afastam do comportamento típico atribuído aos bárbaros.

Após relatar como Odoacro usurpa o poder de Rômulo Augusto no Ocidente, Procópio narra como os ostrogodos chegaram ao governo na Península Itálica. De acordo com o historiador, Teodorico Amalo, o rei dos ostrogodos, a pedido do imperador Zenão, declarou guerra a Odoacro, com o objetivo de conquistar para os godos o domínio da parte ocidental do Império<sup>185</sup>. A campanha de Teodorico na Itália desenvolveu-se entre 488 e 493 e contou com o envolvimento de vários grupos bárbaros já fixados nos antigos territórios romanos ocidentais, como os visigodos e burgúndios. Segundo Renan

---

<sup>185</sup> PROCOPIUS. *Goth.* 5. 1. 10:

“Nesta época quando os godos, que estavam vivendo na Trácia com a permissão do imperador, pegaram em armas contra os romanos sob a liderança de Teodorico, um homem que era de patrício e conseguiu o consulado em Bizâncio. Mas o imperador Zenão, que entendia como resolver a seu favor qualquer situação em que se encontrasse, aconselhou Teodorico ir para à Itália, atacar Odoacro e ganhar para si e para os godos o domínio ocidental. Pois era melhor para ele, dizia, especialmente depois de ter alcançado a dignidade senatorial, retirar pela força um usurpador e governar sobre todos os romanos e italianos do que correr um grande risco de lutar contra o imperador.”

Frighetto, a intervenção de Teodorico na Península Itálica provocou uma autêntica movimentação de outros povos bárbaros em apoio ou oposição à iniciativa goda, já preconizando o importante papel político que desempenharia o rei ostrogodo sobre o Ocidente romano tardo antigo.<sup>186</sup> Em 493, Odoacro é assassinado pelo rei ostrogodo<sup>187</sup>, que assume o poder na região.

Teodorico, durante seu governo, mostrou-se grande admirador da cultura romana, converteu Ravena em uma brilhante capital e buscou conciliar os interesses dos ostrogodos com os da população romana. Ao mesmo tempo conseguiu consolidar seu poder perante os outros reinos bárbaros no Ocidente, através de uma hábil política de matrimônios e de diversas campanhas militares. Porém, assim como os vândalos, os godos se converteram ao arianismo no século IV, o que não foi um impedimento para Teodorico cultivar boas relações com a Igreja católica.<sup>188</sup> Esse posicionamento do rei ostrogodo junto ao governo imperial, também foi reconhecido e elogiado por Procópio que o descreve como um grande governante, com o comportamento próximo a de um verdadeiro imperador romano:

E embora ele não reivindicasse o direito de assumir o traje ou o título de imperador dos romanos, foi chamado de *rex* até o fim de sua vida (pois é assim que os bárbaros estão acostumados a chamar seus líderes), entretanto, governando os seus próprios súditos, investiu-se com todas as qualidades que pertencem apropriadamente a quem é de nascimento um imperador. Ele era extremamente cuidadoso em administrar a justiça, preservou firmemente as leis, protegeu a terra e a manteve a salvo dos bárbaros que moravam ao redor, e atingiu o mais alto grau possível de sabedoria e coragem. Dificilmente cometeu algum ato de injustiça contra seus súditos, nem permitiu a qualquer outra pessoa realizar uma ação deste tipo, com exceção, é claro, dos godos, que distribuíram entre eles as terras que Odoacro havia concedido aos seus partidários. E embora no nome Teodorico fosse um usurpador, no entanto era verdadeiramente um imperador, não se distinguindo daqueles que ocupavam esse cargo desde o início. E o amor que sentiam os godos e italianos por ele crescia sem medidas, mesmo sendo contrário aos hábitos comuns dos homens, [...].<sup>189</sup>

<sup>186</sup> FRIGUETTO, Renan. *A Antiguidade Tardia: Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras Numa Época de Transformações (Séculos II-VIII)*. Curitiba: Juruá, 2012, p. 153.

<sup>187</sup> PROCOPIUS. *Goth.* 5. 1. 25

<sup>188</sup> MOORHEAD, John. The Byzantines in the West in the sixth century. In: FOURACE, Paul. (org). *The New Cambridge Medieval History*. Vol. I.c.500-c.700. Cambridge University Press, 2005, p. 144-146.

<sup>189</sup> PROCOPIUS. *Goth.* 5. 1, 26-30:

“καὶ βασιλέως μὲν τοῦ Ῥωμαίων οὔτε τοῦ σχήματος οὔτε τοῦ ὀνόματος ἐπιβατεῦσαι ἠξίωσεν, ἀλλὰ καὶ ῥῆξ διεβίου καλούμενος ὄντω γὰρ σφῶν τοῦσὶ γηγεμόνας καλεῖν οἱ βάρβαροι νενομίκασι, τῶν μέντοι κατηκόντων τῶν αὐτοῦ προῦστη ζῦμπαντα περιβαλλόμενος ὅσα τῷ φύσει βασιλεῖ ἤρμοσται. δικαιοσύνης τε γὰρ ὑπερφυῶς ἐπεμελήσατο καὶ τοὺς νόμους ἐν τῷ βεβαίῳ διεσώσατο, ἐκ τε βαρβάρων τῶν περιοίκων τὴν χώραν ἀσφαλῶς διεφύλαξε, ξυνέσεώς τε καὶ ἀνδρίας ἐς ἄκρον ἐληλύθει ὡς μάλιστα. καὶ ἀδίκημα σχεδόν τι οὐδὲν οὔτε αὐτὸς ἐς τοὺς ἀρχομένους εἰργάζετο οὔτε τῶν ἄλλων τὰ τοιαῦτα ἐγκεχειρηκότι ἐπέτρεπε, πλὴν γε δὴ

Nota-se nessa passagem que Procópio faz um retrato laudatório de Teodorico, mas ao mesmo tempo critica os godos, que distribuíram entre eles as terras que Odoacro havia concedido aos seus partidários. Dessa forma, o historiador faz questão de destacar que o comportamento virtuoso do rei não se estende aos seus súditos. Teodorico governou sobre os ostrogodos durante trinta e sete anos, sendo sucedido por seu neto Atalarico. Devido a sua pouca idade, sua mãe Amalásunta, atuou como sua regente.

Amalásunta, assim como seu pai, adotou uma política favorável aos interesses do governo imperial, teve acesso a uma rica educação baseada na cultura greco-romana, era fluente em grego, latim e gótico. Reverteu a política “anti-romana” instaurada por Teodorico, que, no final de seu governo, havia rompido com a aristocracia romana, se reconciliando com o Senado. Além disso, tentou oferecer a mesma educação a que teve acesso ao seu filho, porém todas essas medidas desagradaram a nobreza goda, que insistia para que o jovem rei tivesse uma educação genuinamente gótica.<sup>190</sup> Na *Guerra Gótica*, Procópio também a descreve favoravelmente ressaltando suas atitudes com a população romana, porém, mais uma vez, critica o comportamento dos godos:

Agora Amalásunta, como guardiã de seu filho, administrou o governo e ela provou ser dotada de um elevado nível de sabedoria e respeito pela justiça, exibindo em grande medida um temperamento masculino. Durante o tempo que estava no poder, não infligiu nenhum mal aos romanos, [...]. Além disso, ela não cedeu aos desejos dos godos de fazerem mal aos romanos, mas restaurou aos filhos de Symmachus e Boetius as propriedades de seus pais. Agora Amalásunta desejava fazer seu filho se assemelhar aos príncipes romanos em seu modo de vida, e já o obrigava a frequentar a escola de um professor de letras.<sup>191</sup>

A insatisfação com o governo de Amalásunta aumentou e devido a sua política favorável aos romanos, sofreu com a hostilidade dos godos, que tentaram retirá-la do

---

ὅτι τῶν χωρίων τὴν μοῖραν ἐν σφίσι αὐτοῖς Γότθοι ἐνείμαντο ἥνπερ Ὀδοάκρος τοῖς στασιώταις τοῖς αὐτοῦ ἔδωκεν. ἦν τε ὁ Θεοδέριχος λόγῳ μὲν τύραννος, ἔργῳ δὲ βασιλεὺς ἀληθῆς τῶν ἐνταῦθα τῆ τιμῆ τὸ ἐξ ἀρχῆς ἠὲ δοκιμηκότων οὐδενὸς ἦσσαν, ἔρωσ τε αὐτοῦ ἐν τε Γότθοις καὶ Ἰταλιώταις πολλὸς ἦκμασε, καὶ ταῦτα ἀπὸ τοῦ ἀνθρωπείου τρόπου.”

<sup>190</sup> EVANS, James Allan Stewart. *The Age of Justinian. The circumstances of imperial power*. New York: Routledge, 1996, p. 136.

<sup>191</sup> PROCOPIUS. *Goth.* 5. 2. 3-7:

“ Ἀμαλασοῦνθα δὲ, ἅτε τοῦ παιδὸς ἐπίτροπος οὖσα, τὴν ἀρχὴν διωκεῖτο, ξυνέσεως μὲν καὶ δικαιοσύνης ἐπιπλεῖστον ἐλθοῦσα, τῆς δὲ φύσεως ἐς ἄγαν τὸ ἀρρενωπὸν ἐνδεικνυμένη. ὅσον τε χρόνον τῆς πολιτείας προὔστη, οὐδένα τῶν πάντων Ῥωμαίων ἐς τὸ σῶμα ἐκόλασεν ἢ χρήμασιν ἐζημίωσεν. οὐ μὴν οὐδὲ Γότθοις ξυνεχώρησεν ἐς τὴν ἐς ἐκείνους ἀδικίαν ὀργᾶσιν, ἀλλὰ καὶ τοῖς Συμμάχου τε καὶ Βοετίου παισὶ τὴν οὐσίαν ἀπέδωκεν. ἡ μὲν οὖν Ἀμαλασοῦνθα τὸν παῖδα ἐβούλετο τοῖς Ῥωμαίων ἄρχουσι τὰ ἐστὴν δίαίταν ὁμότροπον καταστήσασθαι καὶ φοιτᾶν ἐς γραμματιστοῦ ἡδὴ ἠνάγκαζε.”

trono. Ao saber do complô, a rainha pede ajuda a Justiniano, para que ela pudesse ir em segurança a Bizâncio e, segundo Procópio, o imperador prontamente atende o seu pedido. Mas conseguiu assassinar os conspiradores e decidiu voltar a Revena.<sup>192</sup> Porém, devido a morte de Atalarico<sup>193</sup> e temendo seus adversários, Amalásunta se casa com Teodato, filho da irmã de Teodorico, para tentar consolidar seu poder entre os godos. Teodato se alia aos inimigos de Amalásunta, que é presa e assassinada. Ao ser informado sobre o que havia acontecido com a rainha, Justiniano envia suas tropas para a Itália dando início à guerra gótica.<sup>194</sup>

Entre 535 e 540, a situação militar na Itália foi bastante favorável às forças romanas, que lideradas por Belisário conseguiram conquistar Nápoles, Roma e Ravena. Teodato, que é descrito por Procópio como um péssimo governante devido ao seu caráter duvidoso e seu desejo exagerado por dinheiro, foge de Ravena e Vitigis é eleito rei pelas hostes ostrogodas. Vitigis manda assassinar Teodato e, como não possuía sangue nobre, tentou consolidar sua posição se casando com Matasunta, filha de Amalásunta.<sup>195</sup>

Entretanto, os romanos continuavam tendo vantagens sobre os godos, que estavam cada vez mais insatisfeitos com o seu novo rei e os rumos das guerras. Por isso, decidiram oferecer a Belisário o controle sobre o império ocidental, mas, segundo Procópio, o general era incapaz de cometer algum ato de deslealdade a Justiniano, porém fez os godos acreditarem que aceitava essa proposta. Dessa forma, conseguiu entrar em Ravena e captura Vitiges, enviando-o para Constantinopla como prisioneiro.<sup>196</sup>

Porém, o historiador não pode testemunhar todos os eventos descritos na *Guerra Gótica*, pois em 540, retornou a Bizâncio junto com Belisário para defender a fronteira oriental dos persas.<sup>197</sup> Tendo elaborado suas narrativas através de informações fornecidas por terceiros, que não são mencionados na obra, esses livros são menos detalhados se compararmos aos anteriores. Segundo Averil Cameron, na *Guerra Gótica*, as narrativas do historiador se “transformam de uma entusiasmada escrita para um sentimento de

---

<sup>192</sup> PROCOPIUS. *Goth.* 5. 2. 23-29

<sup>193</sup> Atalarico foi educado de acordo com os costumes godos, que de acordo com Procópio, o incentivaram a fazer uso desmedido da bebida e de mulheres, se tornando um jovem depravado e desobediente aos conselhos de sua mãe. Devido a esse estilo de vida desregrado, morreu após oito anos à frente do governo dos ostrogodos. Cf. PROCOPIUS. *Goth.* 5.2.3-7; 5. 3. 10-13.

<sup>194</sup> PROCOPIUS. *Goth.* 5. 4. 22-31

<sup>195</sup> PROCOPIUS. *Goth.* 5.11

<sup>196</sup> PROCOPIUS. *Goth.* 6. 29. 17-40

<sup>197</sup> Cf. PROCOPIUS. *Goth.* 6. 30. 2

tristeza e desapontamento”.<sup>198</sup> Por isso, podemos notar um aumento das críticas a Justiniano, Belisário e aos rumos das guerras.

De acordo com Anthony Kaldellis, em toda a *História das Guerras*, o historiador tece críticas ao imperador e ao seu governo, porém esses questionamentos aparecem de forma velada e indireta. Para o autor, não é possível que a explícita aversão de Procópio a Justiniano na *História Secreta* também não esteja presente nas *Guerras*.<sup>199</sup> Segundo Lyvia Vasconcelos e Renato Vianna Boy, apesar da liberdade restrita do historiador durante a escrita de sua narrativa, é possível encontrarmos críticas às ações de Justiniano, mas de uma forma que não se configurasse numa explícita atitude de deslealdade ao governo imperial.<sup>200</sup> Dessa forma, essas mudanças de perspectiva do historiador em relação aos empreendimentos militares de Justiniano estavam associadas a três fatores: “aos desdobramentos e extensão dos combates; ao distanciamento geográfico do historiador em relação aos fatos registrados; a um certo descontentamento com aspectos da política imperial de Justiniano e com algumas posturas do general Belisário”.<sup>201</sup>

As críticas de Procópio se tornam mais evidentes nos livros VI, VII e VIII. Ao longo de toda a narrativa o historiador escreve sobre a falta recursos dos exércitos e a defasagem de homens, pois os exércitos bárbaros, eram numerosos em comparação aos romanos, além das guerras, terem trazido inúmeros sofrimentos e outros males a população. Em um trecho retirado da *Guerra Gótica*, alguns italianos se reuniram e chegaram a Belisário para falar sobre os infortúnios a que estavam sendo submetidos. É interessante notar que é dito que eles desejavam a proteção do imperador, porém devido aos rumos das guerras e aos seus efeitos, esse desejo mostrou-se sendo a causa desses males:

General, nós não estávamos preparados para a fortuna que nos atingiu no momento presente; pelo contrário, o que aconteceu foi completamente o oposto de nossas expectativas. Pois, depois de alcançarmos o que anteriormente tínhamos colocado em nossos corações, chegamos agora ao infortúnio presente, e percebemos que nossa opinião anterior de que nós desejávamos o atencioso cuidado do imperador era apenas loucura e o começo dos maiores males. Na verdade, este curso nos levou a tais dificuldades que, no momento presente, temos tomado a coragem de usar a força mais uma vez e

---

<sup>198</sup> CAMERON, Averil. *Procopius and the Sixth Century... op. cit.*, p. 190.

<sup>199</sup> KALDELLIS, Anthony, *Procopius of Caesareia: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity...op. cit.*, p. 118.

<sup>200</sup> BOY, Renato Viana; BAPTISTA, Lyvia Vasconcelos. A construção de uma narrativa: os olhares de Procópio de Cesareia sobre as guerras de Justiniano. *Revista Teoria da História*, ano 7, n. 13, p. 138.

<sup>201</sup> *Ibidem*, p. 139.

armar-nos contra os bárbaros. E, embora possamos pedir perdão se entramos corajosamente na presença de Belisário - pois a barriga não conhece a vergonha quando ela não tem suas necessidades - nossa situação deve ser o pedido de desculpas por nossa imprudência; pois não há uma situação mais intolerável para os homens do que uma vida prolongada entre as adversidades da fortuna. E quanto à fortuna que caiu sobre nós, você não pode deixar de ver a nossa angústia. [...].<sup>202</sup>

Após a vitória dos exércitos romanos em Ravena e a queda de Vitigis, os godos tentaram reorganizar o exército e, para isso, precisavam de um novo rei. Ildibado foi o escolhido para ocupar o trono, mas conseguiu convencer os godos a oferecerem mais uma vez o título para Belisário, que recusou novamente e voltou para Constantinopla para liderar as campanhas contra os persas.<sup>203</sup> Após a morte de Ildibado, Erarico o sucedeu, porém, o seu reinado foi curto e devido a sua tentativa fracassada de trair os godos, entregando a Itália para o imperador em troca de dinheiro e do título de patricio, foi assassinado e Totila é eleito o novo rei.

Totila aproveita a ausência de Belisário para reconstruir o reino ostrogodo. Partindo de Verona, consegue reconquistar toda a Itália com exceção de Ravena. Nesta parte da narrativa, como já dissemos acima, Procópio aparenta não estar mais entusiasmado com as guerras e as ações de Justiniano, a ponto de ver atitudes heroicas em Totila, que, apesar de toda a destruição que causou quando sitiou Roma, é descrito como um grande guerreiro e rei, que não teve atitudes de um inimigo e muito menos de um bárbaro:

Agora, quando Totila capturou Nápoles, ele fez uma demonstração de bondade para com os seus cativos, o que não era esperado de um inimigo, nem de um bárbaro. Por ter encontrado os romanos doentes, devido à fome - e, de fato, suas forças corporais já haviam sido reduzidas por ela - ele temia que, se de repente se saciassem com comida, eles provavelmente se engasgariam até a morte, e assim ele planejou o seguinte plano. Colocou guardas tanto no porto como nos portões, deu ordens para que ninguém saísse da cidade. Ele próprio,

<sup>202</sup> PROCOPIUS. *Goth.* 6.3.13-19:

“Οὐ προσδεχομένους ἡμᾶς ἢ παροῦσα, ὃ στρατηγέ, κατέλαβε τύχη, ἀλλ' εἰςπᾶν ἡμῖν τούναντίον τὰ τῆς ἐλπίδος ἐκβέβηκε. τετυχηκότες γὰρ ὧν πρότερον ἐν ἐπιθυμία κατέστημεν, τανῦν ἐςτὴν παροῦσαν ξυμφορὰν ἤκομεν, καὶ περιέστηκεν ἡμῶν ἢ προλαβοῦσα δόξα τὸκαλῶς τῆς βασιλέως προμηθείας ἐφίεσθαι, νῦν ἄνοιά τε οὖσα καὶ κακῶν τῶνμεγίστων ὑπόθεσις. ἀφ' οὗ δὴ ἐς τότε ἀνάγκης ἀφίγμεθα ὥστε ἐν τῷ παρόντι ἔτι βιάζεσθαι καὶ πρὸς τοὺς βαρβάρους ὀπλίζεσθαι τετολμήκαμεν. καὶ συγγνώμη μὲν εἰ πρὸς Βελισάριον θρασυνόμεθα, γαστήρ γὰρ οὐκοῖδεν ἀποροῦσα τῶν ἀναγκαίων ἀισχύνεσθαι, ἀπολελογησθῶ δὲ ἡμῖν τῆς προπετείας ἢ τύχῃ. πάντων γὰρ εἰκότως ἀνιαρότατος εἶναι δοκεῖ μηκυνόμενος τοῖς οὐκ εὖ φερομένοις ὁ βίος. τὰ μὲν οὖν ξυμπεσόντα ἡμῖν ὄρῳς δῆπουθεν. ἀγροὶ μὲν οὗτοι καὶ χώρα ξύμπασα ὑποπέπτωκε ταῖς τῶν πολεμίωχερσίν: ἡ πόλις δὲ αὕτη τῶν ἀγαθῶν ἀποκέκλεισται πάντων οὐκ ἴσμεν ἐξ ὅτουδὲ χρόνου.”

<sup>203</sup> PROCOPIUS. *Goth.* 6.30.16-30

com uma parcimônia prudente, estava dando toda a comida a eles, mas menos do que ansiavam para encher o seu apetite, e a cada dia ele colocava uma pequena quantidade de forma que não parecesse que ele estava colocando mais. E somente depois de ter reconstruído suas forças abriu os portões e permitiu que cada homem fosse para onde quisesse.<sup>204</sup>

Após os avanços dos ostrogodos, Belisário é enviado novamente à Península Itálica. Em 546, Totila sitia Roma pela segunda vez e consegue reconquistar a cidade. Segundo Procópio, as tropas romanas não conseguiram deter os ostrogodos devido à pouca quantidade de soldados e pela falta de recursos. No ano seguinte, os romanos conseguem recuperar a cidade novamente. Mas Belisário, a pedido do imperador, volta a Constantinopla e Narses assume o comando das tropas. Os combates entre os romanos e godos continuam e após a morte de Totila, Teia assume o trono godo, porém seu governo dura poucos meses e Procópio descreve a batalha heroica em que o último rei ostrogodo foi morto:

Aqui se descreverá uma grande e notável batalha e o heroísmo de um homem que não era inferior, penso eu, a nenhum dos heróis das lendas, isto é, o que Teias mostrou na presente batalha.<sup>205</sup>

O último livro da Guerra Gótica não traz o final das campanhas contra os godos, que é descrita vinte anos mais tarde pelo historiador e poeta Agathias em sua obra *Histórias*. Acreditamos que apesar da *História das Guerras* ser uma obra que pode ser inserida junto a um projeto imperial de retomar o controle político nesses territórios que estavam sob o domínio bárbaro, uma análise mais criteriosa pode revelar diferentes caminhos interpretativos, que podem ser compreendidos como críticas às ações imperiais. Principalmente, nos últimos livros que foram escritos quando o historiador não estava mais presente com Belisário nos campos de batalha. Como já destacamos, as críticas

<sup>204</sup> PROCOPIUS. *Goth.* 7. 8.1-5:

“Ἐπειδὴ δὲ Νεάπολιν Τουτίλας εἶλε, φιλανθρωπίαν ἐς τοὺς ἠλωκότας ἐπεδείξατο οὔτε πολεμίῳ οὔτε βαρβάρῳ ἀνδρὶ πρέπουσαν. τοὺς μὲν γὰρ Ῥωμαίους λιμῶν νενοσηκότας λαβὼν, οἷς δὴ ὑπ’ αὐτοῦ καὶ ἡ τοῦ σώματος ἰσχὺς ὀπίσω ἤδη ἐκεχωρήκει, δεῖσας μὴ βρώσεως ἐκ τοῦ αἰφνιδίου ἐσκόρον ἐλθόντες, ὡς τὸ εἰκός, ἀποπνιγεῖεν, ἐπενόει τάδε. φυλακὰς ἔν τε τῷ λιμένι καὶ ταῖς πύλαις καταστησάμενος ἐκέλευε μηδένα πη ἐνθένδε ἰέναι. αὐτὸς δὲ ἅπασιν μικρολογίᾳ τινὶ προμηθεῖ ἐνδεεστέρως ἢ κατὰ τὴν ἐπιθυμίαν τὰ σιτία παρείχετο, προσεπιβάλλων ἡμέρα ἐκάστη τοσοῦτον τοῦ μέτρου ὅσον οὐ δοκεῖν αἰσθησὶν τινα τῶν ἐντιθεμένων ἐς αἰὶ γίνεσθαι. οὕτω τε αὐτοῖς ἐπιρρώσας τὴν δύναμιν καὶ τὰς πύλας ἀναπετάσας ἕκαστον ὄπη βούλοιο ἀφῆκεν ἰέναι.”

<sup>205</sup> PROCOPIUS. *Goth.* 8. 35.20:

“Ἐνταῦθά μοι μάχη τε πολλοῦ λόγου ἀξία καὶ ἀνδρὸς ἀρετὴ οὐδὲ τῶν τινὸς λεγομένων ἡρώων, οἷμαι, καταδεεστέρα γεγράφεται, ἧς δὴ ὁ Τεῖας δήλωσιν ἐντῷ παρόντι πεποίηται.”



são feitas de forma indireta e na maioria das vezes colocadas nas falas e ações de outros indivíduos, mas esses questionamentos poderiam ser as próprias críticas e opiniões pessoais de Procópio em relação a Justiniano. Portanto, a escrita de Procópio apresenta um imperador com características contraditórias, em especial nas *Guerras* e na *História Secreta*, por conta de mudanças do próprio autor na perspectiva com a qual olhava para o poder imperial de Justiniano. O que refletiu nas suas descrições sobre os líderes bárbaros, principalmente no caso dos godos, que foram retratados de forma mais positiva se compararmos com os líderes descritos dos livros anteriores, devido a essas transformações que o historiador passou durante esse longo período de combates e ao seu descontentamento com o imperador, seu governo e seus generais.

### CAPÍTULO 3 – PROCÓPIO E JUSTINIANO: UMA AVALIAÇÃO DAS AÇÕES IMPERIAIS

Segundo Michal Mass, o governo de Justiniano “marcou o período de transição entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média”.<sup>206</sup> Além da longa duração de seu reinado de 527 a 565 (ou desde 518, se considerarmos o período que atuou ao lado de seu tio, o imperador Justino I), Império Romano sofreu grandes transformações, no sentido que elementos cristãos, gregos e romanos se fundiram para criar uma nova entidade cultural que os historiadores modernos chamam de Bizâncio. Ao mesmo tempo, nas terras além das fronteiras imperiais, outros reinos também tomaram formas distintas, influenciadas em parte pelas ações de Justiniano e pelas mudanças que ele ajudou a pôr em movimento.<sup>207</sup>

O imperador nasceu por volta de 482 em uma família de camponeses na Trácia. Durante a sua juventude foi trazido para a capital do Império por seu tio Justino, que nesta época ainda era um oficial da guarda imperial<sup>208</sup>, sendo formalmente adotado por ele. Em Constantinopla teve acesso a uma rica educação e participou do processo que levou seu tio ao comando do Império. Conseguiu o título de conde em 519, logo em seguida foi elevado a mestre da Cavalaria e Infantaria da Corte e, em 551, ganhou o título honorífico de Patrício. No ano de 527 se casou com a atriz Teodora<sup>209</sup>, e o matrimônio só foi possível após a morte da imperatriz Eufêmia, que se opunha veementemente a esta união e a uma lei especial que permitisse atrizes aposentadas de se casarem com oficiais de alta patente, além da aprovação de Justino<sup>210</sup>. Teodora exerceu grande influência sobre Justiniano durante seu governo, atuando como sua conselheira. Após a morte de seu tio, ele assumiu o trono imperial.

Seu governo ficou conhecido pela grande reforma e compilação da legislação romana, pelos empreendimentos militares contra os povos bárbaros que estavam situados

---

<sup>206</sup> MASS, Michael, *op. cit.*, p. 3.

<sup>207</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>208</sup> Durante o governo do Imperador Anastácio I (491-518). *Ibidem*, p. 5.

<sup>209</sup> A imperatriz é descrita de forma bastante ambígua pelas fontes do período, Procópio de Cesareia descreve em detalhes sua carreira de atriz, dançarina e prostituta, além de ser descrita como infiel a Justiniano, adoradora de demônios e cruel. (*Arc.* 9.1 – 30); João Malalas a descreve como piedosa e bem feitora (*The Chronicle of John Malalas* 18. 24).

<sup>210</sup> Cf. CAMERON, Averil. Justin I and Justinian. In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael. *The Cambridge Ancient History Late Antiquity: Empire and Successors A.D. 425-600*. Cambridge University Press, 2008, p. 64.

nos antigos territórios romanos no Ocidente e no Oriente, pelas obras de construção e fortificação em Constantinopla e nas demais cidades do Império. De acordo com Alexandre A. Vasiliev, Justiniano tornou-se representante de dois grandes ideais: o imperial e o cristão. Considerava-se sucessor e herdeiro dos imperadores romanos, e por isso teria o direito histórico sobre os territórios ocidentais que estavam sendo governados pelos povos bárbaros. Portanto, era seu dever reconstituir as fronteiras do império como nos séculos I e II. Da mesma forma, como um imperador cristão, recebera a missão de propagar a verdadeira fé, a religião ortodoxa, entre os infiéis e de não permitir que os líderes bárbaros heréticos oprimissem a população romana.<sup>211</sup>

Nesta mesma linha de pensamento, Georg Ostrogorsky destaca que o imperador era chefe supremo do Estado e da Igreja, e por isso os territórios que haviam pertencido ao Império continuavam sendo propriedades eternas e irrevogáveis de Justiniano, mesmo sendo administrados pelos reis bárbaros.<sup>212</sup> No Império Romano a figura do *basileus* era investida de plenos poderes, ele era o representante de Cristo na terra, o “vice-rei de Deus”<sup>213</sup>, como destacou Charles Diehl,

“[...], o *basileus*, isto é, o imperador por excelência, o senhor que dispõe de autoridade absoluta. Enfim, o Cristianismo fez dele o eleito de Deus, o ungido do Senhor, o representante de Deus sobre a terra, seu lugar-tenente à frente dos exércitos, [...]”<sup>214</sup>

Após conseguir reestabelecer o seu poder nas fronteiras ocidentais, Justiniano pretendia unificar o Império Romano em torno de uma única religião, o Cristianismo ortodoxo. Dedicando todos os seus esforços para atingir esse ideal de unidade entre os seus súditos, tornando-se um assíduo protetor e chefe da Igreja, exercendo uma grande influência junto a ela e na vida eclesiástica. O imperador governava sobre o clero, definia questões dogmáticas e litúrgicas, presidia assembleias eclesiásticas, escrevia tratados teológicos e hinos religiosos.<sup>215</sup>

Além de sua política religiosa, Justiniano também propôs uma organização e reforma na legislação romana. Para isso, nomeou uma comissão com a tarefa de compilar e rever todas as leis existentes das constituições imperiais, promulgadas desde Adriano

<sup>211</sup> VASILIEV, Alexandre A. *Historia del Imperio Bizantino*. Barcelona: Iberia, 1945, p. 78.

<sup>212</sup> OSTROGOSKY, Georg, *op. cit.*, p. 83.

<sup>213</sup> Expressão utilizada por Steven Ruciman. Cf. RUNCIMAN, Steven, *op. cit.*, p. 54; 66.

<sup>214</sup> DIEHL, Charles, *op. cit.*, p. 82.

<sup>215</sup> OSTROGOSKY, Georg, *op. cit.*, p. 90.

até o seu governo, finalizando em 529 d.C. e que foi denominado de *Codex Iustinianus*. Animado por este sucesso, Justiniano foi mais longe e criou uma comissão, lideradas por Triboniano<sup>216</sup>, para codificar mais de dois mil escritos dos juristas romanos e, em apenas três anos após a publicação do *Codex*, o *Digesta* ou *Pandectae* também foi publicado. No mesmo período, foi elaborado um manual para os estudantes de direito chamado de *Institutas*. A partir de então, as obras legislativas de Justiniano se ampliaram e constituíram o *Corpus iuris civilis* ou “Corpo de direito civil”.

A atividade jurídica desse período foi intensa, principalmente sobre questões de cunho religioso. Foram promulgadas severas leis contra os pagãos, hereges, maniqueístas, samaritanos e judeus que tiveram seus direitos restringidos, bens confiscados, além de serem proibidos de lecionar e condenados ao exílio. O período também foi marcado por uma grande atividade evangelizadora, cujo objetivo era levar o Cristianismo para as fronteiras além do império. Apesar de todos os esforços do governo, as heresias continuavam sendo um grande obstáculo para a Igreja e para as pretensões políticas do imperador.

Segundo Charles Pazdernik, Justiniano utilizou-se da legislação romana para demonstrar sua concepção de poder imperial e como um meio de exercer sua autoridade sobre o secular e o sagrado, o público e o privado. Também se preocupou em preservar e recuperar alguns dos valores tradicionais romanos, porém se recusou a ser limitado por eles, reformulando-os quando fosse necessário. Dessa forma, podemos considerá-lo como um governante conservador, mas, ao mesmo tempo, reformador.<sup>217</sup> Georg Ostrogorsky, destaca que a codificação do direito dotava o Estado de uma base jurídica homogênea, regularizando suas ações e a vida pública e privada dos indivíduos. O *Corpus iuris civilis* não foi uma simples reprodução do antigo direito romano, os juristas de Justiniano o adaptaram de acordo com realidade social e política do período, além de ajustá-lo às normas impostas pelo Cristianismo.<sup>218</sup>

Dessa forma, Justiniano exerceu um poder absoluto sobre o Império e os seus súditos. Porém, apesar de seus sucessos militares e da sua intensa atividade evangelizadora, não conseguiu a unificação religiosa que tanto desejava. Da mesma forma, seus empreendimentos militares e suas obras de reconstrução e restauração, não

---

<sup>216</sup>Triboniano foi um jurista, questor e conselheiro do imperador. Cf: PROCOPIUS. *Pers.* I.24.13-17.

<sup>217</sup> PAZDERNIK, Charles. Justinianic Ideology and the Power of the Past. In: MASS, Michael. *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 186-187

<sup>218</sup> OSTROGORSKY, Georg, *op. cit.*, p. 89.

se efetivaram sem consequências. Foram necessários muitos recursos financeiros e materiais. Ao final de seu governo, o imperador deixou para os seus sucessores, um império completamente arruinado economicamente.<sup>219</sup>

Este capítulo tem como objetivo analisar a imagem criada por Procópio de Cesareia de Justiniano. Para tanto, vamos examinar suas descrições sobre o imperador e suas ações políticas, militares e religiosas na obra *História das Guerras*. Como vimos nos capítulos anteriores, a escrita de Procópio apresenta um imperador com características contraditórias, em especial nas *Guerras* e na *História Secreta*, por conta de mudanças do próprio autor na perspectiva com a qual compreendia o poder imperial de Justiniano. Também vamos examinar as descrições dos generais Belisário e Narses, do prefeito pretoriano João da Capadócia e do jurista Triboniano, pois através desses personagens, o autor evidenciou aspectos do governo e sobre o próprio imperador. Desse modo, procuramos analisar qual o papel desempenhado por esses personagens na construção da imagem de Justiniano e como através destes retratos Procópio demonstrou o que é ser um bom ou um mau imperador.

---

<sup>219</sup> TAKACS, Sarlota A., *op. cit.*, p. 127.

### 3.1 – A construção da imagem do imperador Justiniano na *História da Guerras*

Como vimos, o reinado de Justiniano marcou profundamente o Império Romano no século VI. Seus empreendimentos militares, construções de fortificações e restauração, reformas legislativas e sua política religiosa, trouxeram grandes êxitos, mas também muitos custos que sobrecarregaram a população romana. Essas ambiguidades de seu reinado aparecem nas fontes sobre o período. A obra de Procópio é um grande exemplo, pois se considerarmos os três trabalhos do historiador, temos em cada um deles, um retrato diferente do imperador. Propomos nessa sessão examinar a construção da imagem de Justiniano pelo historiador bizantino na *História das Guerras*, e veremos que suas descrições vão se tornando mais críticas ao longo da narrativa, assim como ocorreu com Belisário e os oficiais que atuavam junto ao imperador na administração do Império. Vamos utilizar também a *História Secreta*, pois nessa obra o historiador faz vários paralelos entre Justiniano e Chosroes, o que pode demonstrar que, assim como o rei persa, o imperador não possuía um comportamento virtuoso. Além disso, ele também é comparado a Domiciano, que é caracterizado pelas fontes antigas como um tirano. Veremos que através dos topoi utilizados nas caracterizações dos personagens e dos estereótipos retóricos, o autor conseguiu mostrar modelos que deveriam ser emulados ou rejeitados, demonstrando valores morais importantes para a sociedade romana.

A *História das Guerras* é uma narrativa focada nos eventos militares, que contém as descrições das batalhas, discursos, causas e digressões etnográficas, porém não é uma história sobre o período ou do governo de Justiniano. Por isso, o autor deixou pouco espaço para tratar sobre outros assuntos ou eventos políticos em Constantinopla. Somos informados sobre a Peste e da Revolta de Nika, porém os outros acontecimentos do período são omitidos ou descritos superficialmente. Da mesma forma, Procópio não se preocupou em fazer uma análise das ações e das políticas imperiais que ele critica, nem questiona os objetivos das campanhas militares, mas demonstra ser contra a maneira que foi empreendida.

Ao longo da obra, Procópio escreve sobre as ações de Justiniano com Belisário, suas tropas e as relações que o Império mantinha com outros povos. O imperador é apresentado como um grande governante, que teria como uma de suas metas a recuperação da grandiosidade romana, disposto a fazer acordos de paz, defensor da Igreja e da população romana que estava sob o domínio de povos heréticos. É importante

lembramos que, devido ao seu posto de conselheiro do general bizantino, suas narrativas aparecem inseridas junto aos propósitos imperiais de Justiniano. Na citação abaixo, ele é elogiado por Procópio que o compara a Alexandre, o Grande, e a Ciro, o rei da Pérsia:

E, no entanto, estavam fazendo acusações contra Justiniano que seriam, naturalmente, elogios para um monarca digno, ou seja, que ele estava se esforçando para tornar seu reino maior e muito mais esplêndido. Pois estas acusações poderiam ser feitas também contra Ciro, o Rei dos Persas, e Alexandre, o Macedônio.<sup>220</sup>

Apesar dos elogios ao imperador e aos seus empreendimentos políticos e religiosos, uma análise mais criteriosa pode revelar diferentes caminhos interpretativos, que podem ser compreendidos como críticas às ações imperiais. Principalmente, nos últimos livros que foram escritos quando o historiador não estava mais presente com Belisário nos campos de batalha. Como já destacamos, as críticas são feitas de forma indireta e na maioria das vezes colocadas nas falas e ações de outros indivíduos, mas esses questionamentos poderiam ser as próprias críticas e opiniões pessoais de Procópio em relação a Justiniano. Na passagem abaixo, o rei ostrogodo Vitiges, envia um embaixador à Pérsia para tentar convencer Chosroes a entrar em guerra novamente contra o Império Bizantino:

Pois, sendo por natureza, inovador e ambicioso de tudo não pertence a ele [Justiniano], incapaz de cumprir o que está estabelecido, desejou assumir toda a terra, e tem se esforçado para trazer cada reino para o seu poder.<sup>221</sup>

Da mesma forma que Chosroes, o imperador é criticado por seu desejo por inovações, ganância e por não cumprir o que está estabelecido; ao fazer isso, por mais que essas opiniões estejam na fala de outro personagem, elas indicam as semelhanças de comportamento entre os dois monarcas. Outro ponto comum entre eles, destacado pelo autor, é a associação entre a submissão de outras populações ou de seus próprios súditos à escravidão<sup>222</sup>. Em várias passagens, Procópio escreve sobre o temor dessas populações

<sup>220</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 2.2.14-15:

“καίτοι τοιαῦτα Ἰουστινιανῶ ἐπεκάλουν ἐγκλήματα, ἅπερ ἂν εἰκότως βασιλεῖ γενναίῳ ἐγκώμια εἶη, ὅτι δὴ τὴν βασιλείαν τὴν αὐτοῦ μείζω τε ποιήσασκε καὶ πολλῶ ἐπιφανεστέραν ἐν σπουδῇ ἔχει. ταῦτα γὰρ καὶ Κύρω ἂν τις ἐπενέγοι τῶ Περσῶν βασιλεῖ καὶ Ἀλεξάνδρῳ τῶ Μακεδόνι.”

<sup>221</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 2.2.6:

“ὁ μὲν γὰρ νεωτεροποιός τε ὢν φύσει καὶ τῶν οὐδ' ὀπωστιοῦν αὐτῶν προσηκόντων ἐρῶν, μένειν τε οὐ δυνάμενος ἐν τοῖς καθεστῶσι, γῆν μὲν ἅπασαν ξυλλαβεῖν ἐπεθύμησεν, ἐκάστην δὲ ἀρχὴν περιβαλέσθαι ἐν σπουδῇ ἔσχεν.”

<sup>222</sup> Cf. PROCOPIUS. *Pers.* 2.3.39; *Goth.* 8.9.10; *Goth.* 6.30.11; *Pers.* 2.2.9

em se renderem ou se aliarem a Justiniano e perderem sua liberdade e suas terras. No trecho abaixo, durante a guerra gótica, os ostrogodos insatisfeitos com o governo de Vitiges, queriam que Belisário assumisse o poder na Itália pois não estavam dispostos a saírem de seu reino e nem de serem escravos do imperador:

[...]. Mas os godos, pressionados pela fome e incapazes de suportar seu sofrimento, encontram-se em estado de suspense; pois estavam insatisfeitos com o governo de Vitigis, que tinha sido extremamente infeliz, ainda estavam relutantes em ceder ao imperador temendo apenas isso, que ao tornarem-se escravos do imperador seriam obrigados a retirar da Itália e ir a Bizâncio e ali se estabelecer.<sup>223</sup>

Em outra passagem, Pharas um oficial bárbaro a serviço de Belisário tenta convencer o rei vândalo Gelimer, durante o cerco romano no Norte da África, que era melhor ser escravo de Justiniano, como ele e Belisário, do que ser livre e governar sobre os vândalos e mouros:

O que lhe aconteceu, meu querido Gelimer, para que você tenha lançado, não só a si mesmo, mas a toda a sua família, para dentro deste abismo? Será que você ainda pode evitar de se transformar em um escravo? Mas isso não é mais que uma loucura juvenil, em fazer da "liberdade" uma mera palavra, como se valesse a pena possuí-la ao preço de toda essa miséria! E, afinal de contas, você não se considera, neste momento, um escravo, dos mais miseráveis, dos mouros, uma vez que sua única esperança de ser salvo, está no que acontecerá a eles. Não seria melhor, de todos os modos, ser um escravo entre os romanos e indigentes, do que ser monarca no Monte Papua tendo os mouros como seus súditos? Mas, é claro, que para você a maior desgraça é ter como companheiro escravo Belisário!<sup>224</sup>

Segundo Anthony Kaldellis, na *História das Guerras* e na *História Secreta*, Procópio tenta mostrar que o comportamento de Justiniano era similar ao de um governante persa, neste caso, ao de Chosroes. De acordo com o autor, “o despotismo oriental, tal como foi conceitualizado pelos autores clássicos, exaltava os monarcas a um

<sup>223</sup> PROCOPIUS. *Goth.* 6. 29.17:

[...]. Γότθοι δὲ τῶ λυμῶπιεζόμενοι οὐκέτι τε ἀντέχειν τῇ ταλαιπωρίᾳ δυνάμενοι Οὐιττίγιδος μὲν τῆ ἀρχῇ ἤχθοντο ἄτε ὡς μάλιστα δεδυστυχηκότος, βασιλεῖ δὲ προσχωρεῖν ὄκνουν, δεδιότες ἄλλο μὲν οὐδέν, ὅπως δὲ μὴ δοῦλοι βασιλέως γενόμενοι ἐκ τῆ Ἰταλίας ἀνίστασθαι ἀναγκάζονται καὶ ἐς Βυζάντιον ἰόντες ἐνταῦθα ἰδρύσεσθαι.

<sup>224</sup> PROCOPIUS. *Vand.* 4.6.18-21:

“πάντως γὰρ ζῆ” καὶ νεανιεύεσθαι τοῦτο οἶμαι, καὶ τὴν ἐλευθερίαν προῖσχεσθαι, ὡς δὴ ἅπαντα ταύτης τὰ μοχθηρὰ ἀνταλλάσσεσθαι ἄξιον. εἴτα νῦν Μαυρουσίῳ τοῖς γε ἀτυχεστάτοις οὐκ οἶει δουλεύειν, ὃς τὴν ἐλπίδα τοῦ σώζεσθαι, ἣν τὰ κράτιστα φέρη, ἐπ’ αὐτοῖς ἔχεις; καίτοι πῶς ἂν οὐχὶ τῶ παντ ἄμεινον εἶη δουλεύειν ἐν Ῥωμαίοις πτωχεύοντα;” τυραννεῖν ἐν Παπούᾳ τε καὶ Μαυρουσίῳ; πάντως δὲ σοὶ καὶ τὸ ξυνοδούῳ Βελισαρίῳ εἶνα ὑπερβολὴ τις ὕβρεως φαίνεται.”



nível quase divino e reduzia os seus súditos ao status, simbólico – ou real – dos escravos”<sup>225</sup>. Sendo, o rei persa, soberano de uma nação de escravos. Portanto, ao associar o comportamento de Justiniano ao de Chosroes, Procópio buscava demonstrar que o imperador também regia uma população de escravos. Pois a diferença entre os seus súditos, se dava pela forma a qual foram submetidos a sua autoridade, mas eram todos, bárbaros ou não, seus escravos.<sup>226</sup> Dessa forma, “enquanto o imperador se vangloriava de ter libertado o mundo romano da escravidão bárbara, seu historiador permitiu que todas as nações expressassem seu ódio a escravidão a que foram impostas”<sup>227</sup>.

Charles Pazdernik analisa como algumas expressões distintivas moldaram a narrativa de Procópio e como o historiador representou Justiniano como um “grande rei”. De acordo com o autor, Procópio utiliza o termo *basileus ho megas* em algumas passagens para se referir ao imperador<sup>228</sup> com o objetivo mostrar o seu poder e lugar insuperável perante os seus súditos e diante de outras populações. Da mesma forma, ao fazer uso da expressão “imperador mais poderoso” (*ὁ κράτιστε βασιλεῦ*), que aparece na narrativa associada a Chosroes<sup>229</sup>, Procópio tenta para fazer uma aproximação entre os dois monarcas.<sup>230</sup> Ainda segundo Pazdernik, no triunfo celebrado por Belisário em Constantinopla, após a vitória sobre o reino vândalo, vemos o alcance do poder de Justiniano. Pois, não só Gelimer é obrigado a prestar reverências e se submeter ao imperador, mas também o seu general:

Quando [Gelimer] se aproximou do local [no hipódromo] onde estava o imperador, eles tiraram o seu manto púrpura e o obrigaram a cair de bruços no chão e fazer reverência ao imperador Justiniano. Belisário também fez isso, por ser um suplicante do imperador junto com ele.<sup>231</sup>

Apesar da *História Secreta* ser uma obra que gerou inúmeros questionamentos por parte dos estudiosos do período, devido ao teor de seu conteúdo e as suas descrições

---

<sup>225</sup> KALDELLIS, Anthony, *Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity...op. cit.*, p. 128.

<sup>226</sup> *Ibidem*, p. 130-133.

<sup>227</sup> *Ibidem*, p. 133.

<sup>228</sup> PROCOPIUS. *History of the Wars*. 2.16.9; 4.11.3; 4.5.12-16; 6.25.22; 7. 11.8; 8.30.2. Cf. PAZDERNIK, Charles F. “The Great Emperor”: A Motif in Procopius of Caesarea’s *Wars*. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, n. 57, 2017, p. 224.

<sup>229</sup> PROCOPIUS. *Pers*. 2.3.47; 2.11.29; 2.26.33; 2.15.15. Cf. *Ibidem*, p. 218.

<sup>230</sup> *Ibidem*, p. 214-218.

<sup>231</sup> PROCOPIUS. *Vand*. 4.9.12:

“ἀφικόμενον δὲ αὐτὸν κατὰ τὸ βασιλέως βῆμα τὴν πορφυρίδα περιελόντες, πρηνῆ πεσόντα προσκυνεῖν Ἰουστινιανὸν βασιλέα κατηνάγκασαν. τοῦτο δὲ καὶ Βελισάριος ἐποίει ἅτε ἰκέτης βασιλέως σὺν αὐτῷ γεγονώς.”

escandalosas de seus personagens, uma leitura mais atenta da obra mostra que ela traz informações complementares dos eventos descritos nas *Guerras*. Ao compararmos as duas narrativas, vemos que o historiador aproxima o comportamento de Justiniano ao de um bárbaro, como ele mesmo ressalta: “Em primeiro lugar, não tinha nenhuma qualidade que era apropriada à dignidade imperial, mas também não se importava em ajudar a preservá-las de modo a que ele se comportava como um bárbaro na sua maneira de falar, de se vestir e de pensar”<sup>232</sup>. Outra comparação interessante na *História Secreta* é sobre a similaridade entre a aparência de Justiniano a de Domiciano:

Para descrever de forma concisa a sua aparência [de Justiniano]: era idêntico em quase todos os traços a Domiciano, o filho de Vespasiano, em que a maldade afetou a tal ponto os romanos que nem depois de desmembrá-lo completamente acalmou a raiva que sentiam em relação a ele, de modo que o Senado aprovou um decreto que o nome do imperador não poderia ser lembrado por escrito nem qualquer imagem sua poderia ser mantida. Assim, apenas este nome, entre todos os outros, aparece apagado com cinzel em todas as inscrições de Roma e de outros lugares que possa ter sido escrito e não parece haver nenhuma estátua dele em qualquer parte do Império Romano, a menos uma estátua de bronze pelo seguinte motivo. [...].<sup>233</sup>

Domiciano é um exemplo de imperador vicioso, que tradicionalmente é considerado pela historiografia como um tirano<sup>234</sup>. Após a sua morte o senado emitiu um *damnatio memoriae*, em que o seu nome foi eliminado de todos os registros públicos e suas estátuas e obras destruídas. Ao fazer essa comparação, Procópio queria demonstrar como o caráter de Justiniano se assemelhava ao de um tirano. Dessa forma, como já destacamos, os topoi de caracterização de personagens e estereótipos retóricos revelam modelos de ideais condutas que deveriam ser emulados ou rejeitados, demonstrando valores morais importantes da sociedade romana. Portanto, nas *Guerras* já podemos ver

<sup>232</sup>PROCOPIUS. *Arc.* 14.2:

“πρῶτα μὲν γὰρ οὐδὲν ἐς βασιλικὸν ἀξίωμα ἐπιτηδείως ἔχον οὔτε αὐτὸς εἶχεν οὔτε ξυμφυλάσσειν ἡξίου, ἀλλὰ τὴν τε γλῶτταν καὶ τὸ σχῆμα καὶ τὴν διάνοιαν ἐβαρβάριζεν.”

<sup>233</sup>PROCOPIUS. *Arc.* 8.12.13-15:

“ὅπως δὲ ἅπαν αὐτοῦ τὸ εἶδος συλλήβδην σημήνω, Δομετιανῶ τῷ Οὐεσπασιανοῦ παιδί ἐκ τοῦ ἐπὶ πλεῖστον ἐμπερέστερος ἦν, οὐπὲρ Ῥωμαῖοι τῆς κακοτροπίας ἐς τοσόνδε ἀπάναντο ὥστε οὐδὲ κρεουργήσαντες ὅλον ἐκλῦσαι τὴν ἐς αὐτὸν ὀργὴν ἔγνωσαν, ἀλλὰ δόγμα ἐγεγόνει τῆς συγκλήτου βουλευσῆς ἡ δὲ ὄνομα τοῦ βασιλέως τούτου ἐν γράμμασιν εἶναι μὴ εἰκόνα ἠντιναοῦναυτοῦ διασώζεσθαι. τό τε γοῦν ὄνομα τοῦτο πανταχόσε ἐπὶ τῶν τῆς Ῥώμης γραμμάτων καὶ εἶπου ἄλλη τοῦτο γεγράφθαι ξυνέβη ἐκκεκολαμμένον ἰδεῖν μεταξὺ τῶν ἄλλων πάρεστι μόνον, καὶ τις αὐτοῦ εἰκὼν οὐδαμῆ φαίνεται οὔσα τῆς Ῥωμαίων ἀρχῆς, ὅτι μὴ χαλκῆ ἢ μία ἐξ αἰτίας τοιαύτης.”

<sup>234</sup>JONES, Brian W. *The Emperor Domitian*. New York: Routledge, 1992, p. vii.

um posicionamento crítico de Procópio sobre o imperador, mas, ao lermos em conjunto essas duas obras, vemos que o historiador também considerava Justiniano um mau governante, não tendo ações e comportamento ideais ao seu cargo. Além disso, alguns personagens que são próximos ao imperador e que exerciam importantes cargos em Constantinopla, também foram duramente criticados pelo historiador, como foi o caso de João da Capadócia e Triboniano. Ao longo da obra, Procópio nos informa sobre suas ações ilegais e corruptas, mas principalmente sobre as falhas de Justiniano em aplicar as devidas punições e afastá-los de seus cargos.

João da Capadócia nasceu em Cesareia, por volta de 500, proveniente de uma família humilde, chamou a atenção do imperador em 520, quando exercia o cargo de *magister militarium praesentalis*.<sup>235</sup> Em 530, conseguiu o cargo de prefeito pretoriano, ficando responsável pela coleta e aumento dos impostos, manutenção dos exércitos, além de administrar os governos provinciais. Iniciou um programa de reformas, que pretendia reformular o sistema de recolhimento de impostos, e, por ser responsável pela arrecadação imperial, foi essencial para a execução das campanhas militares no Ocidente e na Pérsia. Essas reformas foram extremamente impopulares entre a população de Constantinopla, que já estava sobrecarregada devido aos altos custos das guerras e dos projetos de construção e restauração.<sup>236</sup> Triboniano foi um jurista e questor em Bizâncio, da mesma forma que João da Capadócia, e por possuir um importante cargo junto a Justiniano, conseguiu a sua proteção. Foi um dos principais responsáveis pela organização e compilação do *Corpus iuris civilis*. De acordo com Procópio:

O prefeito pretoriano naquele tempo era João da Capadócia, e Triboniano, [...], era conselheiro do imperador; cargo que era conhecido pelos romanos como "questor". Um desses dois homens, João, [...]por sua habilidade natural havia se tornado o homem mais poderoso que conhecemos. Era também o mais capacitado para decidir o que é certo e encontrar a solução para os problemas. Mas se tornou o homem mais perverso de todos, nem consideração por Deus, nem qualquer vergonha entrou em sua mente, mas destruir as vidas de muitos homens por ganância e cidades inteiras era sua constante preocupação. Então, dentro de um curto espaço de tempo, adquiriu vastas somas de dinheiro, e ele atirou-se completamente na vida sórdida de bêbado; até a hora do almoço todos os dias ele pilhava a propriedade de seus súditos, e no resto do dia ocupava-se com a bebida e com atos de luxúria. E ele era totalmente incapaz de controlar a si mesmo, ele comia exageradamente até vomitar, e ele estava sempre pronto para roubar dinheiro e mais

<sup>235</sup> KAZHDAN, Alexander P, *op. cit.*, p. 1063.

<sup>236</sup> BARKER, Jonh W. *Justinian and the Late Empire*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1966, p. 73-74.

pronto para gastar. Esse era João, Triboniano, por outro lado, possuía a habilidade natural e seu nível educacional não era inferior a nenhum dos seus contemporâneos; mas ele era extraordinariamente apaixonado pela busca de dinheiro e sempre pronto para vender justiça para ganho próprio; portanto, todos os dias, como regra, ele revogava algumas leis e propunha outras, [...].<sup>237</sup>

As opiniões do historiador sobre João<sup>238</sup> e Triboniano parecem ter sido partilhadas pela população, pois, durante a revolta de Nika, uma das reivindicações dos manifestantes era a demissão do prefeito pretoriano e do questor. De acordo com Alexandre A. Vasiliev, as facções, verdes e azuis<sup>239</sup>, se transformaram em partidos políticos com determinadas tendências políticas, sociais e religiosas.<sup>240</sup> No hipódromo, “a voz da multidão passou a ser uma espécie de opinião pública e a voz da nação”<sup>241</sup> e, em certos momentos, “ditou ordens ao governo”<sup>242</sup>. Desse modo, a Revolta de Nika, assim como também foi destacado por Warren Treadgold, mostrou que Justiniano e suas ações não foram populares.<sup>243</sup> Apesar do imperador do ter atendido o pedido dos manifestantes, após a supressão da revolta, eles foram readmitidos nos seus antigos cargos:

Triboniano e João foram, assim, privados de seus cargos, mas depois ambos foram designados para as mesmas posições. E Triboniano viveu

<sup>237</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 1.24.11-16:

“Τότε τῆς μὲν αὐλῆς ἑπαρχὸς Ἰωάννης ἦν ὁ Καππαδόκης, Τριβουνιανὸς δὲ, Πάμφυλος γένος, βασιλεῖ πάρεδρος· κοιαίστωρα τοῦτον καλοῦσι Ῥωμαῖοι. τοῦτον ἄτερος, Ἰωάννης, λόγων μὲν τῶν ἐλευθερίων καὶ παιδείας ἀνήκοος ἦν. οὐ γὰρ ἄλλο οὐδὲν ἐς γραμματιστοῦ φοιτῶν ἔμαθεν, ὅτι μὴ γράμματα, καὶ ταῦτα κακὰ κακῶς γράψαι: φύσεως δὲ ἰσχυρὴ πάντων γέγονε δυνατώτατος ὧν ἡμεῖς ἴσμεν. γινῶναι τε γὰρ τὰ δέοντα ἰκανώτατος ἦν καὶ λύσιν τοῖς ἀπόροις εὐρεῖν. πονηρότατος δὲ γεγονὼς ἀνθρώπων ἀπάντων τῆ τῆς φύσεως δυνάμει ἐς τοῦτο ἐχρήτο, καὶ οὔτε θεοῦ λόγος οὔτε ἀνθρώπων αὐτὸν αἰδῶς τις ἐσήει, ἀλλὰ βίους τε αὐτῶ ἀνθρώπων πολλῶν ἀπολλύναι κέρδους ἕνεκα καὶ πόλεις ὅλας καθελεῖν ἐπιμελὲς ἦν. χρόνου γοῦν ὀλίγου χρήματα μεγάλα περιβαλόμενος, ἐς κραιπάλην τινα ἐκλελάτικεν ὄρον οὐκ ἔχουσαν, ἄχρι μὲν ἐς τὸν τοῦ ἀρίστου καιρὸν ληιζόμενος τὰς τῶν ὑπηκόων οὐσίας, μέθη δὲ τὸ λοιπὸν καὶ σώματος ἔργοις ἀσελγέσιν ἠσχολημένος· κατέχειν δὲ ἑαυτὸν οὐδαμῆ ἴσχυεν, ἀλλὰ τὰ τε βρώματα μέχρι ἐς τὸν ἔμετον ἤσθιε καὶ τὰ χρήματα κλέπτειν μὲν ἦν ἐς αἰεὶ ἔτοιμος, προῖεσθαι δὲ καὶ δαπανᾶν ἑτοιμότερος. Ἰωάννης μὲν οὖν τοιοῦτός τις ἦν. Τριβουνιανὸς δὲ φύσεως μὲν δυνάμει ἐχρήτο καὶ παιδείας ἐς ἄκρον ἀφίκετο τῶν κατ’ αὐτὸν οὐδενὸς ἤσσον, ἐς δὲ φιλοχρηματίαν δαιμονίως ἐσπουδακῶς οἶός τε ἦν κέρδους αἰεὶ τὸ δίκαιον ἀποδίδοσθαι, τῶν τε νόμων ἡμέρα ἐκ τοῦ ἐπὶ πλεῖστον ἐκάστη τοὺς μὲν ἀνήρει, τοὺς δὲ ἔγραφεν, ἀπεμπολῶν τοῖς δεομένοις κατὰ τὴν χρεῖαν ἐκάτερον.”

<sup>238</sup> O prefeito pretoriano também obteve a inimizade da imperatriz Teodora. Procópio escreve sobre um plano arquitetado por ela junto com Antonina, a esposa de Belisário e Narces, que pretendia retirá-lo de seu cargo e o afastar de Justiniano. Cf. PROCOPIUS. *Pers.* 1.24.4-6; 1.25

<sup>239</sup> De acordo com Willibaldo Ruppenthal Neto, no Império Romano um dos jogos de maior prestígio foi a corrida de bigas, realizadas no Circo. Inicialmente essas corridas se diferenciavam pelas cores de seus uniformes, branco ou vermelho. Com o crescimento do prestígio dessas corridas, acabaram-se acrescentando mais duas cores, a verde e a azul. Além de levar também aumentar participação popular nas torcidas. NETO, Willibaldo Ruppenthal. *Plêthos*, vol. 2, 2012, p. 74.

<sup>240</sup> VASILIEV, Alexandre A, *op. cit.*, p. 89-90.

<sup>241</sup> *Ibidem*, p. 89.

<sup>242</sup> *Ibidem*, p. 90.

<sup>243</sup> TREADGOLD, Warren. *A history of the Byzantine State and Society*. California: Stanford University Press, 1997, p. 181-182.

exercendo o cargo por muitos anos e morreu de doença, não sofrendo nenhum mal. Para ele era um companheiro bom e agradável em todos os sentidos e bem capaz pela excelência de seu ensino para jogar para com a sombra da sua avareza. Mas João era opressivo e severo com todos os homens, infligindo golpes sobre aqueles a quem ele conheceu e saqueando sem respeito nenhum todo o seu dinheiro.<sup>244</sup>

Dessa forma, a *História das Guerras* apesar de aparentemente ser uma obra que se posiciona a favor das ações imperiais, através da análise das críticas feitas dos outros personagens e nas descrições do comportamento do imperador com os seus súditos, o historiador pode demonstrar suas opiniões contrárias sobre o governo e Justiniano. Também acreditamos que esse posicionamento foi influenciado pela sua desilusão com os resultados as campanhas militares e com o general Belisário, como foi destacado por Averil Cameron.

### 3.2 – Os generais Belisário e Narses: uma avaliação das ações imperiais

O personagem principal da *História das Guerras* é o general Belisário e suas conquistas e derrotas a frente dos exércitos imperiais durante os empreendimentos militares de Justiniano na Pérsia, Norte da África e na Itália. Procópio foi nomeado seu conselheiro em 527 e, devido ao seu cargo junto ao general, pode acompanhar e testemunhar os eventos que descreveu em suas obras. Belisário é descrito como um grande comandante militar, defensor e leal súdito de Justiniano, somente após o desenrolar dos combates e as crescentes desilusões com os rumos das guerras, que essa imagem positiva foi se deteriorando. Outro personagem que possui grande destaque nas *Guerras* é o general Narses, porém, devido à sua rivalidade com Belisário, ele aparece nas narrativas de uma forma mais negativa. Nessa sessão vamos examinar como Procópio descreveu as relações entre Justiniano e seus dois principais comandantes militares. Por meio dessa análise podemos perceber alguns aspectos fundamentais que moldaram a imagem criada pelo historiador sobre o imperador e seu governo.

<sup>244</sup> PROCOPIUS. *Pers.*1.25.1-4:

“Τριβουνιανὸς δὲ καὶ Ἰωάννης τῆς τιμῆς οὕτω παραλυθέντες χρόνῳ ὕστερον ἐξάρχας τὰς αὐτὰς κατέστησαν ἄμφω. ἀλλὰ Τριβουνιανὸς μὲν ἔτη πολλὰ ἐπιβιούς τῇ τιμῇ ἐτελεύτησε νόσῳ, ἀλλοοῦδὲν ἄχαρι πρὸς οὐδενὸς παθὼν. ἦν γὰρ αἰμύλος τε καὶ τᾶλλα ἠδύς καὶ τῆς φιλοχρηματίας τὸ νόσημα ἐπισκιάσαι ἰκανώτατος τῆς παιδείας περιουσία. Ἰωάννης δὲ ἅσι γὰρ ἀνθρώποις βαρὺς τε ὁμοίως καὶ χαλεπὸς ἦν, πληγάζετε τοῖς προσπίπτουσιν ἐντεινόμενος καὶ τὰ χρήματα ἀπαξάπαντα λόγῳ οὐδενιλιζόμενος ἑξήκοντος ἔτος τὴν ἀρχὴν ἔχων τὴν δίκην ὀρθῶς καὶ δικαίως τῆς ἐστὴν δαίταν παρανομίας ἐξέτισε τρόπῳ τοιαύτῳ.”

Belisário nasceu por volta de 505 na Germânia, nas fronteiras da Trácia e da Ilíria.<sup>245</sup> Temos poucas informações sobre a sua família e origem, provavelmente era oriundo de uma família aristocrata de proprietários de terras<sup>246</sup>. Começou cedo sua carreira militar, atuando como um dos oficiais de Justiniano<sup>247</sup>, que ocupava o cargo de Mestre da Cavalaria e Infantaria da Corte durante o reinado de Justino. Com a ascensão de Justiniano, foi nomeado comandante dos exércitos romanos<sup>248</sup>. Na *História das Guerras*, a relação entre o general e o imperador foi tumultuada. Belisário se consagrou como um grande comandante, obtendo o favorecimento imperial, porém foi vítima de várias conspirações, que geraram suspeitas de deslealdade em Justiniano. Durante os confrontos na Itália, o general foi chamado a Constantinopla e Narses ficou no comando das tropas e conseguiu derrotar os godos. Veremos que, ao longo da narrativa, as descrições de Procópio sobre Belisário e o imperador tornaram-se cada vez mais críticas, e o historiador nos informa sobre as dificuldades dos combates, faltas de recursos, sobre a inveja que tinha Justiniano do general e as intrigas de outros membros das tropas imperiais.

Na *Guerra Persa*, ao contrário da *Guerra Vândala* e da *Gótica*, não são descritas grandes vitórias dos exércitos romanos, apesar de Belisário ser apresentado como um herói, as narrativas têm como foco a personalidade de Chosroes e os eventos em Constantinopla, como a Revolta de Nika e a Peste. De acordo com Anthony Kaldellis, estes livros trazem os relatos das derrotas bizantinas e da incapacidade de Justiniano em defender os seus súditos. Principalmente no segundo livro, ao escrever sobre o comportamento de João da Capadócia, Triboniano e as falhas do imperador em punir os erros de seus funcionários. Para Kaldellis, o historiador esperava que o leitor pudesse deduzir, através dessas críticas, que tipo de governante era Justiniano.<sup>249</sup> Segundo Averil Cameron, a falta de grandes vitórias sobre os persas possibilitou que Procópio inserisse outros eventos nas narrativas, apesar de não estarem diretamente ligados aos combates.

---

<sup>245</sup> KAZHDAN, Alexander P. *The Oxford Dictionary of Byzantium*. Oxford: University Press, 1991, p.279.

<sup>246</sup> BROWNING, Robert, *op. cit.*, p.44.

<sup>247</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 1.12.20-22:

“E os romanos, sob o comando de Sitas e Belisário, fizeram uma incursão à Persamenia, um território dominado pelos Persas, e saquearam uma extensa área e regressaram com um grande número de prisioneiros armênios. Estes dois homens eram jovens e usavam a sua primeira barba, e eram da guarda pessoal de Justiniano, que depois compartilhou o Império com seu tio Justino. [...]”

<sup>248</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 1.13.9:

“Depois disso, o Imperador Justiniano nomeou Belisário como General do Oriente e o mandou para uma expedição contra os Persas.”

<sup>249</sup> KALDELLIS, Antony. *Procopius' Persian War: a thematic and literary analysis ... op. cit.*, p. 257-260.

Para a autora, Procópio limita-se a narrar parte dos eventos, enfatizando com otimismo a personalidade de Belisário, também para não evidenciar as falhas romanas.<sup>250</sup>

Lyvia Vasconcelos Baptista destaca que Procópio faz o uso de uma “amplificação temática” para mostrar a importância dos eventos narrados através de referências diretas à sua grandeza ou por passagens que poderiam demonstrar a mesma ideia. Dessa forma, podemos ver o uso dessa amplificação temática pela valorização dos eventos e ações de personagens individualizados, que seriam “lembrados por suas características pontuais e impressionantes”<sup>251</sup>. Como foi o caso de Belisário que é descrito de uma maneira bastante positiva no primeiro livro da obra:

Aos olhos de todos os outros, era um homem honrado e distinto, como era natural, somente João era hostil e trabalhou ativamente contra ele, por nenhuma outra razão que ele atraia o ódio de todos para si mesmo, enquanto Belisário disfrutava de uma popularidade inigualável. E foi sobre ele que a esperança dos romanos se centraram, quando ele marchou, mais uma vez contra os persas, deixando sua esposa em Bizâncio.<sup>252</sup>

A descrição positiva de Belisário também foi destacada por James Allan Stewart Evans. De acordo o autor, no primeiro livro o general é caracterizado como um herói e mesmo a falta de vitórias não tirou o entusiasmo do historiador sobre seus feitos. Já no segundo livro, principalmente após o saque de Antioquia, a narrativa se torna mais crítica as ações do general e Justiniano.<sup>253</sup> Na seguinte passagem, Chosroes pretendia invadir e saquear a região da Palestina e depois seguir para Jerusalém. Ao saber das pretensões do rei persa, o imperador envia Belisário e suas tropas para impedir o avanço dos inimigos. Porém, Chosroes foge e desiste de seus planos. Segundo Procópio, esta fuga pode ter sido motivada pelo medo que sentia do general:

E os romanos faziam grandes elogios a Belisário e consideravam que através deste feito, havia conseguido conquistar ainda mais glórias, do que quando levou Gelimer e Vitigis a Bizâncio. Pois, na realidade, foi uma conquista de grande importância e merecedora de grande louvor,

<sup>250</sup> CAMERON, Averil. *Procopius and the sixth century...* op. cit., p. 152.

<sup>251</sup> BAPTISTA, Lyvia Vasconcelos. *O logos da Guerra Pérsica: Uma análise da perspectiva histórica da obra de Procópio de Cesareia (VI.D.C)*. Tese de doutorado, UFRGS: Porto Alegre, 2013, p. 80-87.

<sup>252</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 1.25.12:

“καὶ τοῖς μὲν ἄλλοις ἅπασιν ἐντιμός τε καὶ λόγου πολλοῦ ἄξιός, ὡς τὸ εἰκός, ἦν, μόνος δὲ Ἰωάννης αὐτῷ χαλεπῶς εἶχε καὶ πολλῇ ἐπιβουλῇ ἐς αὐτὸν εἶχετο, κατ’ ἄλλο μὲν οὐδέν, ὅτι δὲ αὐτὸς μὲν τὸ ἐκ πάντων ἔχθρος ἐφ’ ἑαυτὸν εἶλκε, Βελισάριος δὲ πάντων εὐδοκιμῶν μάλιστα ἔτυχεν: ἐπ’ αὐτῷ τε γενομένης τῆς Ρωμῆων ἐλπίδος αὐθις ἐπὶ Πέρσας ἐστράτευσε, τὴν γυναῖκα ἐν Βυζαντίῳ ἀπολιπών.”

<sup>253</sup> EVANS, James Allan Stewart, op. cit., p. 221.

que, num momento em que todos os romanos estavam assustados de medo e se escondiam em suas defesas, e Chosroes com um poderoso exército havia entrado nos domínios romanos, um general com apenas alguns homens, veio de Bizâncio e acabava de chegar, para enfrentar o rei persa e Chosroes inesperadamente, por medo da fortuna ou do valor desse homem ou então enganado por algum truque, não avançou, fugiu, embora fingindo estar buscando a paz.<sup>254</sup>

Procópio também enfatiza a importância de Belisário durante a Revolta de Nika, que quase conseguiu retirar de Justiniano o poder imperial. O general, junto com Mundo e Narses, conseguiu conter os revoltosos. A *Guerra Vândala*, marcou o ápice do projeto imperialista de Justiniano, pois em menos de um ano, suas tropas conseguiram derrotar o reino vândalo e restaurar o controle imperial no Norte da África. Devido a esses sucessos, Belisário leva o rei Gelimer a Bizâncio e celebra o triunfo em 534, no ano seguinte conseguiu o consulado. Procópio descreve com detalhes esta celebração:

Belisário, ao chegar a Bizâncio com Gelimer e os vândalos, foi considerado digno de receber tais honras, como nos tempos antigos foram atribuídas a esses generais romanos que haviam conquistado as maiores e mais notáveis vitórias. E um período de cerca de 600 anos tinham se passado, e desde então, ninguém tinha alcançado estas honras, exceto, talvez, Tito e Trajano, e tais outros imperadores que tinham levado os exércitos contra alguma nação bárbara e tinham sido vitoriosos.<sup>255</sup>

Porém, de acordo com o historiador, as vitórias e a crescente popularidade de Belisário chamaram a atenção do imperador, pois alguns oficiais que estavam a serviço do general, o acusaram de querer tomar o poder no Norte da África:

Esse foi o fim da Guerra da vândala. Mas a inveja, como costuma acontecer em casos de grande fortuna, aumentava contra Belisário, mesmo sem ele prover nenhum pretexto para isso. Alguns oficiais fizeram calúnias contra ele para o imperador, acusando-o sem qualquer

<sup>254</sup> PROCOPIUS. *Pers.* 2.21.28-30:

“Ρωμαῖοι δὲ Βελισάριον ἐν εὐφημίαις εἶχον, μᾶλλον τε σφίσις ὁ ἀνὴρ ἐντούτῳ εὐδοκιμῆσαι τῷ ἔργῳ ἐδόκει ἢ ὅτε Γελίμερα δορυάλωτον ἢ τὸν Οὐίτιγινὲς Βυζάντιον ἤνεγκεν. ἦν γὰρ ὡς ἀληθῶς λόγου καὶ ἐπαίνου πολλοῦ ἄξιον, πεφοβημένων μὲνκάν τοῖς ὀχυρώμασι κρυπτομένων Ῥωμαίων ἀπάντων, Χοσρόου δὲ στρατῶμεγάλῳ ἐν μέσῃ γεγονότος Ῥωμαίων ἀρχῇ, ἀνδρα στρατηγὸν ξὺν ὀλίγοις τισιδρόμῳ ὄξει ἐκ Βυζαντίου μεταξὺ ἦκοντα ἀπ’ ἐναντίας τοῦ Περσῶν βασιλέως στρατοπεδεύσασθαι, Χοσρόην δὲ ἐκ τοῦ ἀπροσδοκίτου, ἢ τὴν τύχην ἢ τὴνἀρετὴν τοῦ ἀνδρὸς δείσαντα ἢ καὶ τισιν ἐξαπατηθέντα σοφίσμασιν, ἐπίπροσθεν μὴ κέτι χωρῆσαι, ἀλλὰ τῷ μὲν ἔργῳ φυγεῖν, λόγῳ δὲ τῆς εἰρήνης ἐφέισθαι.”

<sup>255</sup> PROCOPIUS. *Vand.* 4.9.1-3:

Βελισάριος δὲ ἅμα Γελίμερί τε καὶ Βανδύλοις ἐς Βυζάντιον ἀφικόμενος γερῶν ἠξιώθη ἃ δὴ ἐν τοῖς ἄνω χρόνοις Ῥωμαίων στρατηγοῖς τοῖς νίκαις τὰς μεγίστας καὶ λόγου πολλοῦ ἄξιας ἀναδησαμένοις διετετάχατο. χρόνος δὲ ἀμφὶ ἐνιαυτοὺς ἐξακοσίους παρωχῆκει ἤδη ἐξ ὅτου ἐς ταῦτα τὰ γέρα οὐδεις ἐληλύθει, ὅτι μὴ Τίτος τε καὶ Τραϊανός, καὶ ὅσοι ἄλλοι αὐτοκράτορες στρατηγήσαντες ἐπὶ τι βαρβαρικὸν ἔθνος ἐνίκησαν.



motivo, de querer o reino para ele, uma declaração que não tinha nenhum fundamento. [...]. E Belisário, que sabia das calúnias feitas pelos oficiais contra ele e que falavam que ele queria tomar o poder para si, queria chegar o mais rápido em Bizâncio, para poder esclarecer esse assunto e tomar alguma atitude contra os responsáveis.<sup>256</sup>

Dessa forma, apesar dos sucessos das campanhas militares, Procópio destaca que o general foi alvo de conspirações que minaram sua relação com Justiniano. Podemos notar também que o otimismo inicial da *Guerra vândala* e da *Persa* se transforma, tornando a narrativa cada vez mais crítica, atingindo o ápice no final das campanhas contra os godos e no oitavo livro. Segundo Averil Cameron, a *Guerra Gótica* é impregnada pelas desilusões e críticas de Procópio a Belisário, Justiniano e sua política imperialista.<sup>257</sup>

Como vimos anteriormente, na sessão sobre os líderes godos, na *Guerra Gótica* temos várias passagens que mostram o sofrimento da população romana com as guerras, a falta de recursos das tropas romanas e a tentativa dos ostrogodos de oferecerem o comando sobre o Império Ocidental a Belisário, que sempre mostrou-se leal a Justiniano. Porém, ao levar Vitigis a Bizâncio, o imperador não realizou uma cerimônia e nem comemorou sua vitória, mas, segundo Procópio, ficou com inveja dos feitos do general:

Mas, ao receber a riqueza de Teodorico, uma notável visão em si mesma, ele se limitou a apresentá-la para os membros do Senado no palácio, estando com inveja por causa da magnitude e esplendor da conquista; e nem trouxe para fora diante do povo, nem ele concedeu a Belisário o triunfo habitual, como tinha feito quando ele retornou de sua vitória sobre Gelimer e os Vândalos.<sup>258</sup>

Dessa forma, nas narrativas de Procópio, apesar das grandes conquistas de Belisário e mesmo mostrando-se fiel a Justiniano e aos seus projetos militares, o general

<sup>256</sup> PROCOPIUS. *Vand.* 4.8.1-5:

“Ὁ μὲν οὖν Βανδιλικὸς πόλεμος ἐτελεύτα ᾧδε. ὁ δὲ φθόνος, οἷα ἐν μεγάλῃ εὐδαιμονίᾳ φιλεῖ γίγνεσθαι, ᾧδαιεν ἤδη ἐς Βελισάριον, καίπερ αὐτῷ οὐδεμίαν παρέχοντα σκῆψιν. τῶν γὰρ ἀρχόντων τινὲς διέβαλον αὐτὸν ἐς βασιλεία, τυραννίδα αὐτῷ οὐδαμῶθεν προσήκουσαν ἐπικαλοῦντες. Σολόμωνα δὲ πέμψας αἴρεσιν Βελισαρίῳ παρέσχετο ἐλέσθαι ὁποτέραν ἀναυτῷ βουλομένῳ εἴη, πότερα ξὺν Γελίμερί τε καὶ Βανδίλοις ἐς Βυζάντιον ἦκειν, ἢ αὐτοῦ μένοντ' ἐκείνους στεῖλαι.”

<sup>257</sup> CAMERON, Averil, *Procopius and the sixth century... op. cit.*, p. 189-190.

<sup>258</sup> PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VII. 1. 3:

τὸν δὲ Θεουδερῖχου πλοῦτον ἀξιοθέατον ὄντα δεξάμενος ἐν Παλατίῳ τοῖς μὲν ἐκ βουλής ἐν παραβύστῳ θέαμα προῖθηκεν, ἐπὶ τῷ ὄγκῳ τῶν πεπραγμένων φιλοτιμούμενος, οὔτε δὲ ἐς τὸν δῆμον ἐξήνεγκεν οὔτε τὸν θρίαμβον Βελισαρίῳ παρέσχετο, ὥσπερ ἠνίκα Γελίμερά τε καὶ Βανδίλους νενικηκῶς ἦλθε.

não gozou de muitos privilégios junto ao imperador. Com a chegada de Narses<sup>259</sup> à Itália, essa situação fica mais evidente. Narses exercia em Constantinopla um importante cargo de administrador do tesouro imperial e ganhou a confiança de Justiniano após a revolta de Nika, transformando-se em um dos homens mais influentes em Bizâncio.<sup>260</sup> Por ser adepto ao monofisismo, tornou-se próximo da imperatriz Teodora, que partilhava dessa mesma doutrina cristológica<sup>261</sup>.

Ao chegar na Península Itálica, as tensões entre ele e Belisário aumentam. De acordo com Procópio, Narses, junto com outros comandantes militares<sup>262</sup> e suas tropas, recusavam-se a seguir as ordens de Belisário, devido a essa situação, Justiniano intervém e ordena a volta de Narses a Bizâncio. A partir do livro VI a situação de Belisário se torna mais instável, novamente ele é acusado por alguns comandantes militares de querer usurpar o poder do imperador no Ocidente, principalmente após os godos oferecerem o seu reino a ele. Justiniano também parece suspeitar e temer as vitórias e a popularidade do general, e por isso manda dois embaixadores<sup>263</sup> para a Itália, sem Belisário saber, com a função de negociar com os godos o fim da guerra. Em 540, o general e Procópio voltam a Bizâncio<sup>264</sup>. O final dos combates contra os godos é realizado sob o comando de Narses, que diferentemente de Belisário, contou com um grande exército e recursos. Apesar de Procópio descrever Narses como vaidoso, ciumento, insubordinado, mesquinho e excessivamente dependente de auxiliares bárbaros, o historiador o elogiou por ser um comandante bem-sucedido.<sup>265</sup>

Desse modo, podemos perceber que para Procópio as ações de Justiniano com Belisário se transformaram devido às intrigas de alguns comandantes militares, mesmo com suas vitórias e sua aparente lealdade, o general parece perder o apoio do imperador. No final de suas narrativas, o historiador não esconde sua decepção com as campanhas

---

<sup>259</sup> Narses era proveniente da região da Persarmênia, exercendo o cargo de *praepositus sacri cubiculi* de Teodora e Justiniano, em 538 foi enviado à Península Itálica com um exército para lutar contra os ostrogodos. Cf. STEWART. Michael Edward. *The Andreios Eunuch-Commander Narses: Sign of a Decoupling of Martial Virtues and Masculinity in the Early Byzantine Empire?* In: *Cerae: An Australasian Journal of Medieval and Early Modern Studies*, n. 2, 2015.

<sup>260</sup> CESAREIA, Procópio de. *História de las Guerras: Livros V-VI Guerra Gótica*. Introdução, tradução y notas de José Antônio Flores Rubio. Madrid: Editorial Gredos, 2007, p. 12.

<sup>261</sup> STEWART. Michael Edward, *op. cit.*, p. 8.

<sup>262</sup> Cf. PROCOPIUS. *Goth.* 6.19.8-9; 6.21.39; 6.30.1-3.

<sup>263</sup> Cf. PROCOPIUS. *Goth.* 6.29

<sup>264</sup> Em 544 Belisário retorna à Península Itálica, mas em 548 Justiniano solicita a sua volta a Constantinopla. Não há evidências de que Procópio acompanhou o general nessa segunda incursão contra os ostrogodos. Cf. KAZHDAN, Alexander P, *op. cit.*, p.278.

<sup>265</sup> Cf. Críticas a Narses: PROCOPIUS. *Goth.* 6.18.11; 6.19.18; 6.18.28-29; 8.23.17-20. Elogios: PROCOPIUS. *Goth.* 6.13.16; 8.26.5; 8.31.22; 8.35.36.

militares e com suas consequências para os territórios conquistados e para a população romana. Justiniano aparece nas narrativas como um governante que não apoia suas tropas com os devidos recursos, além de aparentar ter inveja de Belisário. Narses, que contava com o apoio de Teodora, mesmo não tendo conseguido grandes vitórias e a popularidade de Belisário e sendo um dos responsáveis pelas intrigas contra o general, contou com a ajuda imperial para manter suas tropas, conseguindo terminar o projeto imperialista de Justiniano.

## CONCLUSÃO

As três obras de Procópio de Cesareia, *História das Guerras*, *História Secreta* e *Sobre as Construções*, são consideradas pelos pesquisadores as fontes mais ricas e completas sobre o imperador Justiniano e o seu governo, devido a variedade dos assuntos abordados em suas narrativas. Inclusive, nos últimos dez anos, houve um aumento considerável sobre os estudos acerca da vida e das obras do historiador, devido a um crescente interesse sobre o reinado de Justiniano, com um foco cada vez maior na documentação produzida na Antiguidade Tardia e em Bizâncio<sup>266</sup>.

O trabalho aqui desenvolvido buscou analisar como Procópio, em sua obra *História das Guerras*, construiu a imagem dos líderes político-militares envolvidos nos empreendimentos bélicos de Justiniano nos antigos territórios do Império Romano no Ocidente e contra os Persas no Oriente, assim como suas relações com Bizâncio. Para isso, examinamos e contrastamos as descrições do imperador com os principais líderes bárbaros descritos na narrativa, com o objetivo de demonstrar o que seria um bom ou mau governante de acordo com a narrativa procopiana.

Apesar das *Guerras* serem associadas ao discurso oficial de poder, encontramos uma variação da parte do autor no processo de descrição e avaliação dos eventos, no qual notamos uma mudança gradativa do historiador em relação a esses conflitos e a atuação dos personagens<sup>267</sup>. De forma que, ao contrário do que se espera, Justiniano vai sendo descrito de forma mais crítica ao longo da narrativa, em contraste com alguns reis bárbaros passaram a serem vistos de uma maneira mais positiva, como foi o caso dos reis godos.

Logo nos primeiros livros da obra, já encontramos um número considerável de críticas ao projeto militar de Justiniano. Porém, como tentamos demonstrar acima, esses questionamentos foram feitos de forma velada através das falas e ações de outros indivíduos. O que fica mais claro ao longo da narrativa, na qual Procópio escreve ainda sobre a corrupção, ilegalidade e prejuízos que esses combates causaram ao Império Romano e a população. Desse modo, o historiador poderia ser até favorável inicialmente a esse projeto imperial, que buscava restauração do controle político nesses territórios,

---

<sup>266</sup> GREATREX. Geoffrey, *op. cit.* p. 76-77.

<sup>267</sup> Hipótese levantada inicialmente por Averil Cameron em seu livro *Procopius and the Sixth Century*. Cf: CAMERON, Averil, *Procopius and the Sixth Century...op. cit.*, p. 7.

porém, devido ao impacto desse longo período de guerras, assim como algumas políticas autocráticas e religiosas do imperador, conseguimos perceber essas alterações na percepção do autor acerca desses eventos, assim como, sobre Justiniano e seu governo.<sup>268</sup> De modo que, as descrições mais positivas dos reis bárbaros em comparação ao imperador, seriam uma também uma maneira usada pelo historiador para criticar Justiniano.

Por fim, como podemos perceber são múltiplas as possibilidades de construção da imagem do imperador Justiniano, sendo as obras do historiador, um bom exemplo, pois trazem perspectivas diferentes acerca do mesmo personagem. Tentar definir de maneira clara os trechos da *História das Guerras* que aparecem as críticas do autor é um trabalho difícil e exigiria, além da comparação entre os personagens descritos, a comparação e análise com as outras obras do autor. Além disso, é preciso destacar que o contexto em que Procópio escreve foi marcado por grandes mudanças políticas, culturais, religiosas e territoriais, caracterizado pela imagem de Justiniano como poder máximo, o contato entre romanos e bárbaros e pela consolidação da fé cristã.

---

<sup>268</sup> Posicionamento levantado por Anthony Kaldellis. Cf: KALDELLIS, Antony. Procopius' *Persian War*: a thematic and literary analysis ... *op. cit.* p.156-157.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES

AGATÍAS. *Historias*. Traducción por Bergoña Ortega Villara. Madrid: Editorial Gredos, 2008.

EVAGRIUS SCHOLASTICUS. *The Ecclesiastical History of Evagrius Scholasticus*. English translation by Michael Whitby. Liverpool: Liverpool University Press. 2000.

JOHN MALALAS. *The Chronicle of John Malalas*. English translation by Elizabeth Jeffreys; Michael Jeffreys; Roger Scott. Melbourne: Australian Association for Byzantine Studies. 1986.

PROCOPIUS. *De Bello Gothico. History of the Wars. The Gothic War*. English translation by H. B. Dewing. London: Harvard University Press. 2006.

\_\_\_\_\_. *De Bello Vandalico. History of the Wars. The Vandalic War*. English translation by H. B. Dewing. London: Harvard University Press. 2006.

\_\_\_\_\_. *De Bello Persico. History of the Wars. The Gothic War*. English translation by H. B. Dewing. London: Harvard University Press. 2006.

\_\_\_\_\_. *Anedocta*. English translation by H. B. Dewing. London: Harvard University Press. 2006.

\_\_\_\_\_. *Buildings*. English translation by H. B. Dewing. London: Harvard University Press. 1996.

### OBRAS DE REFERÊNCIA

BALANDIER, Georges. *O Dédalo para finalizar o século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1999.

BAPTISTA, Lyvia de Vasconcelos. *Procópio e a apropriação do modelo tucidideano: a representação da peste na narrativa histórica (VI século d.C.)*. Dissertação de mestrado, UFG: Goiás, 2008.

\_\_\_\_\_. O elemento religioso na interpretação dos acontecimentos da Guerra pérsica. *Revista Romanitas– Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 5, 2015, p.225-243.

\_\_\_\_\_. *História e retórica na análise do proêmio da obra Guerra Persa. CODEX: Revista Discente de Estudos Clássicos*, vol. 3, 2009, p.39-49.

\_\_\_\_\_. *O logos da Guerra Pérsica: Uma análise da perspectiva histórica da obra de Procópio de Cesareia (VI.D.C)*. Tese de doutorado, UFRGS: Porto Alegre, 2013

BOY, Renato Viana. *Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica: da “Queda de Roma” ao período de Justiniano*. Tese de doutorado, USP: São Paulo, 2013.

\_\_\_\_\_; BAPTISTA, Lyvia Vasconcelos. A construção de uma narrativa: os olhares de Procópio de Cesareia sobre as guerras de Justiniano. *Revista Teoria da História*, Ano 7, Número 13, p. 125-143.

BROWNING. Robert. *Justinian and Theodora*. London: Thames and Hudson, 1987.

CAMERON, Averil. *Procopius and the Sixth Century*. London: Duckworth, 1996.

\_\_\_\_\_. *The Mediterranean World in Late Antiquity*. London/New York: Routledge, 1996.

\_\_\_\_\_. *Christianity and the Rhetoric of Empire: The Development of Christian Discourse*. London: University of California Press, 1994.

BARKER, John W. *Justinian and the Late Empire*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1966.

\_\_\_\_\_. Justin I and Justinian. In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael. *The Cambridge Ancient History Late Antiquity: Empire and Successors A.D. 425-600*. Cambridge University Press, 2008.

DAITZ, Stephen G. Tacitus' Technique of Character Portrayal. *The American Journal of Philology*, vol. 81, 1960, p. 30-52.

DIEHL, Charles. *Os grandes problemas da história bizantina*. São Paulo: Editora das Américas, 1961.

DIGNAS, Beate; WINTER, Engelbert. *Rome and Persia in Late Antiquity. Neighbours and Rivals*. New York: Cambridge University Press, 2007.

DOWNEY, G. Paganism and Christianity in Procopius. *Church History*, vol. 18, n. 2, 1949, p. 89-102.

DRIJVERS, Jan Willem. A Roman Image of the "Barbarian" Sasanians. In: MATHISEN, Ralph W.; SHANZER, Danuta (Ed.). *Romans, barbarians, and the transformation of the Roman world: cultural interaction and the creation of identity in Late Antiquity*. London: Ashgate, 1988, p. 67-76.

\_\_\_\_\_. Rome and the Sasanid Empire: Confrontation and Coexistence. In: ROUSSEAU, Philip; RAITHEL, Jutta (Ed.). *A Companion to Late Antiquity*. London: Blackwell, 2009, p. 441-444.

EVANS, James Allan Stewart. Justinian and the historian Procopius. *Greece & Rome*. vol. 17, n. 2, 1970, p. 218-223.

\_\_\_\_\_. *The Age of Justinian. The circumstances of imperial power*. New York: Routledge, 1996.

FRIGUETTO, Renan. *A Antiguidade Tardia: Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras Numa Época de Transformações (Séculos II-VIII)*. Curitiba: Juruá, 2012.



GEARY, Patrick J. *O mito das nações. A invenção do nacionalismo*. Tradução: Fábio Pinto. São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. Barbarians and Ethnicity. In: Bowersock, G. W.; Brown, Peter; Grabar, Oleg (Ed). *Interpreting Late Antiquity: essays on the postclassical world*. Massachusetts: Harvard University Press, 2001, p.107-129.

GILMER, James M. Procopius of Caesarea: A Case Study in Imperial Criticism. *ByzantinaΣymmikta*, n. 23, 2013, p. 45-57.

GREATREX, Geoffrey. Perceptions of Procopius in Recent Scholarship. *Histos*, 8, 2014, p. 76-121.

\_\_\_\_\_. Byzantium and the East in the Sixth Century. In: MASS, Michael (Ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 477-509

GONÇALVES, Ana Tereza Marques. Construção e inserção de imagens na memória política romana: o caso dos severos. *História Revista* (UFG), Goiânia/GO, vol. 9, n. 1, p. 107-144.

HALSALL, Guy. *Barbarian Migrations and the Roman West, 376 -568*. New York: Cambridge University Press, 2007.

HOLUM, Kenneth G. The Classical City in the Sixth Century. Survival and Transformation. In: MASS, Michael. *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p.161-164.

HUMFRESS, Caroline. Law and Legal Practice in the Age of Justinian. In.: MAAS, Michael (ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 87-102.

JOLY, F. D. Teleologia e Metodologia Históricas em Tácito. *História revista*. Goiânia, vol. 6, n. 2, p. 25-50.

JONES, Brian W. *The Emperor Domitian*. New York: Routledge, 1992.

KALDELLIS, Antony. Procopius' *Persian War*: a thematic and literary analysis. In: MACRIDES, Ruth (ed.). *History as literature in Byzantium*: papers from the Fortieth Springs Symposium of Byzantine Studies, University of Birmingham, April 2007. Aurrey: Ashgate, 2010, p.253-273.

\_\_\_\_\_. *Procopius of Caesareia: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2004.

KAZHDAN, Alexander P. (Ed.). *The Oxford Dictionary of Byzantium*. Oxford: Oxford University Press. 1991.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. *O Que é Imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

LEMERLE, Paul. *História de Bizâncio*. São Paul: Martins Fontes, 1991.

LINO, Sarah de Azevedo Fernandes. *História, Retórica e Mulheres no Império Romano* - Um estudo sobre as personagens femininas e a construção da imagem de Nero na narrativa de Tácito. Ouro Preto: EDUFOP/ PPGHIS, 2012.

LOUGHT, Andrew. Justinian and his legacy (500-600). In: SHEPARD, Jonathan (org). *The Cambridge history of the Byzantine Empire*. United States of America: Cambridge University Press, 2008.

MARINCOLA, John. *Authority and Tradition in Ancient Historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MASS, Michael. Roman Questions, Byzantine Answers contours of the Age of Justinian. In: MASS, Michael (Ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 03-27.

MERRILES, Andy; MILES, Richard. *The Vandals*. London: Wiley-Blackwell, 2016.

MOORHEAD, John. The Byzantines in the West in the six century. In: FOURACE, Paul (org). *The New Cambridge Medieval History*. Vol. I.c.500-c.700. Cambridge University Press, 2005, p. 118-161.

PAZDERNIK, Charles F. Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field. *Transactions of the American Philological Association*. vol. 130. Emory University, 2000, p. 149-187.

\_\_\_\_\_. Justinianic Ideology and the Power of the Past. In: MASS, Michael. *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p.184-214.

\_\_\_\_\_. "The Great Emperor": A Motif in Procopius of Caesarea's *Wars*. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, n. 57, 2017, p. 214-230.

POHL, Walter. El concepto de etnia en los estudios de la Alta Edad Media. In: LITTLE, Lester K. y ROSENWEIN, H. *La Edad Media a debate*. Madrid: Ediciones Akal, 2003, p.35-49.

\_\_\_\_\_. Strategies of Distinction. In: POHL, Walter; REIMITZ, Helmut (org.). *Strategies of Distinction: The Construction of the Ethnic Communities, 300-800*. Leiden: Brill, 1998, p.02-15.

\_\_\_\_\_. Justinian and the Barbarian Kingdoms. In: MASS, Michael. *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p.448-476.

OSTROGORSKY, Georg. *História del Estado Bizantino*. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984.

RAPP, Claudia. Literary culture under Justinian. In.: MAAS, Michael (ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p.376-400.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REINSCH, Diether Roderich. Byzantine Adaptations of Thucydides. In: RENGAKOS, Antonios; TSAKMAKIS, Antonis (Ed.). *Brill's Companion to Thucydides*. Boston: Brill, 2006, p.755-778.

ROLLER, Matthew. The exemplary past in Roman historiography and culture. In: FELDHERR, Andrew (ed.) *The Cambridge Companion to the Roman Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p.214-230.

RUNCIMAN, Steven. *A civilização bizantina*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

RUPPENTHAL NETO, W. Os Verdes e Azuis na História Secreta de Procópio. *Plêthos*, vol. 2, 2012, p. 75-96.

SCOTT, Roger. The Classical Tradition in Byzantine Historiography. In: MULLET, Margareth and SCOTT, Roger (eds.), *Byzantium and the Classical Tradition*. Birmingham: University of Birmingham, 1981, p. 61-74.

SILVA, Daniele Galindo Gonçalves; ALBUQUERQUE, Maurício da Cunha. Bárbaros ou/vs romanos? Sobre identidades e categorias discursivas. *Mirabilia* (Vitória. Online), vol. 21, 2015, p. 345-359.

STEWART. Michael Edward. The *Andreios* Eunuch-Commander Narses: Sign of a Decoupling of Martial Virtues and Masculinity in the Early Byzantine Empire? In: *Ceræ: An Australasian Journal of Medieval and Early Modern Studies*, n. 2, 2015, p. 1-25.

TAKACS, Sarlota A. *The Construction of Authority in Ancient Rome and Byzantium*. New York: Cambridge University Press, 2009.

TREADGOLD, Warren. The Byzantine word histories of John Malalas and Eustathius of Epiphania. *The International History Review*, vol. 29, n. 4, 2007, p. 709-745.

\_\_\_\_\_. *A history of the Byzantine State and Society*. California: Stanford University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. *The early Byzantine historians*. London: Palgrave Macmillan, 2010.

VASILIEV, Alexandre A. *Historia del Imperio Bizantino*. Barcelona: Iberia, 1945.

WIEDEMANN, Thomas. Reflections of roman political thought in Latin historical writing. In: ROWE, Christopher (Ed.) *The Cambridge history of Greek and Roman political thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 517-531.